

MEMÓRIAS & NARRATIVAS EM ARTES VISUAIS

Maria Betânia e Silva [ORG.]

MEMÓRIAS & NARRATIVAS EM ARTES VISUAIS

Maria Betânia e Silva [ORG.]


Editora
UFPE
Recife
2022

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

EDITORA ASSOCIADA À



Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Conselho Editorial (Coned)

Alex Sandro Gomes

Carlos Newton Júnior

Eleta de Carvalho Freire

Margarida de Castro Antunes

Marília de Azambuja Machel

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Pró-Reitor: Oussama Naouar

Diretor de Extensão: Demócrito da Silva

Diretor de Cultura: Luís Reis

Editoração

Revisão de texto: Igor Andreas Rodrigues Bandim

Projeto gráfico: Pedro Henrique Gomes dos Santos

Imagem da capa: Mila (Camila de Lima Cantil). *Casa [Corpo]*, 2020 (lápis de cor aquarelável, guache e nanquim sobre papel vergê)

Obra aprovada no Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística nº 10/2019 – PROEXC/UFPE

Catálogo na fonte

Biblioteca Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

M533 Memórias & narrativas em artes visuais [recurso eletrônico] / organização : Maria Betânia e Silva. – Recife : Ed. UFPE, 2022.

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-5962-150-7 (online)

1. Artes. 2. Artes – Estudo e ensino. 3. Arte brasileira. 4. Memória coletiva.
5. Multiculturalismo. I. Silva, Maria Betânia e (Org.).

700

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2022-081)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



Sumário

Apresentação • **Jogo da memória** • 08

Renata Wilner

1. **Memórias e narrativas da docência** • 16

Maria Betânia e Silva

2. **O que você deixou de ser quando cresceu?** • 34

Bruna de Sousa Pedrosa Paes

3. **Os lares que habito** • 57

Camila de Lima Cantil

4. **Notas sobre um tipo de vida esquecida** • 66

Camilla Fernanda da Fonseca

5. **Coração de flores e mapa existencial** • 70

Ediel Barbalho de A. Moura

6. **Significados, ideias e pensamentos** • 82

Glauyellen Lopes da Silveira

7. Experiência de formação • 98

Heitor Souza Lima

8. Sonho com serpentes • 108

Jaci Borba

9. Prática e formação docente em Artes Visuais • 127

Juliana Wanderley Silva

10. O som do fado • 151

Lizandra Santos

11. Hypomnemata • 164

Marcos Haas

12. Me-mó-ri-a • 181

Marianna dos Santos Melo

13. 3ª série manhã • 188

Mitsy Queiroz

14. Retrovisor • 196

Myllena Matos

15. Elegia • 199

Nicolly Vitorino

**16. Narrativa memorial a partir do Soulcollage®:
um processo intuitivo e experiencial • 208**

Oneida Karoline Falcão Silva

17. **Narrativa: uma breve memória da infância** • 235

Pamela Silveira de Moura

18. **Cartas para lembrar quem sou** • 240

Rayellen Alves

19. **Querido diário** • 253

Rhayssa Figueiredo

20. **(A)Parente existência** • 259

Sandro Drumond Barbosa de Moraes

Sobre as autoras e os autores • 295

Gratidão às/aos estudantes da Graduação e da Pós-Graduação em Artes Visuais e às/aos estudantes de outros cursos da UFPE e em Mobilidade Acadêmica que vivenciaram as múltiplas experiências do componente curricular Memória e Narrativa, por mim ministrado. Elas e eles são as/os protagonistas das obras que compõem este livro!

Gratidão à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC) da UFPE, pela aprovação deste trabalho e pelo financiamento de sua publicação por meio do Edital de Apoio à Pesquisa em Criação Artística nº 10/2019.

Gratidão, em especial, à diretoria da PROEXC e à sua equipe, que, incansavelmente, continuam a promover a relação dialógica, transformadora e integradora entre a universidade e a sociedade.

APRESENTAÇÃO

Jogo da memória

Renata Wilner

Os textos agrupados nesta coletânea são resultantes de um componente curricular oferecido a estudantes de Graduação e da Pós-Graduação em Artes Visuais, e do qual participaram, também, estudantes de outros cursos. O componente foi ministrado pela querida colega Maria Betânia e Silva, que descreve, a seguir, o processo pedagógico que deu origem a este livro. Parabenizo a professora e a turma pelo resultado apresentado, mostrando grande envolvimento com o projeto e grande sensibilidade por parte do grupo. Gostaria de destacar a liberdade no formato dos trabalhos, abrangendo desde artigos no padrão acadêmico a relatos de experiência, poesias, cartas, desenhos, ensaios fotográficos, videoarte, fotoperformance e registros de produção artística em materialidades diversas. Essa variedade de meios e linguagens torna a leitura muito fluida e instigante, além de animada pela exploração estética em todo o seu percurso. Do ponto de vista artístico/pedagógico, do qual toda essa potência poética é fruto, configura-se uma experiência que se afina com um direcionamento no qual venho também investindo tempo desde minha prática na Educação Básica, e que consiste na abertura do meio de expressão à escolha discente para a avaliação, acompanhada da devida orientação ao longo de todo o processo.

Assim como a narrativa da experiência docente de Betânia toca, de alguma forma, a memória de minha trajetória na docência como um todo, as narrativas aqui trazidas são capazes de mobilizar, quando nos identificamos com seus elementos, as nossas lembranças mais íntimas. Mas não só isso! Simultaneamente à identificação que possa surgir, no momento da leitura, com a memória da outra pessoa, somos transportados pela narrativa à sua vida, a uma relação de alteridade que nos possibilita observar, sentir e aprender com a/o outra/o; similar, em parte, e diferente, em parte. O que é possível ter em comum possui, como pano de fundo, uma memória coletiva: um lugar, um deslocamento de lugar, as fases etárias da vida, a formação e a atuação profissional, as relações familiares e amorosas etc. Mas ao se trazer à tona aspectos existenciais íntimos e ínfimos, vislumbramos a singularidade das experiências de vida, únicas e intransferíveis.

10

O resultado dessa proposta pedagógica mostra como o autoconhecimento é parte importante da formação pessoal e profissional, e de forma entrelaçada. Trata-se da possibilidade de aprender com a própria experiência, que, por sua vez, não é solitária. Afinal, aprende-se, também, com a experiência da outra pessoa. Por isso o autoconhecimento é, também, conhecimento. Exemplos disso são as histórias de vida generosamente compartilhadas nas páginas deste livro.

Nesse sentido, compilar os escritos a partir de memórias, de reflexões sobre a memória, ou, ainda, de poéticas a partir da memória, desdobrando-as para o devir, configura uma ação de preservação do patrimônio individual e coletivo: intervenção no presente a fim de salvaguardar o passado no futuro. Daí a importância dos registros quando o corpo, sozinho, não consegue mais acessar os acontecimentos passados – no processo

natural, afinal, o esquecimento é inevitável, já que esse corpo possui mecanismos de defesa e limitações. Tanto o ato de gerar esses registros, materializados em livro, como o seu conteúdo mesmo propiciam o acesso aos patrimônios individuais de cada participante – diários, fotos, cartas, *e-mails*, publicações em redes sociais etc. Cada registro pode, assim, ser acessado na leitura e disparar uma série de lembranças, ou mesmo causar a angústia de não conseguir recordar. Os artefatos de memória nos afetam. Alguns, como os diários e os álbuns de família, são produzidos com o propósito de constituírem documentos pessoais de memória. Aqui, nas narrativas que se seguem, eles são recriados de formas diversas e peculiares, podendo chegar até à angústia da “não lembrança”.

11

Há também o registro interno, não materializado, mas arquivado nas nossas dimensões mentais conscientes e inconscientes. Só é arquivado o que foi significativo, mas essa significação não é atribuída em função da escala de valores de uma hierarquia social artificial, nem é passível de controle. É possível, também, que ela esteja nos meandros de detalhes cotidianos aparentemente banais, porque é movida pelos afetos, que podem reverberar em tempos descontínuos, e não por meio de uma programação racional deliberada. São esses detalhes passíveis de se tornarem importantes marcos de aprendizagem informal.

O “jogo da memória” consiste em procurar duas peças com a mesma imagem. Para isso, é necessário dedicar atenção às posições das peças. Durante o jogo, as imagens são sucessivamente reveladas e escondidas. Nossa memória busca as imagens das situações vividas. As peças são viradas no tempo, não no espaço. Elas podem ocupar posições remotas ou recentes. Procuramos reconstruir cada imagem idêntica ao que já foi. O

jogo consiste em trazer o que não existe mais ou deixar o que existe ainda? Gestos de persistência, resistência da existência. No entanto, as peças nunca serão idênticas.

Nas teorias contemporâneas, muito se tem falado dessa unidade corpo/mente. Como dispositivo mental, a memória é corporal. A professora Betânia se valeu de estratégias da memória sensorial para disparar as suas narrativas. A memória pode ser o perfume que a pessoa amada usava, o sabor do bolo quentinho que a avó tirava do forno... Enquanto acessamos o repositório dos afetos, nosso corpo em *aesthesis* é mobilizado. Podemos chorar, podemos sentir o coração aquecido pelas lembranças, e algumas nos farão sentir arrepios e mal-estar. Elas vêm com carga emocional, estão no corpo. Uma “ausência-presença”. Corpo que carrega marcas de violência, de amores e desamores, de repressões, da adaptação ao trabalho, das sensações de liberdade e de alegria. Corpo que sente saudades.

Esse corpo também é coletivo. Porque a memória cultural do conjunto de corpos a que ele se filia transmite suas narrativas orais e suas práticas corporais, trazendo as marcas da ancestralidade, ou seja, dos corpos que já não estão presentes. Porque uma existência não cabe somente em si mesma: ela é atravessada por outras subjetividades e, também, se desloca de si para o outro, para muitos outros e outras, no espaço e no tempo que os corpos habitam. O corpo tem memória como matéria. Tem código genético. Tem hábitos aprendidos culturalmente e, também, a potência de sua transgressão. Tem sensações que registram acontecimentos e fabricam as lembranças.

O corpo é feito de memórias, sim, e de água. Cerca de 60% do corpo humano é preenchido por água. Essa relação líquida, da memória e da ancestralidade da água que nos compõe, aparece em vários escritos desta coletânea. Ela pode ser evocada

no horizonte do mar que a vista alcança e que nos desafia como imensidão e mistério ou na imagem do rio que não para de passar, assim como o fluxo da vida. “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”, disse Heráclito. O percurso é definido por margens – marcos referenciais a conduzir o curso e a lembrar águas passadas... A água, quando chega na foz, já está modificada. Ela pode ir carregando alguns sedimentos, ou deixando-os pelo trajeto. No mesmo trecho, as águas podem se tornar caudalosas ou secar, de acordo com as condições climáticas. O próprio rio em si se transforma; suas margens podem sofrer alterações. Mundo dinâmico e complexo. Ao banhar-se no rio, a sensação da água remete à vez anterior em que se banhou. Mas já não é mais a mesma água. São vivências correspondentes. “Recordar é viver”, diz o ditado popular. Viver, e não reviver. O que foi vivido passou, mas ficou guardado como memória – como imagem, como sensação, como cenas, como falas e pensamentos a serem revisitados. Lembrar é construir uma narrativa para os fragmentos de existência guardados a partir dos momentos outrora vividos. Revisitar o interior da infância não é voltar à infância do interior. Mas é possível buscar a infância no seu próprio interior. Narrar é dar esse mergulho interior, trazendo-o à tona, exteriorizando-o.

Por isso a memória nunca vem congelada e dura. Ela vem encharcada de sentimentos, ela move-se com os sentidos e é reconstituída pela narrativa. Ao narrar, reinventa-se outra experiência para remeter àquela que já não é. Narrar memórias é um processo de busca do que já se perdeu. É remexer gavetas imaginárias. É um processo de amadurecimento para lidar com as várias mortes, no sentido de transformação, nos seus casos de passagem: da infância, para se tornar adulto; da gestação, para se tornar mãe; de um processo terapêutico; da superação

de uma doença ou de um sofrimento; ou da morte física de uma pessoa importante na sua vida. Os movimentos de construir-se, desconstruir-se e reconstruir-se, desacomodando-se, tornam compreensível aquilo que, ao longo dos processos cíclicos, depositou-se no seu ser, transformando-se para permanecer.

A correnteza do rio é movida por um fluxo de desejos que nos move adiante; porém, o percurso transcorre entre margens sinuosas, cheias de contornos e imprevistos. Algumas vezes, a água pode formar um redemoinho, e depois ficar turva. Somos constituídos pela relação com outres, alteridade costurando a identidade. Na complexidade das relações estão o acolhimento mútuo, a amizade e o ninho familiar, mas também os conflitos, as desconfianças, as traições, as decepções, as expectativas não correspondidas. As imagens podem vir distorcidas, apagadas, rabiscadas ou rasgadas. Imagens alteradas porque nosso acesso a elas é parcial: bloqueamos inconscientemente algumas fontes de sofrimento, muitas vezes apagamos aquilo que nos intoxica. Mas o que negamos também nos compõe. Não regemos a memória e o esquecimento de modo consciente, e o que estava submerso nas águas turvas poderá reaparecer em outro momento, plenamente, de forma límpida e transparente. Jogo da memória com imagens alternantes.

A memória alheia pode ser esse *objet trouvé* com o qual nos deparamos repentinamente, e cuja origem desconhecemos, mas à qual atribuímos um destino. Uma caixa em forma de coração encontrada ao léu. Não sabemos quem deu o que para quem ou o que há dentro dela, nem porque foi descartada, mas podemos dela nos apropriar para guardar nossos próprios afetos e significados.

A relação artística nem sempre condiz com as buscas científicas e históricas, por se guiar de modo mais intuitivo e

subjetivo. São métodos e propósitos distintos, mas que podem se alimentar mutuamente, tornando mais ricas as possibilidades de leitura. Em um país onde a força da colonialidade persiste e propõe, como política sistemática, o apagamento da memória da luta dos oprimidos, de suas referências culturais e étnicas, com seus acervos linguísticos, materiais, artísticos e arquitetônicos desvalorizados e destruídos, é preciso disputar narrativas. Que as histórias sejam contadas, cantadas e decantadas por seus/suas protagonistas.

Por isso, a escrita de si é também transbordamento de si para outres e deslocamento de outres para si. A memória individual alimentando narrativas coletivas. Jogo da memória. Embaralha as peças. A memória coletiva entranhada na individual, heranças. Recriação de antigas narrativas, produção de novas narrativas com esse material depositado ao longo dos dias, anos, décadas, séculos, na memória de cada um/a. Bordado de ponto atrás furando o tecido. Colagem de imagens dispersas.

Leitoras e leitores, revirem as peças únicas do jogo da memória de Betânia, Bruna, Camila, Camilla Fernanda, Ediel, Glaucyellen, Heitor, Jaci, Juliana, Lizandra, Marcos, Marianna, Mitsy, Myllena, Nicolý, Oneida Karoline, Pamela, Rayellen, Rhayssa e Sandro. Algumas delas eu peguei emprestadas para a escrita deste prefácio, porque deixei que me molhassem. Talvez o jogo faça com que vocês encontrem outras peças perdidas em seu próprio interior.

Renata Wilner

Prof.^a Dr.^a em Artes Visuais

Universidade Federal de Pernambuco

1

Memórias e narrativas da docência¹

Maria Betânia e Silva

¹ Parte desse texto foi apresentada no Congresso Nacional da Federação de Arte/Educadores do Brasil (2019), realizado em Manaus (AM). Naquela ocasião, o trabalho foi intitulado “Experiências pedagógicas: memórias da docência”. Aqui, o texto foi revisado e expandido.

Experimentar práticas pedagógicas que incluam, envolvam e despertem o interesse, a participação e o desejo de ampliar o saber é um desafio que se apresenta continuamente nas ações profissionais da docência.

A sala de aula e os encontros semanais com os estudantes fazem parte do laboratório de formação contínua e de experimentações que podem estimular o desenvolvimento de reflexões, proposições e problematizações sobre os saberes que atravessam a existência.

Este texto busca provocar o pensamento sobre o trabalho docente e a importância de seu registro a partir de ações desenvolvidas em um componente curricular do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que se propôs a integrar estudantes da graduação e da pós-graduação em torno do eixo Memória e Narrativa. Vinte e um estudantes vivenciaram experiências que serviram como disparadores de ativação de suas memórias pessoais sobre formação, e que contribuíram para seus processos criativos.

Trajetos percorridos

Durante quinze encontros presenciais, que duraram duas horas cada, pudemos discutir textos de autores como Halbwachs (2003),

Candau (2012), Bosi (2003), Adichie (2017) e Couto (2009), além de Achard, Davallon, Pecheux e Orlandi (2015).

Os encontros foram iniciados com atividades que pudessem ativar memórias pessoais via experimentação visual, auditiva, tátil, olfativa e gustativa.

Na obra de Duarte Júnior (2010), encontra-se um diálogo sobre o saber sensível que ele indica haver na existência humana em busca do conhecimento. Ele descreve que

[...] há um saber sensível, inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam: um saber direto, corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão (DUARTE JÚNIOR, 2010, p. 12).

18

Mais adiante, o autor enuncia o *sensível* como aquilo que é percebido pelos sentidos. Assim, em nossas experiências pedagógicas, buscamos trazer à tona provocações à percepção de que nossas memórias são registradas por meio dos sentidos, destacando também que, para percebermos essas ações, a educação sensível e seu refinamento se tornam imprescindíveis.

As discussões atravessaram o fio condutor das memórias individual e coletiva, bem como suas relações com o tempo, o espaço e a construção da identidade.

Ao refletirmos sobre o papel da memória, pudemos identificar a sua estreita conexão com os conceitos de identidade, representação, tempo, espaço, dispositivo. Ou seja, não é possível pensar em memória sem considerar e observar que a sua materialização está vinculada a todos eles. Achard (2015), por exemplo, nos ajuda a entender que a memória não pode ser provada, mas que ela só trabalha ao ser reenquadrada no discurso concreto em que nos situamos. Assim, para ele,

a estruturação do discurso constitui a materialidade de uma memória. Diante disso, os estudantes foram convidados a dialogarem entre si, e em grupos, na busca de elementos comuns entre vivências significativas dos encontros com a arte em suas trajetórias pessoais.

Nessa atividade, um grupo elaborou uma representação de memórias com as mãos, trazendo à tona memórias da infância. O segundo grupo registrou processos autoritários vivenciados em sala de aula e as relações estabelecidas com o próprio corpo. O terceiro grupo problematizou as distâncias que trazem aprendizados enquanto caminhos que representam escadas dentro de si, junto a sonhos de infância e ao entendimento de ser constituído por várias camadas. Por fim, o quarto grupo, através dos elementos ar, terra e água, refletiu sobre memórias de vida e morte e suas relações com o esquecimento e com as brincadeiras de infância. Em todos os grupos, foi visível não somente a interação entre os estudantes, os diálogos tecidos entre si, mas também os questionamentos que esses diálogos provocavam. Detalhes dessas produções estão representados na Figura 1.

Atividades em grupo proporcionam uma série de aprendizagens individuais e coletivas e um trabalho sobre si mesmo, exemplificando o silenciar para escutar o outro, o expor as ideias e pensamentos, o confrontar posicionamentos, o respeitar o pensamento divergente, o encontrar formas de ação e representação coletiva, assim como a percepção e o entendimento de outros pontos de vista etc.

Ao pensar sobre os encontros com a arte e ao estabelecer relações com a formação pessoal, foi levantado o seguinte questionamento: “Como posso pensar e falar sobre a minha



20

Figura 1. Detalhes dos trabalhos em grupo (colagem, 2019)

Fonte: acervo da autora.

formação se ela ainda está em processo e sei que ela nunca estará concluída?”.

Esse questionamento, trazido por uma estudante, destaca o quão importante é a tessitura da “[...] experimentação entendida como experiência reflexiva, provocada pelo pensar como um processo de indagação, de observação das coisas”, como aponta Costa (2010, p. 126).

Davallon (2015) destaca que, para haver memória, é preciso que o saber ou o acontecimento extrapole a indiferença. Ele reforça a vantagem fundamental que a imagem possui de representar e, ao mesmo tempo, de produzir sentido.

21

Ao se utilizar de disparadores e dispositivos com a finalidade acionar as memórias, estimulamos os estudantes através de debates e dos sentidos. Um deles foi o olfato, por meio de essências naturais, de diferentes espécies, que possuíam o objetivo de suscitar reflexões sobre como as experiências e seus registros na memória atravessam os nossos sentidos, para além do visual.

Assim, narrativas diversas foram tecidas e socializadas em sala de aula, como o prazer de sentir o cheiro dos lugares, espaços, objetos e pessoas que marcaram o tempo em seus percursos individuais. Experiências prazerosas e saudosas foram acionadas, como sentir o cheiro da comida que a mãe fazia enquanto as atividades escolares eram realizadas em casa. Ou mesmo a alegria de sentir o cheiro do café sendo filtrado todas as vezes que se chegava à casa da avó, onde eram vivenciados momentos afetivos de encontro familiar. Também se destacou o cheiro do talco que a avó utilizava ou o perfume de uma tia. O cheiro da terra molhada quando a chuva caía. Todas essas narrativas enfatizaram a produção de imagens revisitadas, produzidas, acionadas, por meio do sentido do olfato, em que



Figura 2. Experiência olfativa, 2019

Fonte: acervo da autora.

os próprios estudantes espontaneamente se puseram no centro da sala com os olhos fechados e, num profundo exercício introspectivo, foram sentindo, pouco a pouco, os odores das essências trazidas (Figura 2).

Discutindo sobre a memória coletiva, Halbwachs (2003) nos ajuda a entender que nem sempre encontramos as lembranças que procuramos porque temos de esperar que as circunstâncias as despertem e as representem para nós. O autor é enfático ao dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Os estudantes, ao discorrerem sobre suas memórias, reforçaram o que Halbwachs (2003) já havia dito, que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos e pensamos em certo momento. Isso quer dizer que nossa memória não se confunde com a dos outros, pois ela está direta e estreitamente limitada no tempo e no espaço. E é na história vivida que nossa memória se apoia. Nesse sentido, o autor evidencia ser impossível que duas testemunhas de um mesmo fato

o reproduzam com traços idênticos, e destaca também que a memória individual não existe desvinculada do grupo social em que se está inserida.

Ouvir-se, ouvir o próprio corpo, seus órgãos, seus movimentos, foi um desafio posto ao grupo através do exercício de relaxamento. Deitados no chão, na posição do Homem Vitruviano e ao som do músico e multi-instrumentista Kitaro, o tempo foi marcado pela experiência, que trouxe narrativas múltiplas. Elas revelam o quanto a vida contemporânea sufoca o mergulho interno do conhecer-se, do entender-se e do (re) posicionar nossas ações no mundo. Um dos estudantes disse nunca ter ouvido o seu próprio coração bater ou mesmo percebido o som e o movimento de suas próprias respiração e pulsação. Outro afirmou ter viajado para lugares e tempos distantes. Outro disse ter refletido sobre como é necessário parar frente à rotina desenfreada do cotidiano.

Ao observar esses relatos, Candau (2012), em suas conexões entre memória e identidade, nos ajuda a despertar a atenção para o *habitus*, enfatizado por ele, do ponto de vista corporal, que são como lembretes, ligações verbo-ação, que fazem funcionar corpo e linguagem enquanto depósito de pensamentos diferenciados e de tudo o que depende de disposições corporais – incorporadas de forma permanente, maneira durável de se portar, de falar, de caminhar e, para além disso, de sentir e pensar: saber herdado que não se separa jamais do corpo que o carrega.

Tão necessário quanto ouvir-se é ouvir, também, o outro. Nessa direção, uma das provocações acionadas em sala, ao discutirmos as relações entre a memória e a identidade, foi pedir aos estudantes que buscassem descobrir, em suas famílias, o significado de seus próprios nomes pessoais e como eles foram escolhidos. Esse movimento permitiu identificarmos o

que Candau (2012) realça: a ligação indissolúvel entre memória e identidade. O autor ainda destaca que o nome é sempre uma questão identitária e memorial, e que todo dever de memória passa, em primeiro lugar, pela restituição dos nomes próprios.

Muitos estudantes ficaram surpresos ao pensar sobre seus próprios nomes e com a descoberta de ouvir seus próprios familiares narrarem como eles foram escolhidos. Alguns relataram a dificuldade de aceitá-los quando crianças, devido às brincadeiras desagradáveis sofridas ou aos apelidos recebidos, mas todos, unanimemente, afirmaram que não se viam com outros nomes.

Nesse sentido, Candau (2012) ressalta que cada ser humano constrói sua identidade no decorrer do tempo.

O estímulo tátil foi outro dispositivo utilizado para refletir sobre as memórias que ficaram registradas no tempo por meio das vivências que permaneceram marcadas de forma significativa. Texturas diversas foram apalpadas com os olhos vendados,

24



Figura 3. Experiência tátil, 2019

Fonte: acervo da autora.

num ritual de profundo silêncio introspectivo. Lembranças foram acionadas com espaços percorridos, com brincadeiras de infância, com texturas de roupas novas que trouxeram alegrias rememoradas, com utensílios do dia a dia, com o caminhar descalço, que se uniu a sons, lugares e tempos diversos. Essas lembranças datadas no tempo e no espaço não se apresentaram em sequências cronológicas, mas mostraram que isso é o menos importante no processo de formação humana, nas relações interpessoais, no fortalecimento dos laços afetivos, na atribuição de sentidos e significados para se compreender como sujeitos da história, e não apenas como seu objeto, como já afirmara Paulo Freire (1996).

Na publicação mais recente de Barbosa (2019), há um texto, trazido por ela, de Eleanor Hipwell, em que a professora externaliza o seguinte pensamento:

Todos nós estamos aqui porque acreditamos que a arte é essencial para a sobrevivência civilizada. [...] A arte está ligada à criação e a criação precisa ser um ato individual. [...] A arte verdadeira e aceitável em toda parte, em todos os níveis, servindo a qualquer função, é, se honesta, básica e triunfantemente *diferente* (HIPWELL *apud* BARBOSA, 2019, p. 196).

Assim, ao longo de cada encontro com os estudantes, outras ideias de aprimoramento e de experimentação pedagógica foram sendo registradas. No entanto, vale considerar que, muitas vezes, os limites materiais, espaciais e temporais, bem como as situações imprevistas do cotidiano escolar provocam (des)(re)ordenamentos na atividade docente. Esses percursos possibilitam também situações de aprendizagem que se dão na própria prática profissional.

Enquanto docente, durante o semestre, também fui elaborando mapas conceituais da minha própria existência, atravessada por múltiplas experiências. Pensar-se, repensar-se continuamente, desacomodando os sentidos, as formas, os modos do fazer, do organizar a docência nas Artes Visuais, têm sido desafios constantes a que me tenho proposto, além de provocado nas práticas profissionais. Esses exercícios promovem novas formas de percepção, entendimento e dilatação da compreensão sobre o percurso da construção do conhecimento, que necessita, cada vez mais, estabelecer sentidos e significados capazes de operar transformações no ser e no estar no mundo.

Um desses mapas conceituais resultou na imagem a seguir.



Figura 4. Mapa conceitual, 2019 (colagem)

Fonte: acervo da autora.

Esse atravessamento de múltiplas experiências se conectou ao entendimento de que o saber docente se compõe de vários outros saberes, provenientes de diferentes fontes, como já dissera Tardif (2002). Assim, ele mesmo elenca algumas dessas fontes, como os saberes oriundos da formação profissional e os saberes disciplinares, curriculares e experienciais. O autor ainda chama a atenção para a importância de conhecer o trabalho dos professores levando em consideração os seus saberes cotidianos, e isso permite renovar nossa concepção não só a respeito de sua formação, mas também de suas identidades, contribuições e papéis profissionais.

27

O exercício da docência é sempre um território fértil para (re)aprendizagens, (re)descobertas, experiências, (re)invenções. Pensar-se e repensar-se continuamente na atuação profissional requer o viajar de si para si, não numa perspectiva narcisista, mas no movimento expandido que considera o processo humanizador. Sabino (2012) deixa isso claro, ao afirmar que, ao nos humanizarmos, podemos humanizar o outro, num ato dialético do fazer-fazendo-se.

Os estímulos visuais foram explorados em cada encontro por meio das apresentações imagéticas organizadas nos *slides*, que concentravam sínteses de discussões teóricas. A imagem com o foco sobre si mesma, colocada de uma forma desacomodada do convencional, com múltiplos tipos e conteúdos, e com pouca ou quase nenhuma escrita alfabética, colaborou para exercitar formas do ver, do pensar e do sentir por meio dela.

O acionamento de memórias ainda foi provocado pelo sentido do paladar (Figura 5). Nossa intenção era trazer a reflexão para a potência dos sentidos nas marcas memoriais que possuímos, que nos constituem e que, muitas vezes, ficam silenciadas com o tempo. Além disso, foi explicitada a intencionalidade de

problematizar os processos de aprendizagem para além da cognição – seus atravessamentos no corpo –, e de perceber como essas marcas podem contribuir em nossas produções artísticas.

Cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais se associa certo nível de evocabilidade ou de memorabilidade, como já dissera Candau (2012), reforçando, ainda, que não é sobre a história aprendida, mas sobre a história vivida, que a nossa memória se apoia.

28



Figura 5. Acionando o paladar, 2019

Fonte: acervo da autora.

O exercício de cheirar, de tocar e, depois, de degustar, sempre com os olhos vendados, explodiu em imagens diversas socializadas pelos estudantes. Cenas do cotidiano, detalhes da casa e de sua organização, posições de pessoas nos ambientes, objetos, sons internos e externos, cores diversas e, até mesmo, o clima do lugar em que as experiências foram vivenciadas, tudo isso serviu para o entendimento da potência da memória e de sua amplitude em relação ao tempo passado como efeito direto sobre as representações da identidade. Nesse sentido, Bosi (2003) ressalta que a memória resgata o tempo mediante imagens. A autora também nos diz que a memória é um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado, pela cultura e pelo indivíduo.

Tivemos a oportunidade, também, de assistir ao espetáculo *(H)estórias Mínimas*, no teatro do Serviço Social do Comércio (Sesc), no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife.



Figura 6. Imagem do espetáculo, 2019

Fonte: Lima (2019).

O espetáculo teatral teve como foco a memória e o seu lugar nas trajetórias de vida de mulheres: seus papéis sociais, suas representações, seus sonhos, seus sofrimentos, seus medos, seus momentos de felicidade e de saudade, além das injustiças por elas sofridas.

Conectando-se com o que estávamos estudando nos nossos encontros em sala de aula, a vivência da apreciação teatral nos provocou, na tessitura de diálogos, com o pensamento de Bosi (2003), em sua afirmação de que a memória não é passividade, mas forma organizadora, e de que respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação se torna fundamental, pois esses caminhos são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo. Nessa direção, ela diz que recontar é sempre um ato de criação.

Durante o semestre, provocamos o acesso às observações e a outras formas de narrativa, explorando, por exemplo, Adichie (2017) e Couto (2019). Na etapa final, os estudantes elaboraram um trabalho, um memorial, de seus trajetos de formação, junto a produções imagéticas autorais. São esses os textos reunidos neste livro. Esse exercício teve como objetivo estimular a produção criativa de narrativas, a partir da compreensão de que escrever é criar versões para as ideias e experiências vividas, e de que a escrita artística, aqui apontada, vai muito além da alfabética, incluindo, portanto, a materialização das imagens, dos sons, dos cheiros, dos tatos, dos paladares.

No final do semestre desenvolvemos um processo coletivo de avaliação do componente curricular cursado, no qual quase todos os estudantes destacaram, como elementos positivos: os conteúdos estudados; a utilização dos diversos recursos; as apresentações imagéticas dos conteúdos; as experiências sensoriais vivenciadas em sala; a ida ao teatro; as provocações

acionadas em sala, e que suscitavam reflexões durante a semana até o encontro seguinte; a possibilidade do estabelecimento de ligações com outras vivências fora de sala etc. Avaliamos, ainda, como um dos elementos positivos, a frequência de 100% dos estudantes nos encontros. Algumas pontuações, no sentido de melhorar o curso, também foram realizadas, como: ampliar a carga horária do componente; dedicar mais espaço e mais tempo para os debates; trazer artistas que trabalham com outras narrativas; dar a opção de realização do trabalho final em duplas de estudantes; pensar em dinâmicas para estimular o processo criativo.

31

Esse exercício de avaliação da prática docente tem sido uma ação sistemática em nossas ações pedagógicas porque têm em vista o diálogo direto com o entendimento de que “não há docência sem discência”, conforme Freire (1996, p. 21). Nessa afirmativa – é sempre importante destacar – estão contidos o rigor do método, a pesquisa acadêmica, o respeito aos saberes dos educandos, a criticidade, a estética e a ética, a corporificação das palavras pelo exemplo, o risco, o novo e a rejeição da discriminação, a reflexão crítica sobre a prática e o reconhecimento da identidade cultural. Todos esses termos largamente apresentados e discutidos por ele em seu trabalho *Pedagogia da autonomia*.

Desse modo, a narrativa aqui construída pretende registrar memórias de criação e de ação *da* docência e *na* docência em Artes Visuais, trazendo à tona a dinâmica da vivência do cotidiano escolar, que nos mostra o quanto se torna cada vez mais importante o registro das ações docentes e dos processos da docência a fim de se compreender o papel desse profissional no processo humanizador e na (re)criação das relações no mundo.

Referências

- ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. *Papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva. In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. *Papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 11-20.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *No seu pescoço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BARBOSA, Ana Mae. Eleanor Hipwell: pioneirismo internacional na Arte/Educação. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (Org.). *Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação*. São Paulo: Cortez, 2019. p. 179-209.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSTA, Fábio Rodrigues da. Das utopias à realidade: é possível uma didática específica para a formação inicial do professor de Artes Visuais? In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da (Org.). *A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.
- COUTO, Mia. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PECHEUX, Michel; ORLANDI, Eni P. *Papel da memória*. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 21-34.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LIMA, Leandro. [Coletivo é formado por 15 idosos com mais de 60 anos]. Divulgação. Leijá, Pernambuco, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://www.leijaja.com/cultura/2019/04/08/peca-encenada-por-idosos-faz-tres-apresentacoes-no-recife/>. Acesso em: 5 mar. 2020.

SABINO, Simone. *O afeto na prática pedagógica e na formação docente: uma presença silenciosa*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TARDIE, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

2

O que você deixou de ser quando cresceu?

Bruna de Sousa Pedrosa Paes

Eu me lembro de sempre perguntarem: o que você quer ser quando crescer? A resposta mudou muito ao longo da vida, mas a questão é que eu já cresci o máximo que poderia (1,61 cm) e já amadureci também (será?), pois estou na fase adulta há mais de 15 anos e vejo que a resposta a essa questão continua mudando... Quer dizer, eu continuo mudando e acho que todos ou quase todos à minha volta também. Um eterno refazer-se, reinventar-se. É provável que nunca paremos de mudar, mas, sim, alguns de nós se permitem mais que outros... Alguns são mais inquietos, outros ficam mais tranquilos se mantendo em sua zona de conforto, em situações aparentemente estáveis e seguras.

Voltando à pergunta - e reparem que hei de voltar a ela durante todo o texto, quase como um mantra: o que você quer ser quando crescer? Parece-me que não encontro essa resposta porque sigo crescendo por dentro. A expansão do conhecimento traz novos interesses, e por que não segui-los? Somá-los aos que já tenho? Era comum haver, na Antiguidade e na era do Renascimento, pessoas polímatas, ou seja, pessoas com um grande conhecimento em diversos assuntos. Por exemplo, Leonardo da Vinci, que se destacou como cientista, matemático, engenheiro, anatomista, pintor, escultor, arquiteto, botânico, poeta e músico, entre outras atividades. Tudo bem, ele

podia até ser um gênio; contudo, é bem verdade que se, em sua época, ele precisasse ter feito uma graduação de ao menos quatro anos para ter alguns desses títulos, ele não os tivesse. Nossa sociedade atual organiza o conhecimento de tal maneira que o sujeito vai se especializando, restringindo sua área de atuação, cada vez mais a uma única atividade.

Você se lembra da primeira vez que te fizeram essa pergunta? Proponho fazermos uma linha do tempo para falar da memória individual que cada um de nós tem da sua própria formação. Sim, formação profissional, mas seria possível dissociá-la do seu processo de formação enquanto ser humano? Opa! Talvez aqui more um erro, ou um enigma. Talvez acreditemos que sim, que isso seja possível, e que essa crença nos leve à triste e desgastante rotina em que boa parte de nós fazemos algo com o que não nos identificamos, ou, até mesmo, algo totalmente diverso e contrário aos nossos próprios valores – não enxergando outro caminho possível para a nossa própria sobrevivência. Bem, questões profundas, subjetivas, filosóficas e muito reflexivas podem emergir desse ponto, mas vamos deixá-las, por ora, um pouco em segundo plano, e sigamos com a proposta desse texto.

Eis, aqui, o meu exemplo dessa linha do tempo, uma espécie de entrevista/memorial.

Infância

Aos 6 anos

- Ei, menina: que você quer ser quando crescer?
- Freira. Adoro ir à missa com a minha avó para rezar, e acho nojento ver os adultos se beijarem na boca, como nas novelas. Não quero ter que fazer isso.

Aos 8, 9, 10 e 11 anos

- Ei, menina: o que você quer ser quando crescer?
- Bailarina.
- E o que você tem feito pra isso?
- Eu? Eu danço no Grupo Shalom. Minha avó criou esse grupo de coral, dança e teatro para todas as crianças da cidade dela (Amaraji, na Zona da Mata Sul de Pernambuco), antes mesmo de eu nascer. E eu fui criada por ela até meus 9 anos, ou seja, já nasci dançando... Rsrprs...

37



Adolescência

Aos 12 anos

- O que você quer ser quando crescer?
- Bailarina.
- E o que você tem feito pra isso?
- Eu faço aulas de balé clássico, aqui no Recife, e sigo no grupo de dança da minha avó, em Amaraji.

Aos 13 anos

- O que você quer ser quando crescer?
- Dona da “Secretaria Resolve Tudo”.
- O que é isso?
- É uma empresa que resolve problemas. Uma espécie de produtora da vida alheia, sabe? Por exemplo, sua filha vai dançar amanhã na festa de São João da escola e você não teve tempo de providenciar o vestido junino dela, então liga pra gente que a gente resolve. Seu voo foi cancelado e você precisa de outro, urgentemente, pra chegar no seu destino; nós resolvemos também. O que você imaginar que pode dar errado ou que já deu, nós faremos o possível e o impossível para reverter a situação e fazer dar certo seja lá o que for.
- Hum... Interessante. Gostei.

Aos 14 anos

- O que você quer ser quando crescer?
- Bailarina e modelo. Sabe meu apelido? Bruna Bota Água! Hahahaha... Brincadeira sem graça com a Ana Botafogo! :p Tô fazendo curso numa agência de modelos, a Elite. Mas acho que só posso ser modelo fotográfica, porque eu sou baixinha, né?

Aos 16 anos

— O que você quer ser quando crescer?
— Advogada e/ou administradora de empresas. É que eu sou muito boa em matemática e em português também. Adoro fazer contas. Coleciono calculadoras. Até já dou aula particular. Além disso, escrevo bem, sei me expressar, defender minhas ideias e convicções, e sou justa, luto pela justiça, tenho ótima capacidade de argumentação. Acho mesmo que com essas qualidades seria facilmente uma boa advogada. Não é à toa que sou representante de turma desde a 5ª série! Sou econômica e organizada, então, somando essas às outras qualidades que tenho, acho que seria uma boa administradora também. Eu queria ser bailarina, sabe? Mas aqui em Recife não tem faculdade de dança e também eu machuquei o joelho uns anos atrás; além disso, descobri que tenho um pouquinho de escoliose e de lordose também. Então talvez meu corpo não seja o ideal para a dança. Minha avó se mudou de Amaraji, e o Shalom, depois de 15 anos ativo, acabou.

39



– Mas e sua criatividade? Você não pinta, desenha, borda? Achei que iria fazer alguma coisa relacionada às artes. Não imagino você fazendo outra coisa... E as peças que você vende? Roupas customizadas, relógios em vinil e CDs etc.?

– Mas eu não preciso deixar de fazer nada disso. Essas coisas podem continuar sendo *hobbies*.

Aos 17 anos

– Ei, menina: o que você quer ser quando crescer?

– Eu vou fazer vestibular para Artes Plásticas este ano. Não sei se vou gostar, mas minha mãe teve um chique quando eu disse que ia fazer Direito ou Administração. Freou o carro no meio da BR, e quase joga a gente ribanceira abaixo. Ela disse que eu sou muito individualista pra ser administradora, e que não quer que eu faça Direito porque só tem gente corrupta, e certamente eu vou me corromper também. Ela também disse que eu vou ser uma pessoa estressada e descontar todo meu estresse na minha família. “Coitados dos seus filhos!”, foi o que ela disse. Além disso, este ano eu não consegui estudar. Papai esteve muito doente desde abril, e faleceu agora, em outubro. Meu vestibular já é mês que vem e eu fiquei de recuperação em todas as matérias pela primeira vez na minha vida.

40

Aos 18 anos

– E então, você passou, né? Tá gostando do curso?

– Sim, passei na UFPE, como sétima colocada. Tô gostando mais ou menos. É muito diferente da escola, tudo muito solto. Ainda não me acostumei. Pensando se mudo pra Arquitetura ou Design, porque, pelo menos, tem mais matemática nesses outros, né?

Aos 19 anos

- E aí, mudou de curso?
- Não. E se você me perguntasse o que eu queria ser quando crescer, eu ia responder que queria ser Arthur Bispo do Rosário ou Zé Bezerra (Vale do Catimbau). Tô amando!!! Tô fazendo estamparia e pensando que posso trabalhar com isso depois, criando estampas... Ou talvez eu vá fazer uma Especialização em escultura em modelagem com barro, em Portugal, Modelagem também é incrível!

41



Arthur Bispo do Rosário, "Manto da apresentação" (tecido, linha, papel e metal, 118,5 x 141,2 cm).

Fonte: Coleção Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea/ Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Foto de Rodrigo Lopes.



Esculturas de José Bezerra

Foto: Tiago Henrique Silva.

Aos 20 anos

– E aí, como anda?

– Comecei a dar aula no projeto *Meninos do Campus!* É desafiador, mas tô apaixonada pelas crianças. Peguei piolho três vezes já, e também já pedi autorização aos pais e levei cinco delas pra dormirem lá em casa. Tomaram banho de piscina, saímos pra almoçar e fomos ver a chegada do Papai Noel no *shopping*. Elas ficaram loucas! Imagina que nunca tinham subido em uma escada rolante na vida. Eles me lembram muito a minha infância e o trabalho da minha avó com as crianças de Amaraji. Queria ter uma fundação com o nome da minha avó para cuidar de crianças carentes...

42

Fase adulta

Aos 22 anos

– Se formou?

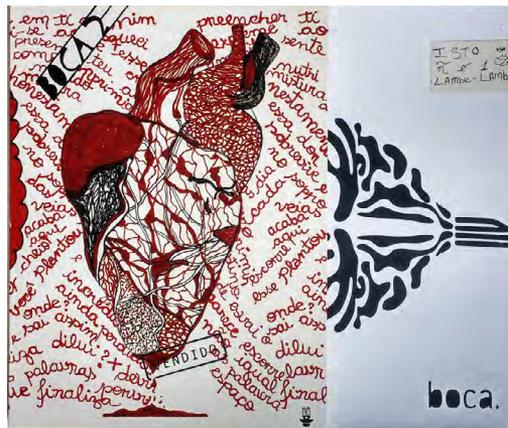
– Sim. Me formei. Tô dando aula pros pequenos em uma escola, mas tenho treze turmas e ganho muito pouco. Tô trabalhando com restauro também. Já restaurei um painel de cerâmica do Brennand e fiz a higienização e a conservação de todo o acervo de obras em papel do Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (Mamam). Amei. Queria fazer a pós em conservação e restauro lá em Ouro Preto, Minas Gerais, mas não tem bolsa e são dois anos de curso integral. Sem chances. Entrei num cursinho pré-vestibular novamente pra tentar Direito e vou tentar o ingresso extravestibular pra Design.

Aos 23 anos

– E aí?

– Tava cansada demais. Não conseguia estudar em casa. E só assistindo aula não daria conta de passar em Direito na UFPE.

Desisti. Também não passei no ingresso extravestibular. Entrei numa pós, uma Especialização em Ensino de História da Arte e das Religiões, na UFRPE, mas comecei a fazer “freela” de produção cultural e estou tendo minha primeira experiência com curadoria. Eu e mais três amigos *designers* abrimos um edital para receber trabalhos de jovens artistas, e vamos fazer uma publicação com o resultado dessa curadoria. Tô bem animada com isso.



Aos 24 anos

– Nem te conto. Me mudei pra São Paulo! Sabe aquela publicação de que te falei? Então, viemos lançar ela aqui. Conheci um grande crítico de arte que me fez aquela mesma pergunta.

– O que você quer ser? Já sei que trabalhou como arte-educadora, produtora e restauradora, mas você não pode ser boa em tudo, tem que escolher uma coisa. O que você quer?

– Produção!

Aos 29 anos - 1º momento

– Como está aí em São Paulo?

– Ah! Tô trabalhando com produção cultural há quase 5 anos já. Aprendi muita coisa, muita mesmo, mas tô cansada dessa cidade. Lembra a Secretaria Resolve Tudo, minha empresa da infância? Trabalhar com produção é exatamente daquele jeito! Hahahaha... Você não consegue ficar entediada nunca. É mesmo uma profissão bem dinâmica e que exige muita atenção, foco e organização. Funcionou bem pra mim. E a minha prestação de contas para o departamento financeiro era tão boa que me chamaram pra trabalhar lá. Fiquei bem tentada, sabe? Era uma possibilidade de aprender coisas novas, mas vi nesse período que trabalhar com contabilidade é monótono, exige ainda mais atenção e foco, e não consegui me enxergar do outro lado do vidro que separa o departamento de produção do financeiro, sem ter contato com a parte criativa da coisa, sem precisar achar soluções para a execução de alguma ideia maluca de trabalho que um artista teve, sem conhecer um universo gigante dos mais variados tipos de gente... Enfim, não rolou. Fiz minha primeira exposição individual dia desses aqui e, em breve, vou fazê-la também em Recife. Fiz vários cursos. Cursei algumas disciplinas do mestrado da Escola de Comunicação e Artes da

usp. Dei aulas para professores da rede pública de ensino. Tô estudando Danças Brasileiras na escola de Antonio Nóbrega, o Instituto Brincante. Aprendi inglês. Viajei um bocado. Comecei a fazer a ponte de volta com Recife. Quero voltar!



45



e d i ç ã o



POCKET

Convida para a
inauguração da exposição:

**Bruna Pedrosa:
A Memória das Palavras
e A Memória dos Tipos**

" Escrevia no espaço.
Hoje, grafo no tempo,
na pele, na palma, na pétala,
luz do momento."

Paulo Leminski



EDIÇÃO POCKET
R. Dr. Virgílio de Carvalho Pinto 567
05415-030
São Paulo SP
Tel 11 3097-0068
www.edicaopocket.com

Aberto 05 e 06 de Abril
das 11h as 17h
e com agendamento

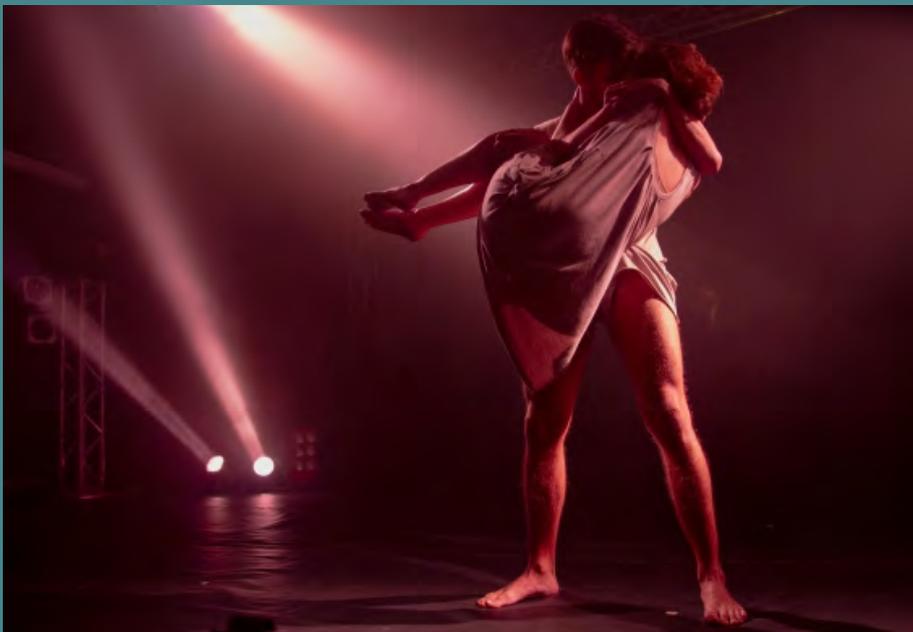
Aos 29 anos - segundo momento

– Conseguiu voltar?

– Simmmm!!!!

– E o que você quer ser agora?

– Não sei, mas consegui juntar vários aprendizados e coisas de que gosto numa mesma profissão! Estou gestora pública. Mas gestar é um estado, você não é, você está sendo, entende? Parece-me isso. Como gestora eu faço de tudo um pouco... Faço curadoria, administro contabilmente o financeiro da instituição, lido com toda a parte burocrática da coisa, dou formação aos educadores junto à coordenadora do educativo, produzo as exposições, lido com artistas e outras instituições, crio, ensino e aprendo, tudo de uma vez. É tudo novo de novo! Esse lugar de início de relacionamento, de estar apaixonada, conhecendo, ainda, o outro, tendo algumas decepções, mas com muito gás de fazer a roda girar e a coisa funcionar, e aquela satisfação de dar *ok* em cada item da *checklist* e dizer: pronto, resolvido, sucesso total! ;) É muito gratificante, isso! E sabe o que é mais gratificante ainda? É devolver para o lugar que te formou um pouco do que você aprendeu fora dele, sabe? Porque quando eu penso em quem eu sou hoje, eu penso que só sou quem sou porque nasci em Recife. Que o meu amor pela dança, pela música, pelas artes, se deve muito à minha criação, claro, e a todo o incentivo de ter tido mãe e vó artistas, educadoras, mas também de ter passado a vida imersa nessa cultura tão rica e viva que é a nossa, aqui. Né não? Orgulho danado, mesmo, de ser pernambucana. Essa redundância que é ser pernambucana e ser bairrista... Hahahaha Ah! Te falei? Tô fazendo aula de dança contemporânea! Vou me apresentar no teatro. Vai me ver!



– Deixa eu te contar os últimos anos... Segui sendo gestora pública por mais cinco anos, mas saí da esfera municipal e fui para a federal. Novos desafios, novos aprendizados. Mais uma vez, me senti realizada. Em paralelo, nesses anos também, fundei, junto com outros amigos, um coletivo de arte, e fizemos, nesse tempo, inúmeras intervenções urbanas nas margens do rio Capibaribe, o principal rio que corta Recife – mas, daí, isso nos levou a outros lugares, e fizemos intervenções também em Natal, São Paulo, Minas, Equador etc. Até participamos de uma exposição no MoMa, em Nova Iorque! Olha só! Tudo tava indo muito bem, e eu quase acreditei que tinha chegado a esse lugar de estar sendo o que eu queria ser, e de me acomodar na minha zona de conforto. Aí, o quê? O Brasil sofreu um golpe. Nossa presidenta, a primeira e única presidenta mulher do país, sofreu um *impeachment* totalmente ilegal. E como eu trabalhava para o governo federal, sofri o golpe junto. Para completar, eu havia acabado de virar mãe. Onde eu ia arranjar trabalho, sendo mãe solo, com um bebê de seis meses? E ainda que houvesse trabalho, com quem eu deixaria meu filho? Valeria a pena? Compensaria financeira e emocionalmente, para nós dois? Todos os paradigmas mudaram. Foi aí que entrou essa história de *coaching* e tudo mais. A maternidade virou minha vida pelo avesso, e eu ainda tô tentando desvirar, sabe? Sei que me aproximei desse universo materno, fiz cursos de doula, de cuidados naturais com o bebê, de educação montessoriana, de comunicação não violenta... Enfim, entrei numa espécie de “Escola de Pais”, porque, quando me perguntaram, lá atrás, o que eu queria ser quando eu crescesse, eu devo ter respondido, também, que queria ser mãe, e ninguém me disse que eu precisava ter uma formação pra isso – mas hoje eu acho que precisa e tô correndo atrás. Ficar em casa esse tempo também me fez empreender em um novo mercado, que é o aluguel de um espaço na sua casa. Nas minhas viagens

pelo mundo, me hospedando em *hostels*, pensava que gostaria de ter um porque, na verdade, sempre hospedei muita gente em casa, os amigos e os amigos dos amigos dos conhecidos. Hoje sou uma *superhost* e recebo para hospedar pessoas em casa há 2 anos já. Surgiram várias ideias de empreendimento no universo materno, mas ainda não coloquei nenhuma delas em prática, só a *doulagem*, que está começando a fluir muito lentamente. Daí voltei à ideia, de mais de 10 anos atrás, de fazer um mestrado, e em vez de ficar fazendo disciplinas como aluna especial, como foi na USP, naquela época, tentei a seleção e passei de primeira. Uhhuuu! E sabe sobre o que é meu projeto? Sobre o coletivo Praias do Capibaribe. Não é massa? Uma análise das nossas ações do ponto de vista da educação não formal. Tô bem estimulada a voltar a produzir artisticamente e a dar aulas, não só pela experiência do mestrado, como pela vivência na escola onde meu filho estuda. Uma escola fundada pelo próprio Paulo Freire. Dá pra imaginar? Apaixonada mais uma vez pelos processos educativos da primeira infância. Lendo muito também sobre desescolarização, comunidades de aprendizagem, pedagogia Waldorf e outras pedagogias.

51



MoMA

The Museum of Modern Art

"The collective [...] aims to re-approximate the population from Pernambuco and the Capibaribe River and its margins, by combining eco-citizenship and playfulness, through arts."

(MORAES, 2014)

design boom®

"helping to raise awareness about water sanitation in the capibaribe river, the 'praia' workshop was created as a place for people to swim, hang-out and party along the river."

(DESIGN BOOM, 2014)



"[...] a iniciativa amplia os olhares sobre o rio Capibaribe, as populações ribeirinhas e a apropriação coletiva da cidade e de seus espaços públicos e se expande para todos os espaços coletivos às margens de águas [...]".

("A CIDADE...", 2015)

veja

52

"[...] há várias maneiras de conhecer mais de perto o rio-símbolo do Recife. [...] O projeto Eu Quero Nadar no Capibaribe, e Você? tem armado 'praias' à beira do rio com a intenção de chamar a atenção para a poluição de suas águas."

(RECIFE..., 2014)



"O objetivo do evento é difundir práticas culturais em espaço público como estratégia de ocupação e transformação da cidade."

(PROJETOS..., 2015)



"As piscinas plásticas viraram domínio das crianças, que brincavam e se revezavam. Em volta, os adultos preferiam banho de mangueira e aproveitavam a conveniência da barraquinha montada pelo grupo [...]".

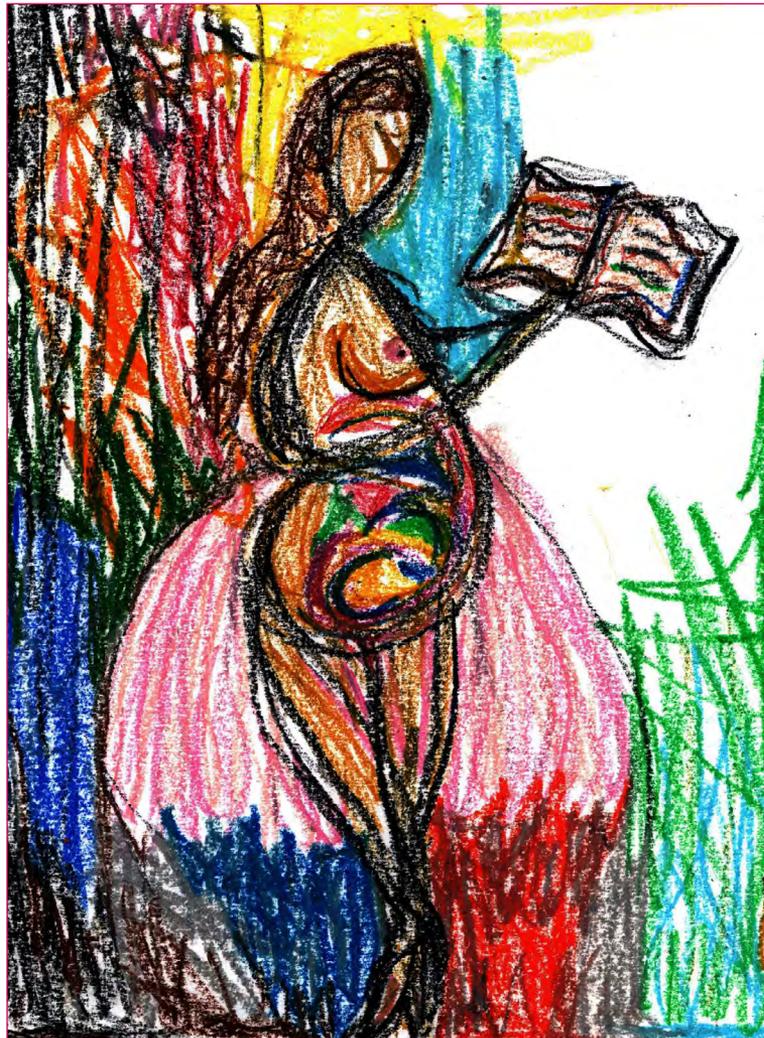
(NO RECIFE..., 2014)



"O coletivo propõe uma vivência lúdica sob as águas do Rio Potengi, com uma bolha inflável de plástico, aonde as pessoas podem adentrar e experimentar a paisagem do rio por um novo ponto de vista."

(COLETIVO, 2014)

– Posso te devolver a pergunta? Você tá aí me perguntando há um tempão e não me falou nada do que você fez nos seus últimos anos (quantos anos você tem?) de vida. Pode desembuchar...



Talvez devêssemos perguntar: o que você deixou de ser quando cresceu? Acho que essa pergunta nos ajuda a resgatar as memórias desse tecido, desse emaranhado, que é a nossa formação. No mínimo, ela nos ajudará a lembrar de coisas que adorávamos fazer, e que, por motivos de “falta de tempo”, de “ganhar dinheiro para pagar contas”, de “sermos aceitos no grupo social”, de “agradar fulano”, deixamos de fazer. Certamente, boa parte de nós deixou de ser polímata, para ser PhD. em alguma coisa. Deixamos de ser livres, para atendermos ao sistema. Mas aí lembramos que a gente ainda está crescendo, que não deixaremos de crescer enquanto estivermos vivos, que a memória coletiva tá sendo construída aqui e agora, em paralelo com nossas memórias individuais, que parecem meio desimportantes pro todo, né? No entanto, sem elas, não haveria memória coletiva. Bom, o intuito aqui não é responder, de fato, nem a essa, nem a nenhuma outra questão, muito pelo contrário! O intuito é suscitar outras questões, é dar uma remexida nas caixinhas aí de dentro, porque boas perguntas nos ajudam a fazer boas reflexões, e quando refletimos sobre nossas subjetividades, alcançamos um pouco de autoconhecimento e... Bem, acho que isso não tem fim, então vou encerrar por aqui mesmo. Tchau! ;)

54



Observações:

- Entre a infância e a adolescência, há a puberdade, que é uma fase de transição entre elas; é quando se iniciam as mudanças no corpo, graças à ação de alguns hormônios.
- As mulheres, entre os 35 e os 65 anos, passam por uma transição chamada climatério, que é quando o corpo começa a se preparar para o fim da menstruação: a menopausa.

Fonte: Mariana Araguaia [2020]



55

Referências

“A CIDADE Precisa de Praias” promove encontro em Recife. Arch Daily, 1 maio 2015. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/766267/a-cidade-precisa-de-praias-promove-encontro-em-recife>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ARAGUAIA, Mariana. Fases da vida. In: Escola Kids. [2020]. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/ciencias/as-fases-da-vida.htm>. Acesso em: 1 jul. 2019.

COLETIVO Praias do Capibaribe. Artepraia, 2014. Disponível em: <http://www.casadaribeira.com.br/artepraia/>. Acesso em: 26 jun. 2019.

DESIGN BOOM. [S. l.], 2014. The 'praia' workshop floats swimming pool along polluted Capibaribe River in Recife. Disponível em: <https://www.designboom.com/architecture/bureau-a-water-sanitation-floating-swimming-pool-recife-03-14-2014/>. Acesso em: 1 jul. 2019.

MORAES, Andre. Post. *In*: Uneven growth: tactical urbanisms for expanding megacities. The Museum of Modern Art. Nova Iorque, 2014. Disponível em: <https://uneven-growth.moma.org/post/101085774508/the-project-praias-do-capibaribe-was-created-in>. Acesso em: 1 jul. 2019.

NO RECIFE, projeto transforma a beira do Capibaribe em praia. G1, 6 abr. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/04/no-recife-projeto-transforme-beira-do-capibaribe-em-praia.html>. Acesso em: 28 jun. 2019.

PROJETOS debatem ocupação do espaço público com intervenções artísticas e culturais. *Catraca Livre*, 29 abr. 2015. Disponível em: <https://catracaivre.com.br/cidadania/projetos-debatem-ocupacao-do-espaco-publico-com-intervencoes-artisticas-e-culturais/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RECIFE: para comer, beber e se divertir sem gastar muito. *Veja São Paulo*, 17 dez. 2014. *Cultura & Lazer*. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/recife-para-comer-beber-e-se-divertir-sem-gastar-muito/>. Acesso em: 26 jun. 2019.

3

Os lares que habito

Camila de Lima Cantil

Territórios ocupados
terras devastadas
lugares ainda não descobertos
terras longínquas
lugares por onde passei
pessoas que conheci
e o que fez e passou a fazer parte de mim
da minha história
e a história de outros lugares
e pessoas que passei a fazer parte
um pedacinho do mundo no mundo de alguns...
Quem você carrega contigo?
Quem carrega você consigo?



A frase "Atraveso meu peito, meu... Ligo meu peito no teu" faz menção a um trecho da canção "Sorriso ao sono", de Phill Veras.

Preciso restituir-me
que despertem meus ousados sonhos...
Preciso restituir-me
mesmo que pela solidão...

60

.....
Poesia visual resultante de uma atividade feita em sala de aula, na qual podíamos utilizar revistas para criar uma produção coletiva. Na atividade, intervém na poesia "Versos iniciais", de Carlos Alberto Jales.

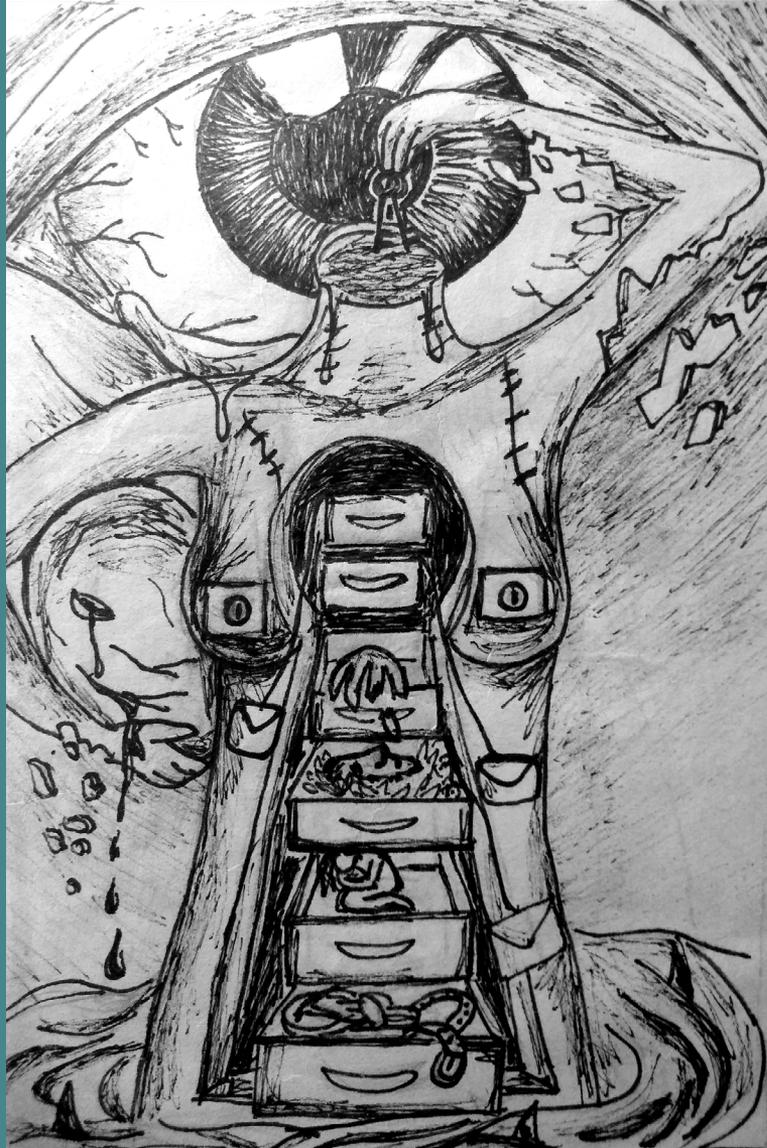


.....
Execução do desenho feita em colaboração com Simone de Lima Cantil, irmã da autora e ilustradora.

Preciso restituir-me
que o mar volte o rosto aos abismos
e conheça as tempestades.

62

Preciso restituir-me
mesmo que tenha de desvendar
a alma e seus fantasmas.



Preciso restituir-me
mesmo que tenha no corpo
as marcas de todas as torturas.

64



4

Notas sobre um tipo de vida esquecida

Camilla Fernanda da Fonseca

Hoje, vejo passar por mim milhões de vidas, sem que uma veja a outra.

67

Passam tão rápido que mal lembramos seus rostos, seus nomes, suas vozes.

Muitos dirão “Eu nem lembro o que eu comi no almoço”. E eu direi que não lembram porque não pararam para sentir o sabor da comida, para sentir seu cheiro e para apreciá-la, não apenas por ser o alimento que lhes dá forças, mas pela simples experiência do paladar.

E dirão “Mas eu não tenho tempo pra essas bobagens”.

E é verdade.

Não se tem mais tempo pra nada.

Quantos pores do sol você não apreciou este ano?
Há quanto tempo você não vê uma estrela cadente?
E aquele sorriso descompromissado, dado na fila do pão, você
lembra quando foi a última vez?

68

E tudo passa sem que a gente veja nada.
O tempo tem escorrido por nossas mãos.
E evapora tão rápido que não podemos fazer mais nada.
Só vê-lo passar.
Todos nós estivemos sozinhos.
Presos em nosso próprio universo.
Como narcisos contemporâneos,
que só conseguem ver a si mesmos.

Olhar pro outro é difícil.
Mas é imperioso.
Escute o outro.
Não para poder responder a ele,
mas porque você quer ouvir o que ele tem a dizer.

Olhe nos olhos da sua alma,
E diga:
“Não serei um mero passageiro da experiência terrestre”.
“Eu serei senhor do meu presente”.
E o tempo não mais escorrerá
Como se eu não o tivesse vivido.
.
.
.
Eu não sou diferente de você.

5

Coração de flores e mapa existencial

Ediel Barbalho de A. Moura



Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode
fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de
janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para
o que eu quero.
[...]

(Álvaro de Campos, “Passagem das
horas”)

Com esse poema de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, introduzo este manuscrito sobre meu processo de criação artística, que culminou em um objeto tridimensional, feito com cerâmica crua. O objeto artístico, ilustrado na parte superior esquerda desta lauda, consiste na representação de um coração. Esse coração foi inicialmente

projetado para simbolizar o esvaziamento de sentimentos por parte do artista. Após um doloroso término de relacionamento, como forma de externalizar a dor, criei essa representação do meu próprio coração (entendido artisticamente como cofre/relicário dos mais profundos sentimentos e memórias). A ideia era esquecer, tirar de mim.

Com o passar do tempo, esse dispositivo de memória foi sendo construído por esquecimentos e silêncios, e tomei tal objeto para representar toda a beleza que ainda grita em minha memória. Tomando como referência o mapa existencial, o coração que antes se encontrava vazio, agora está cheio de flores e pétalas. Meu coração de cerâmica está repleto de cores e cheiros que representam memórias fundamentais para a minha formação como ser sensível. Sou o resultado, a memória, de tudo aquilo que já vivi.

O balanço para um processo de esquecimento é uma busca por silenciamento que gera lacunas no contexto dessa obra. Lacunas que funcionaram como dispositivo de proteção. Acredito que, com a ressignificação dessas lacunas, são intencionalmente formados novos sentidos, e que isso acabe por preencher aquilo que foi esvaziado.

Tomando o sentido, poética do coração, como o órgão aglutinador dos sentimentos e da memória afetiva, busquei representar esse órgão enquanto reduto de todas as memórias que constituem o que sou. Todos os cheiros que senti, as paisagens que vi, os portos (relacionamentos) em que desembarquei e embarquei. Com a criação, ou melhor, com a readaptação desse dispositivo de memória, são estabelecidas relações com outras memórias, não só as do artista, mas as de todas e todos que viverem e observarem a obra, e a criação original torna-se outro dispositivo, mais abrangente e menos vazio.



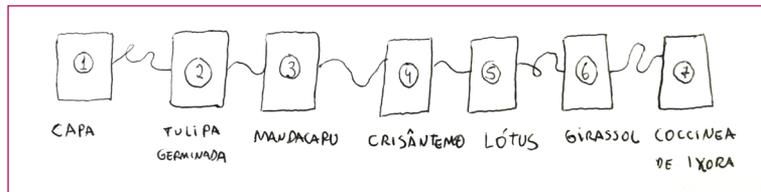
Mapa existencial e o jardim existencial

O segundo objeto elaborado foi um esquema de representação da memória da minha trajetória de vida. Para pensar essa representação, me inspirei nas flores presentes na minha infância, que apareceram na minha vida de várias maneiras: no jardim da casa da minha avó, nos jarrinhos da minha mãe, no pátio da escola, nos livros de biologia.

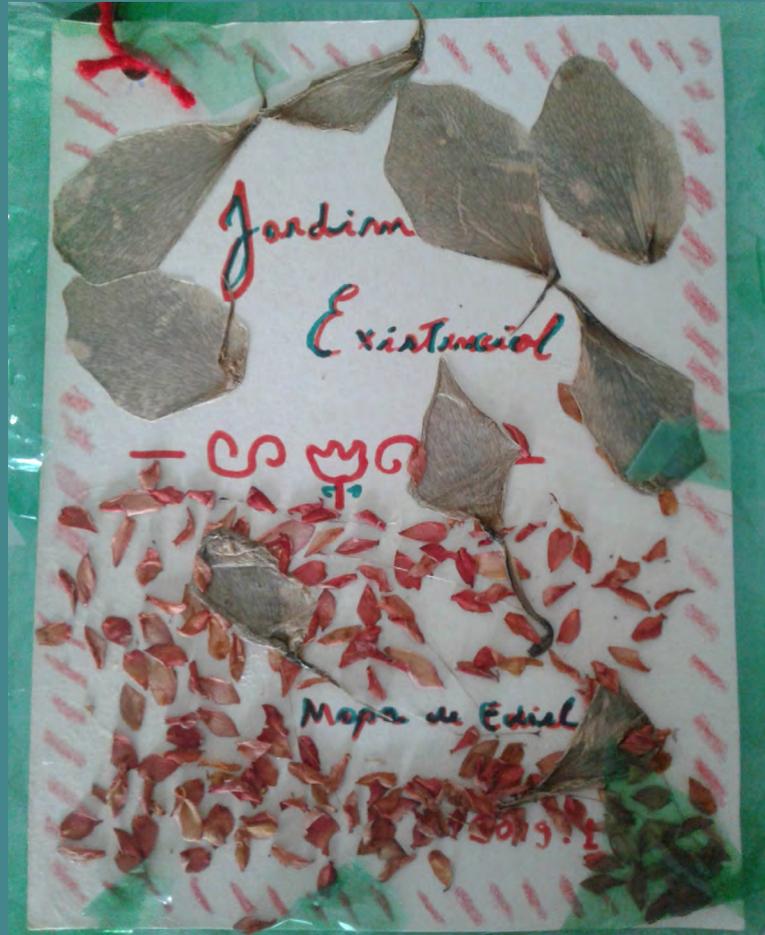
Sobre as flores, posso dizer, a partir de minhas observações, que elas não surgem do nada, elas não brotam, assim, do dia para a noite; leva um tempo para brotarem e requerem cuidados. Demoram estações para se refazerem. Por mais que seja empenhado o devido cuidado, há situações que não podemos mudar e nem há flores as quais podemos fazer florescer.

Assim como as flores, as minhas memórias existenciais, de minha trajetória, foram cultivadas por narrações de familiares, por dispositivos fotográficos, por objetos diversos e pelo cheiro das flores presentes nos acontecimentos mais marcantes da minha vida.

Partindo dessa contextualização, elaborei, em cartões (de 15 x 20 cm), aquarelas com imagens de algumas espécies de flores, que são organizadas conforme o esquema a seguir:



Os cartões estão separados por período, da infância (nascimento) até os dias atuais, de forma genérica. Nos seus versos, há informações sobre cada espécie e um pequeno texto contextualizando a flor em relação à memória apresentada.



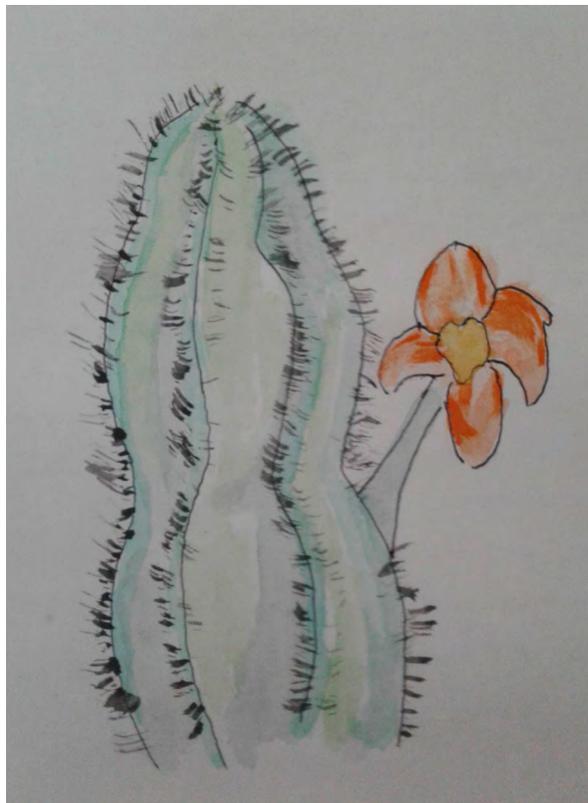


76

Tulipa germinada

Nascimento: 16 de agosto. Germinar da flor.

Tulipa. Flor mais querida da minha mãe, embora ela nunca tenha visto ou recebido uma de forma real. A beleza da tulipa encantava a minha mãe, e, assim como a flor, eu vim ao mundo e encantei minha mãe. Segundo filho, que, desde pequeno, já apresentava uma personalidade própria, sensível e emanadora de afetos.



Mandacaru

A infância. Autoconhecimento/descobertas. Após o nascimento, nenhum outro fato marcou tanto minha trajetória como marcou o momento de descoberta da sexualidade. Em uma tarde, estava descobrindo minha sexualidade, quando fui pego de surpresa pelo meu pai. No instante do flagra, me assusto com a abordagem ríspida e acidentalmente caio sobre um pé de mandacaru. A dor dos espinhos entrando em minha pele me marcou, assim como a repreensão do meu pai marcou todo o início de minha vida.



Ixora coccinea

Perda 1. Boa parte da minha infância foi no jardim da minha avó. Adorava fazer colares com a pequena flor *Ixora coccinea* para ela. A brincadeira era variada, ia de alquimias a esconde-esconde. Em meio à tanta alegria e à cumplicidade que tinha com minha avó, conheci, aos sete anos, o que seria a morte. Foi o início de uma sensibilidade profunda; um tema tão complexo me fez entender que, na vida, não há nada de eterno, só as memórias (as minhas memórias).



Crisântemo

Perda 2. Aos 17 anos, vivendo todo esse período me recriminando, negando meu desejo, surge um acontecimento marcante em minha trajetória, a morte de minha mãe. A flor crisântemo estava muito presente nesse momento. Foi uma flor presente nas coroas de flores e na ornamentação do velório. A perda da minha mãe marcou um período de transformações nas estruturas familiar, econômica, afetiva. Tive a vida desestruturada após essa perda.



80

Lótus

Reestruturação. Após a morte da minha mãe, passei por um processo de construção de minha própria vida. Sozinho, sem pai (que passou a viver com sua nova família) e sem irmã (que casou-se). Passei a tomar as rédeas da própria vida, ainda jovem, e assim como a flor de lótus, fiz brotar, no meio do lamaçal, cores de esperança e beleza. Dei vazão aos meus sentimentos e me refiz, fui em busca de meus sonhos. O lótus representa bem esse momento.



Girassol

Atualmente. Assim como o girassol, passei a buscar conhecimento sobre tudo. Ser guiado pelo sol é o que me mantém vivo. Hoje, insisto na minha formação como uma maneira de me autoafirmar enquanto indivíduo. A tomada de consciência sobre mim mesmo, sobre o meio/sociedade, me desperta o espírito de colaboração, de participação. Tenho como objetivo, nesse curto período de existência, buscar conhecer cada vez mais e ajudar outras pessoas a se conhecerem e a entenderem o mundo. É uma missão até o fim.

6

Significados, ideias e pensamentos

Glaucyellen Lopes da Silveira

Venho trabalhando no processo deste memorial desde a disciplina de Pesquisa em Artes, que foi ministrada pela professora Maria Betânia. De início, tinha como objetivo uma ideia muito vaga do que queria pesquisar em meu tcc; se não me engano, era sobre como ajudar, na formação de professores, a trabalhar com crianças que sofreram traumas, identificando-os de forma mais precisa. Contudo, com a ajuda da professora, através de conversas e questionamentos sobre as razões de meus interesses de pesquisa, tive uma orientação mais adequada do que gostaria de produzir. Acabei percebendo uma inquietação profunda relacionada ao meu interesse sobre traumas na infância, e comecei a desenvolver minha produção e minha pesquisa voltadas para esse tema.

Entre o final da disciplina de Pesquisa em Artes e o início da de Memória e Narrativa, pesquisei mais sobre traumas e sobre o modo como eles afetam a individualidade, o "eu" de quem os sofre. Isso me levou a entender mais sobre mim mesma e a tentar me conhecer, e a entender o que faz com que eu seja eu mesma. Muito dessa pesquisa também foi sobre como se poderia substituir uma memória ruim por uma boa, e como transformar o que estava em meu inconsciente em algo "material", a fim de, com isso, eu mesma me transformar.

Acabei estudando um pouco sobre os arquétipos que podem, através de um símbolo específico, assimilar várias memórias e significados de uma só vez; isso me ajudou a simplificar e a conseguir simplificar um conjunto de memórias, sentimentos e pensamentos em apenas uma única imagem. Mesmo que seja, de certa maneira, um pouco simples demais a forma como produzi.

Cada imagem tem significados, ideias e pensamentos sobre os momentos da minha vida, que dividi em infância, adolescência e vida adulta. E os arquétipos me ajudaram a expressar memórias que, para mim, foram definidoras de quem me tornei, hoje.



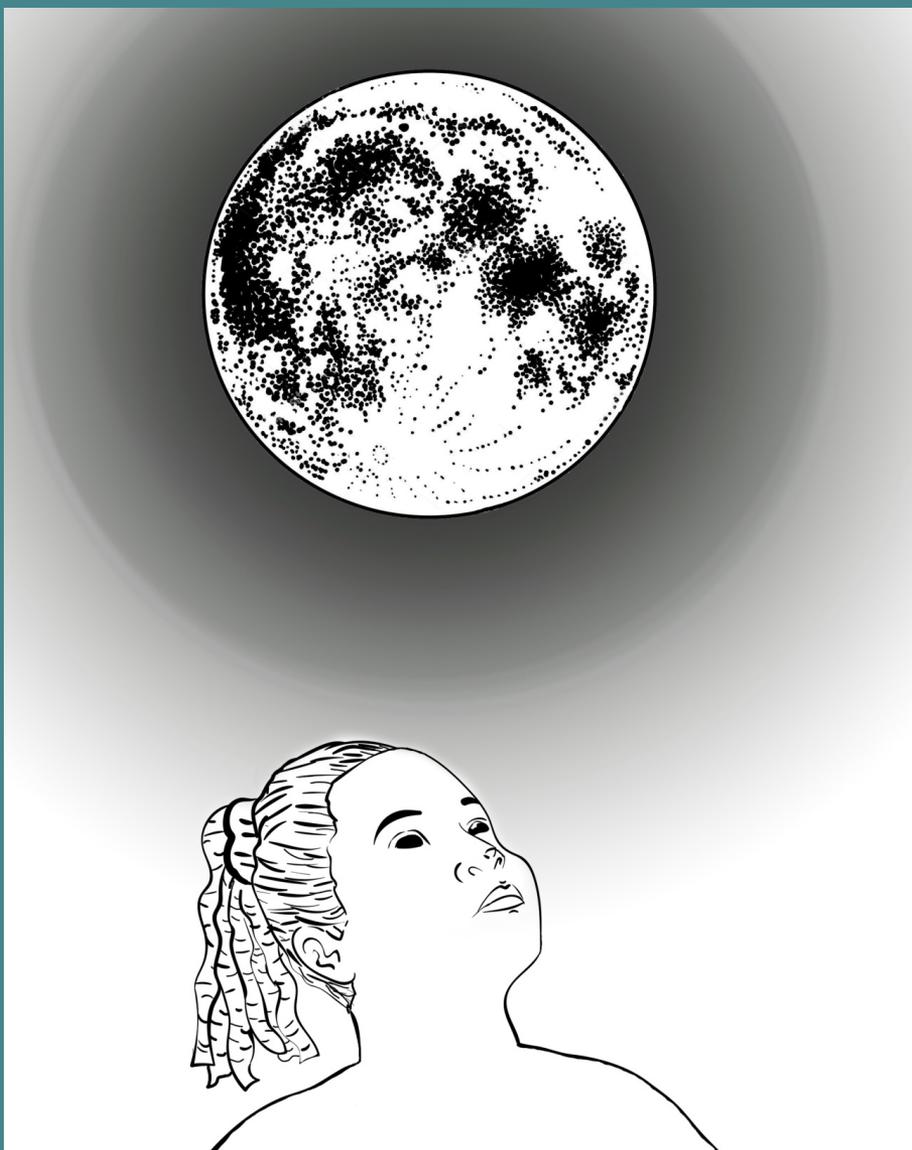
Série Infância

Título: Helena Luedeles



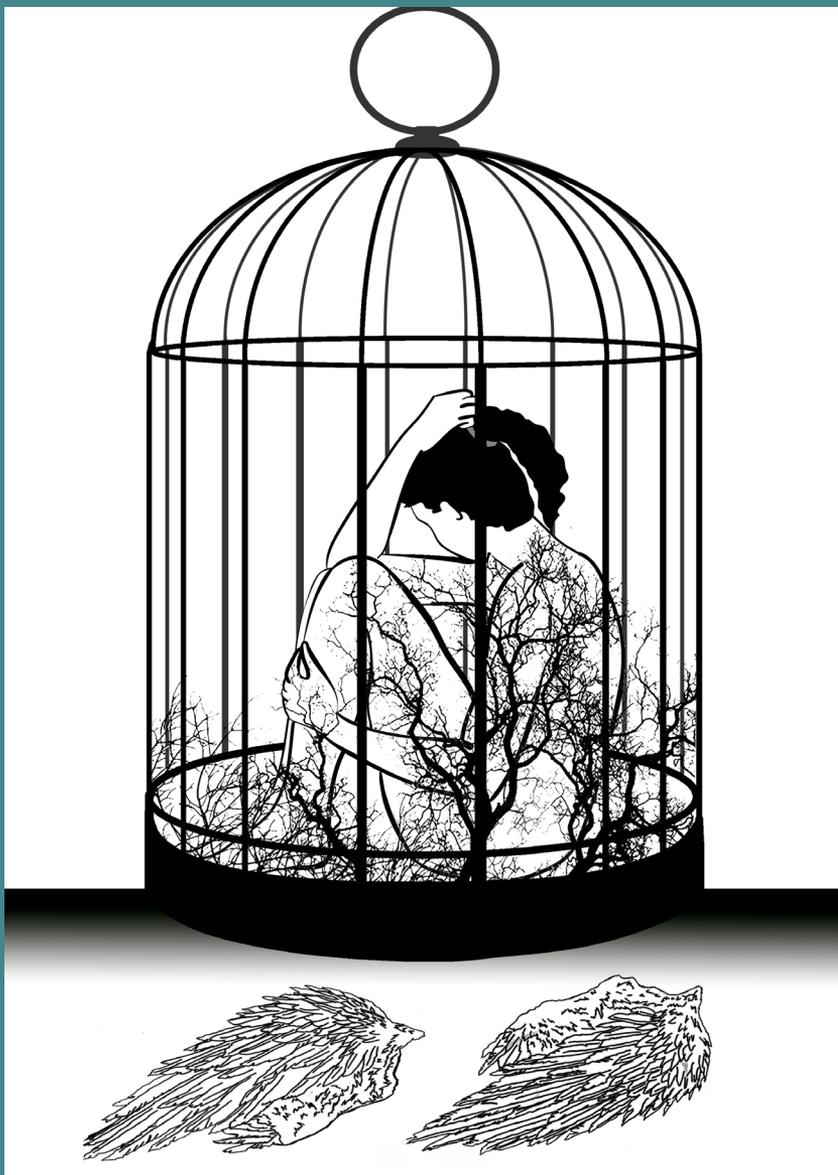
Série Infância

Título: Lua

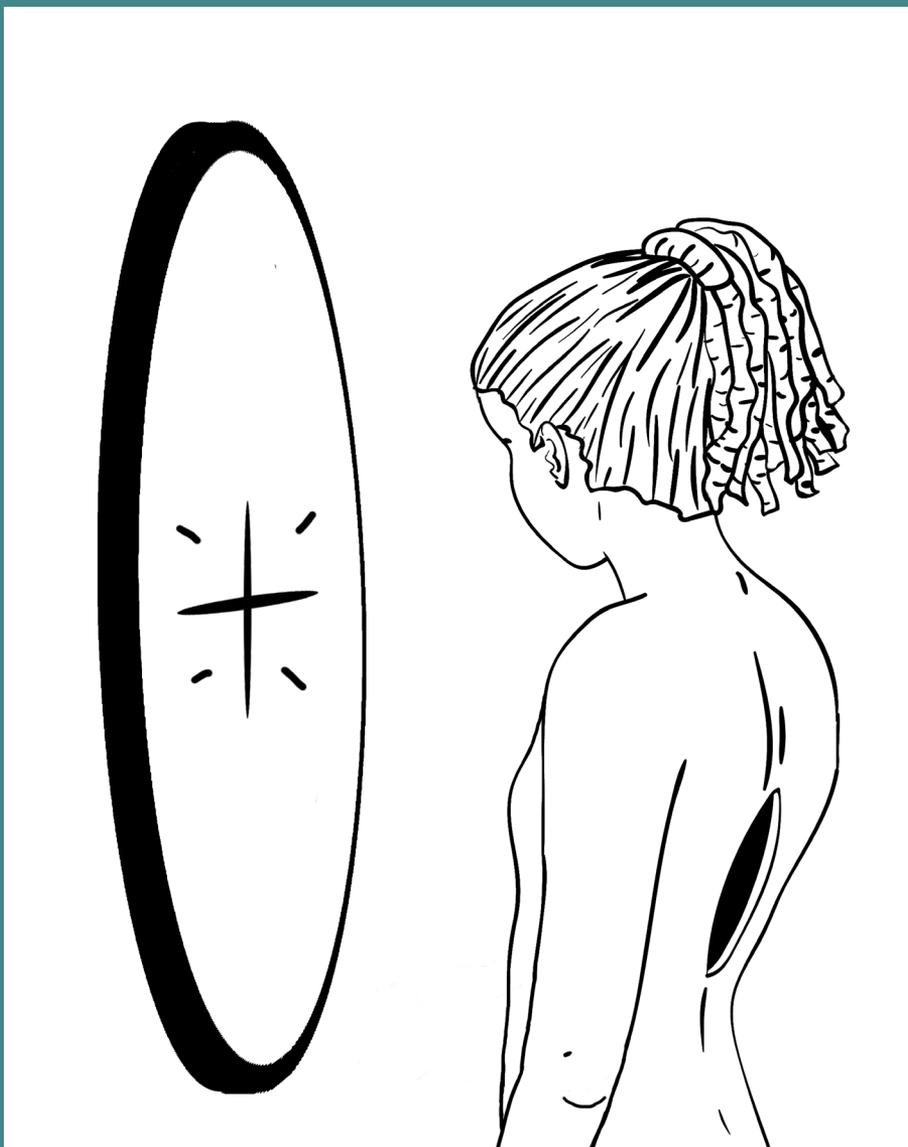


Série Infância

Título: Noite de Lua Cheia

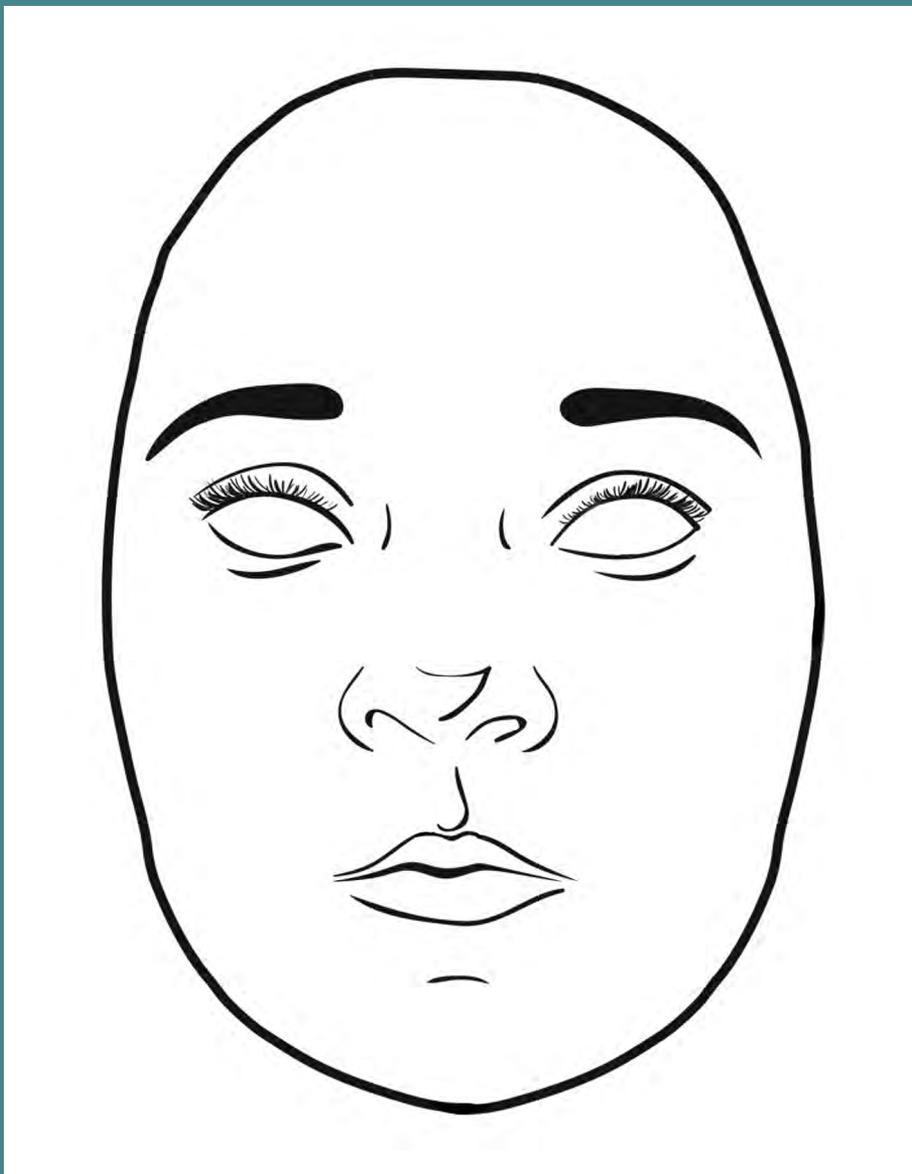


Série Infância
Título: Gaiola Casa



Série Infância

Título: Medo do Futuro



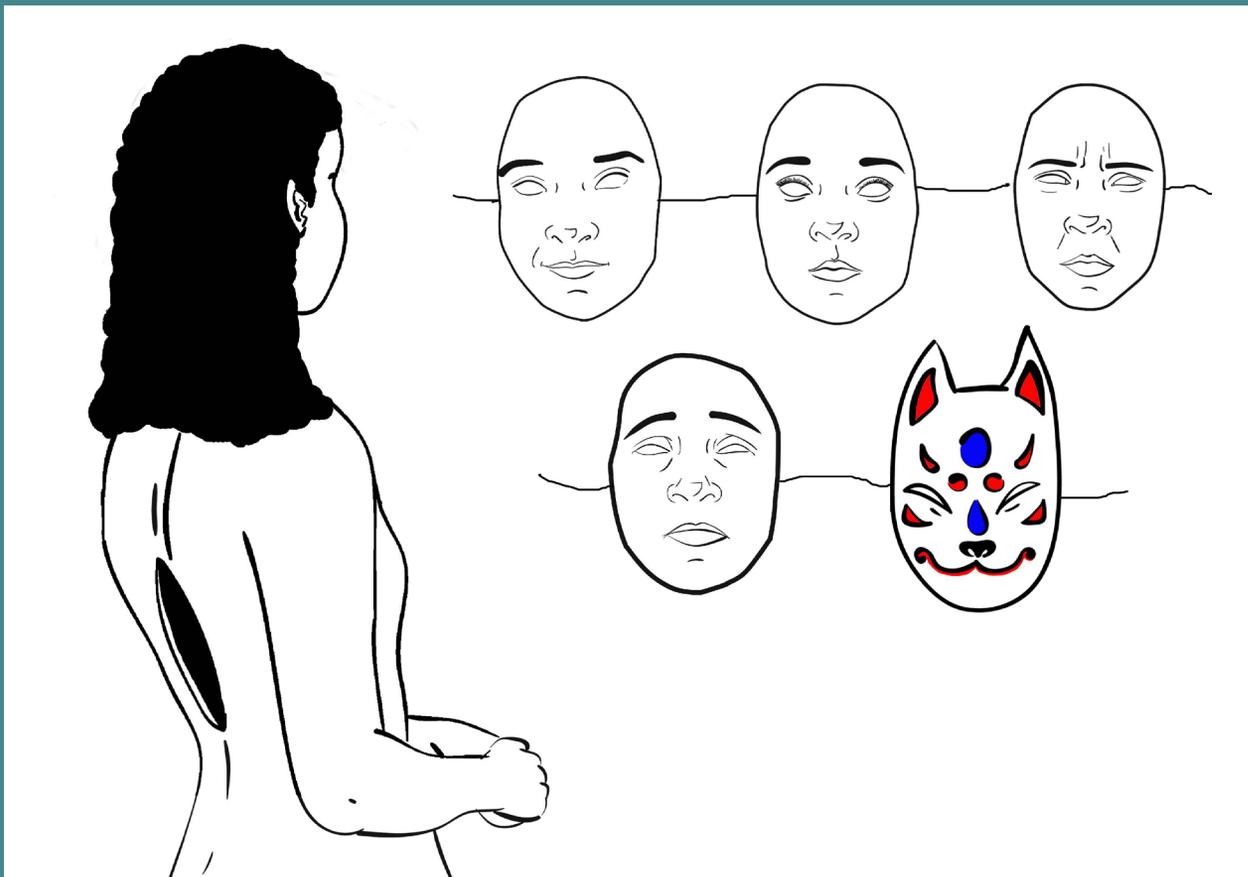
Série Adolescência

Título: Máscara



Série Adolescência

Título: Você presa em você



Série Adolescência

Título: Rosto para ser aceita



Série Adolescência

Título: Escuridão sendo sua companheira



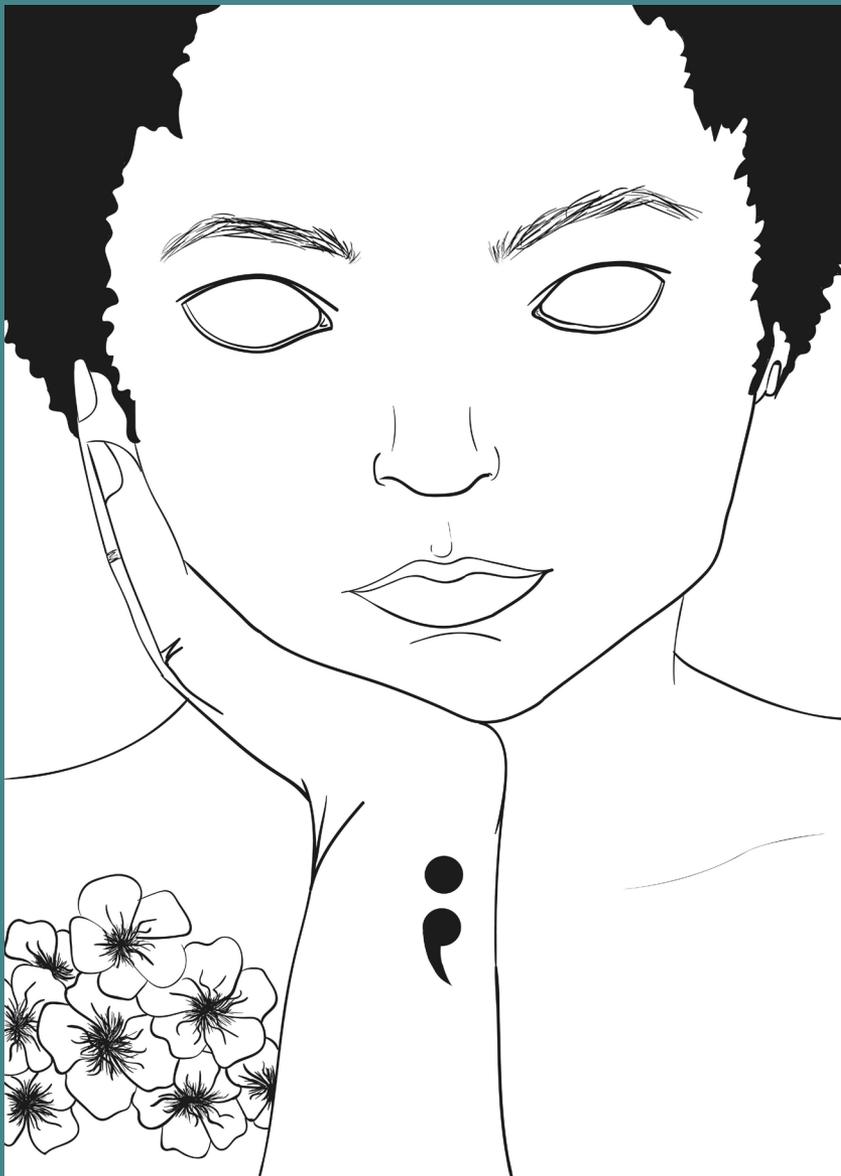
Série Adolescência

Título: Sobre viver. Sobre vivo.



Série Adulto

Título: Partes de mim



Série Adulto

Título: Autorretrato



Série Adulto

Título: Partes que me formam

7

Experiência de formação

Heitor Souza Lima

Formação do onírico e outras coisas

Filho da Terra, do Sol e da Lua – nascimento, adaptação e brincadeira.

Dentro de uma floresta, as árvores delimitavam um espaço circular; a terra era escura, e a vegetação, rica e diversa, mas nesse círculo era apenas terra. Uma mão forçava a saída, depois outra mão, depois a cabeça. Um respiro forte como quem se asfixiava. Doía para respirar, mas o corpo humano inteiro conseguiu sair da terra. Depois do choro e do soluço, veio a fome, e o humano pegou a primeira planta que tocou, e comeu. A planta era venenosa e ele morreu. A segunda humana veio ao mundo da mesma maneira, mas dessa vez tentou caçar para comer, e um predador concorrente a matou. O terceiro humano, quando parou de chorar, olhou para o céu e ficou encantado com o brilho do Sol, encantado e imóvel, e mesmo sentindo dor nos olhos não conseguia parar de olhar, e por isso ficou cego. Desamparado, com o Sol e desorientado, o humano aprendeu a subir numa árvore. Chegando lá em cima, ele chorava copiosamente; seu soluço era ruído. A Lua piedosa desceu e ficou ao lado do humano. Sentindo a frieza da Lua, o humano se encolheu e, tremendo, perguntou:

– Quem tá aí?

A Lua respondeu:

– Sou a Lua. Sou espelho do Sol.

O humano curioso voltou a perguntar:

– Por que és tão fria se o Sol é tão quente?

A Lua, não perdendo seu mistério, respondeu:

– A vida só existe por causa do Sol, mas ele não foi feito pra ser visto.

Então, com um sopro gelado, devolveu a visão ao humano, e depois disse:

– Na sua frente, tem três estrelas, leve-as consigo e as enterra na linha do horizonte.

O humano, perplexo com o brilho das estrelas, ficou imóvel, olhando pra ele até se lembrar da voz da Lua e do que ela tinha dito. Pegou as estrelas, esperou amanhecer e seguiu o horizonte. Seguindo a direção do brilho vermelho do Sol, chegou até a areia e começou a mexer nela, a fazer formas, e se melou, até que levantou a cabeça e viu a linha do horizonte no mar, e começou a pensar como iria atravessar o mar.

100



O brilho do Sol



101

Brincadeira de se melar

Meu pai sempre dizia, e continua dizendo até hoje: “Mar num tem cabelo não”. Então eu só entro no mar devagarinho.

Mar não tem cabelo não – o devir

A linha.

A linha do mar com a areia.

Ficar na terra ou pular nas ondas?

Uma vez em águas rasas
onde os sonhos são tranquilos
se boia

e depois de levantar
se caminha até as pedras
águas calmas, águas selvagens

A linha.

Essa linha acaba com a maré cheia,
Onde o que é selvagem consome tudo,

Consome quase toda a areia, às vezes,
Consome toda a areia até esculpir as pedras.
Às vezes, quase sempre, o devir é obrigatório, e as linhas sempre são ultrapassadas.
Vendo a dança da lua com o mar e no movimento do devir, o humano aprendeu a dançar, e a dançar no vazio também.

102

Espelhos – o vazio

Bem no fundo do mar
Ou no alto do universo
O que suspende e flutua
Voa e nada
Tudo que brilha e reflete
O nada.
Na superfície da água
Quando bate a luz
As estrelas piscam
Ao afundar, uma por uma
Até o infinito, onde o mar
É espelho do universo



103

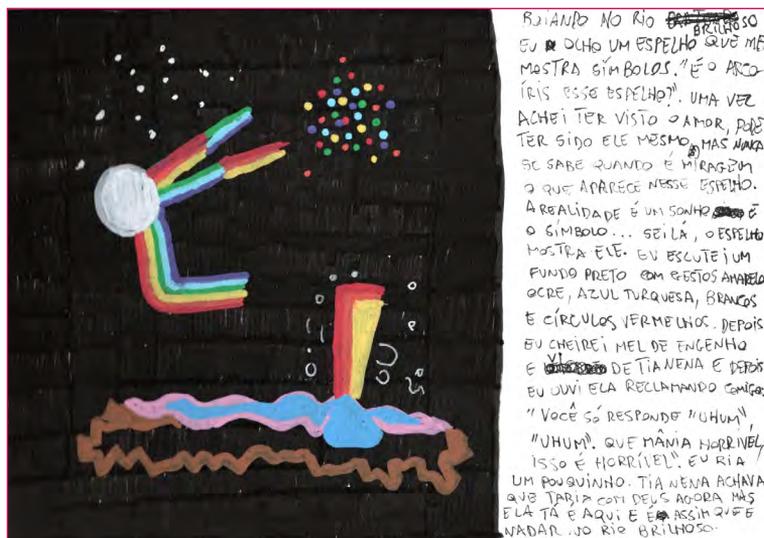
Existência em labareda
 Consciência que flutua
 Um consolo mórbido
 De um vazio que brilha a velas.
 Aperto no peito que chamam
 Dor e angústia.
 Dentro de mim
 Deus-macaco voador
 Que traz o cheiro de flor
 E abriga um cheiro de flor
 E abriga um brilho suspenso
 No infinito.
 Estrela.

Deixando o rio passar por mim



104

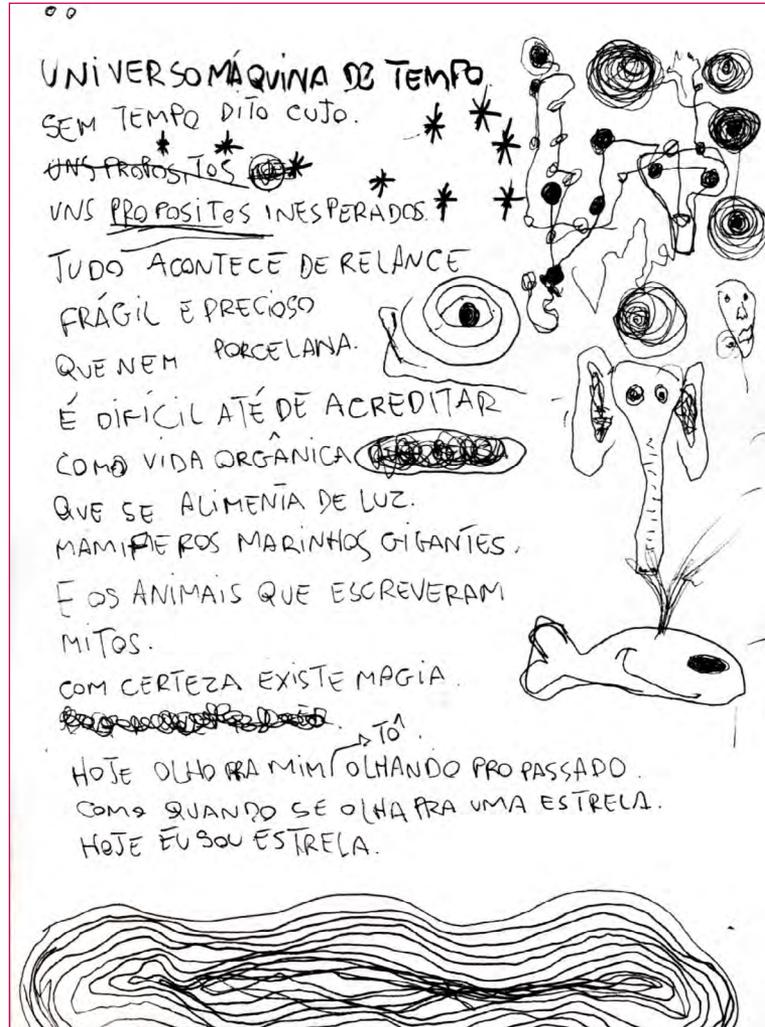
Uma montanha pontuda com a ponta tocando uma estrela, um raio que passa por dentro da montanha eletriza o magma que transborda da terra e se encontra com o mar, formando rios de cristais líquidos e brilhosos que correm na velocidade da luz, sendo portal do tempo, boiar nesse rio é viajar no espaço, passado, futuro, planetas buracos negros e coloridos.



105

Boiando no rio brilhoso eu olho um espelho que me mostra símbolos. “É o arco-íris esse espelho?” Uma vez achei ter visto o amor, pode ter sido ele mesmo, mas nunca se sabe quando é miragem o que aparece nesse espelho. A realidade é um sonho e o símbolo... sei lá, o espelho o mostra. Eu escutei um fundo preto com gestos amarelo ocre, azul turquesa, brancos e círculos vermelhos. Depois eu cheirei mel de engenho e vi tia Nena e depois ouvi ela reclamando comigo: “Você só responde ‘uhum’, ‘uhum’. Que mania horrível. Isso é horrível”. Eu ria um pouquinho. Tia Nena achava que taria com Deus, agora, mas ela tá e aqui e é assim que é nadar no rio brilhoso.

Virando estrela – formação do onírico



106

Sem tempo dito cujo.
Uns propósitos inesperados.
Tudo acontece de relance
Frágil e precioso
Que nem porcelana.
É difícil até de acreditar
Como vida orgânica
Que se alimenta de luz.
Mamíferos marinhos gigantes,
E os animais que escreveram mitos.
Com certeza existe magia.
Hoje olho pra mim (tô) olhando pro passado.
Como quando se olha pra uma estrela.
Hoje eu sou estrela.

107

O humano continua aprendendo a navegar. Aprendeu a olhar pro passado e não apenas passar pelos acontecimentos, mas deixar os acontecimentos passarem por ele também, e aprendeu a prestar atenção nos próprios sonhos, e continua navegando no mar em busca do horizonte.

8

Sonho com serpentes

Jaci Borba

*Sueño con serpientes
Con serpientes de mar
Con cierto mar, ay, de serpientes sueño yo
Largas, transparentes
Y en sus barrigas llevan
Lo que puedan arrebatarse al amor*

*Oh, oh, oh
La mato y (aparece una mayor)
Oh, oh, oh
Con mucho más infierno en digestión*

*No quepo en su boca
Me trata de tragar
Pero se atora con un trébol de mi sien*

*Creo que está loca
Le doy de mastigar
Una Paloma y la enveneno de mi bien*

*Es al fin me engulle
Y mientras por su esófago
Paseo, voy pensando en qué vendrá*

*Pero se destruye
Cuando llego a su estómago
Y planteo con un verso una verdad*

*Oh, oh, oh
La mato y (aparece una mayor)
Oh, oh, oh
Con mucho más infierno en digestión*

Silvio Rodríguez Domínguez¹

110

.....
1 Silvio Rodríguez Domínguez, compositor, poeta e cantor cubano. Lançou a música "Sueño con serpientes" em 1975. A canção de Rodríguez me impactou desde a primeira vez que escutei esta poesia na voz de Mercedes Sosa. Rodríguez narra um pedacinho da minha memória, da minha memória afetiva e política, ainda que estejamos distanciados quanto às perspectivas de território, idioma, experiência de vida, gênero... É incrível como o outro pode dizer tanto de nós. Tenho muitas referências brasileiras, mas naquele instante, em que pensávamos o que escrever de nossas memórias em nossos artigos-narrativos, eu estava, mais do que nunca, imersa nesta poesia de Rodríguez. Aqui, deixo que se confunda o que vivi com o que imaginei e/ou senti do que foi vivido. Deixo turvas as fronteiras entre esses tempos.

na sequência, um curto poema meu
acho

111

Nada

...Me parece que muito começa assim, quando eu era criança.

Eu tinha medo do mar, de certo mar, e do que eu não podia ver debaixo da flor d'água. Eu chorava e corria, e o meu maior medo me tragava para o fundo, mãos humanas que ali me jogavam contra o medo, contra o mar. As mãos que me lançavam no imensurável, no incompreensível, na imensidão.

Eram dias de sol e de saída para o mundo, era o vento no cabelo; e, da janela do ônibus passando por Olinda², eu via... Belo, profundo e poderoso mar. Onda após onda, ritmado, tático, poderoso mar. Meu medo morava nas mãos humanas que, quando se encontravam com as águas, fundiam terrores de guerras, monstros marinhos e terrenos, monstros se erguiam.

.....
2 Olinda, cidade do litoral do estado de Pernambuco, situado no Nordeste do Brasil. Ladeiras, casinhas antigas, ela toda um pedaço grande desta memória.

— Colhi conchinhas. Tá bom! Cavei areia. Tá bom! A água não, te imploro! A água não!

O mesmo era o que se fazia do escuro, das verduras no canto do prato, dos sapos grandes do quintal, dos encarnados e dos que caminham além, de tudo o que eu não podia ver abaixo da flor da pele, dentro dos olhos, atrás da porta, além dos muros.

Os seios da mãe mamei até os 28 dias de idade, e não continuei. Aprendi a caminhar depois dos dois anos. Falar? Falava pouco e falava sozinha. A família, por pouco, não se escorrega na “vergonha de uma filha louca”.

Nadar nunca nadei, nem andei de bicicleta, nem fui a parques de diversão, exceto uma vez – o brinquedo se chamava “patinho”. Fiquei doente, não fui mais. Ficar doente era medonho (não da mesma forma que o mar, porque o mar ao menos tem beleza, tirando, claro, as mãos humanas), ficar doente tinha a sombra da febre com convulsão, que era emocional, e que surgiu quando meus pais se separaram. Superei.

Já disse que tenho medo de altura? Não? Pois tenho. Não só da altura abaixo dos pés, mas também daquela acima da cabeça. Se olho muito pro céu, perco o chão, e perder o chão é ser arrastada pela correnteza. Yemanjá vive lá, dizem, mas não a temo, não muito. Ela é menor que o mar, pois reina dentro dele, e ela é incrível por viver lá dentro. Acho corajosa, eu não viveria, acho.

O maior mar que já vi até hoje mora no Rio Grande do Norte³, e ele come falésias, e traz tartarugas para parir. Ele espelha a lua inteira, se é cheia, e eu sou nada, absolutamente nada diante dele. E o mar, do que tem medo?

.....
3 Estado situado na região Nordeste do Brasil. Lá, onde meus pés tocaram, ainda, tão pouco. Lá, onde vi a maior boca do mar.

Iê! Ê maré-de-lua
Ê maré-de-lua
Lancei meu barquinho no mar
Lua cheia maré alta
Tormenta quer me levar
Tesouro do fundo da alma
Não quer o fundo do mar
Pra vencer essa demanda
Pra vencer essa demanda
Peço asé a Yemanjá
Camaradinha!

113



Laocoonte⁴ e Tirésias⁵ (ou “diga-me de fora, diga-me de dentro”)

Não encontrei absolutamente nada hoje. Esta hora já devo estar dentro do estômago da serpente. Daquela que se revela aos olhos de Tirésias, ou daquela que engole homens e tempos, ou, ainda, dentro do estômago da primeira, que jaz, sabe-se lá, no estômago da outra.

Não encontrei absolutamente nada hoje, talvez por estar absurdamente escuro aqui, dentro deste lugar que, nem mesmo, tenho certeza de onde fica. A preocupação por nada haver encontrado ora dá lugar à preocupação de precisar estar frequentemente encontrando alguma coisa, ainda que, desde o princípio, eu não saiba muito bem lá o que busco. Não encontrei absolutamente nada, tentando elaborar essa questão também. Talvez porque a busca constante da ocupação de si seja o próprio caminho da vida, e a vida seja mesmo essa angústia.

Então, que me deem licença os poetas e as poetisas de verdade. Que me perdoem os poetas e as poetisas de verdade. Todo o meu respeito aos poetas e as poetisas de verdade. Desculpem a falta de fita métrica. Só ousou escrever coisas de vez em quando; e, mais ousada ainda, assino; e, mais desafiadora, ainda “desassino”.

4 Punido pelos deuses, junto com seus filhos, com o ataque das serpentes de Poseidon, por tentar alertar os troianos que não confiassem nos presentes dos gregos.

5 Foi agraciado por Zeus, depois, com a visão sobre o passado, o presente e o futuro. Hera havia punido Tirésias, primeiro, por zombar de suas serpentes (transformando Tirésias em uma mulher por anos – é possível pensar, nesse sentido, que ser mulher é uma punição?), e, segundo, quando Tirésias (já de volta ao seu corpo de homem) é chamado para resolver uma discussão entre Hera e Zeus. Hera afirmava que o homem era privilegiado, pois sentia mais prazer no sexo, e Zeus afirmava que esse privilégio era das mulheres. Então, tendo Tirésias vivido os dois lados da história, poderia ele então responder à questão. Tirésias afirma que a mulher sente, de todo o prazer do homem, dez vezes mais prazer que esse. Acreditando que Tirésias beneficiou Zeus na discussão, Hera retira o seu sentido da visão, enquanto Zeus p recompensa com uma visão para além do corpo físico. Acredito que essa é uma boa história! Abre muitos caminhos para pensarmos as questões de gênero.

Sou juntadora de palavras e quase sempre falho nesta função. Falhar nisso faz parte das atribuições do cargo. Palavras escapam, faz parte da sua natureza. Umas que caem e quebram eu recomponho em outras frases, e componho, do seu texto/corpo, outras orações às suas almas. Dito isso... Como saio daqui? Que palavras, de tantas, uso para que, magicamente, sejam reveladas as entranhas onde estou? Do que saber e conhecer que seja a chave do bucho do que quer que seja isso dentro de onde me encontro (ou me desencontro)? Um acúmulo de interrogações????????????

??

Um mar inteiro delas, arrebentando.

Depois, calma, e um chiado confortável, distante, longo... Me parece chuva fina, mas não é chuva fina, e canto da serpente também não. É agora, com todos os meus sentidos empregados na tarefa de decifrar o som, de que me dou conta; ainda estou neste aqui, e isso que ouço é uma voz baixa. Se há algo de serpente, então é ela quem serpenteia pelo ar agora; e se veio esta voz para me pôr em julgamento diante de todos os deuses e deusas, e diante de todas as bancas avaliadoras de doutores que a academia possui, pois que ela me leve! Já pedi perdão aos poetas e às poetisas e tenho meu espírito, ou qualquer coisa que seja a minha alma, leve e encorajada.

Só peço, se esse caso for, se eu ser levada a um julgamento honroso ou ao escárnio público for mesmo a missão da voz que se aproxima, que seja ela então misericordiosa; que me permita ver algo de luz, capaz de me revelar os contornos daqui; que me permita saber algo além de saber que sou alguém e que estou aqui; que, quando daqui me levar, me deixe saber de onde vim e para que estou aqui...????????????????????... Paro...

Antes que tudo seja mar revoltoso novamente. Laocoonte! Se eu evocasse Laocoonte, ele me apontaria a verdade; se o que vem é traição, Tirésias me permitiria ver. Yemanjá⁶ e Oxum⁷ me mostrariam o que refletem seus espelhos, mas Nanã⁸, a velha, sabe mais e talvez intercedesse por mim. Diante de quem? Não sei.

Eita aperto no peito! Eita hora vindoura que nunca vem! Tudo parece cada vez mais estreito neste lugar que já não me cabe. Acho que já fui semente, agora não sou mais; do contrário, já teria rompido a terra e despertado tudo. A voz, a voz enfim, que por aqui bem perto passeia... Sussurra:

– Conhecimento é uma danação. Uma vez feito, feito. Não há como desver, desouvir, desviver, dessaber...

Mais e melhor vivem os alienados, que não sofrem dessas chagas de roer os ossos da verdade; nem mesmo pensam se há verdade com ossos para roer. Mais e melhor vivem. Mais e melhor vivem os que, por desvio leviano na formação de um caráter, não sentem a corrosão da culpa, e que se exploda, segundo eles, a alteridade. Te olham no olho, te engolem, e, sem que você perceba, já te digerem. Felizes os que não sabem nem de si. Quem “não sabe de nada” não sabe da dor que está inclusa no “tudo”. Existem partes que nunca deveriam ser acessadas. Às vezes só a ignorância “pura” salva a nossa saúde mental. Insisto em roer os ossos da verdade, preciso de tratamento médico especializado.

6 Orixá (oriás) divindade da fertilidade, mãe rainha dos mares em toda a sua imensidão.

7 Orixá (oriás) divindade da abundância, rainha das águas doces, do ouro e das quedas d'água.

8 Uma das mais antigas divindades, ela é da terra. A argila do fundo das águas é um de seus elementos de cura. Tem a sabedoria sobre os caminhos da vida e do acolhimento depois da morte. Nanã conhece estes caminhos.

que sou; sou em todos os lugares de deuses e deusas, e santos e cientistas, e já não posso, nem quero, “dessaber” isso. Eu já sei das fogueiras e dos silêncios, e também sei da força e dos feminismos; sei das diferenças entre todas nós e também sei do que pode e deve nos unir.

A mulher que quero ser vai nascer amanhã, chacoalhando nesse mar instável do mundo. Agora eu sussurro para ela dentro de mim sobre os perigos de saber estar aqui fora. Pergunto coisas para ela, mas já sei das suas respostas.

118



Flor-de-defunto

A morte é não ter quintal, nem oitão pra pendurar hortelã e samambaia. É o último suspiro, sem terraço com bica pra ver caindo água da chuva como se fosse da boca de uma jarra do céu. Ai de mim! Que definho faz mais de cinco anos, feito árvore bichada por dentro. Que angústia! Não tomar susto do besouro de maracujá. Hoje, se vejo um besouro desses, eu quem corro atrás pra ver se ele me nota. Que angústia! Procurar besouro pra ser notada!

Se existem os pecados, pago todos, por não ver horizonte em que me perca ou me ache. Sem sentir cheiro de terra molhada,

por não ver o tal horizonte em que eu me desmonte e me encontre. Oh! Vida! Por quanto tempo me destinaste este calvário de três vasilhos com plantas, como pílulas antimanicomiais?

A morte é não ter quintal pra sentir preguiça de varrer. Saudade de ter preguiças dessas coisas... Sinto que definho por segundo. Falsa alegria é ver lagartixinha caçar formigas no canto da cozinha. Quero eternizá-la. Que dor! Que dor! Viver longe de mim mesma. Onde estão os vagalumes? Onde foram parar os vagalumes?! Que angústia dessa gente desafetiva, dessa rede social que não conecta nem socializa... Que dor desse veneno diário.

Sinto-me esvaindo, empoleirada, nesta caixa de concreto. Por quanto tempo hei de suportar me ver apodrecendo pela raiz? Estou doente de asfaltos e de gentes. Estou doente! Por favor, mandem-me um chá urgente!

119

Respondências

Caixa de Correio, 18 de um novembro.

Cara carta,

Ainda me encontro nesta terra na beira do Nordeste, onde o sol e o mar são cortados pelo vento que sustenta meus cabelos.

Tomo, por meio desta, a liberdade de te contar sobre um caso pessoal. Entre as atribuições de ser minha leitora, está a de topar-se vez ou outra com meu chororô (sim, deveria ter avisado antes). Sei das suas ocupações, relaxe, e leia quando puder. O fato é que tenho escrito pra mim, mas acho que pode ser boa a experiência de ter alguém aí do outro lado (embora de fato talvez não haja, mas é bom pensar que haja). Não busco, na sua leitura, uma resposta que me sirva como elixir da salvação para a situação que descrevo já, já; porém, a tentativa de uma respondência será sempre bem recebida.

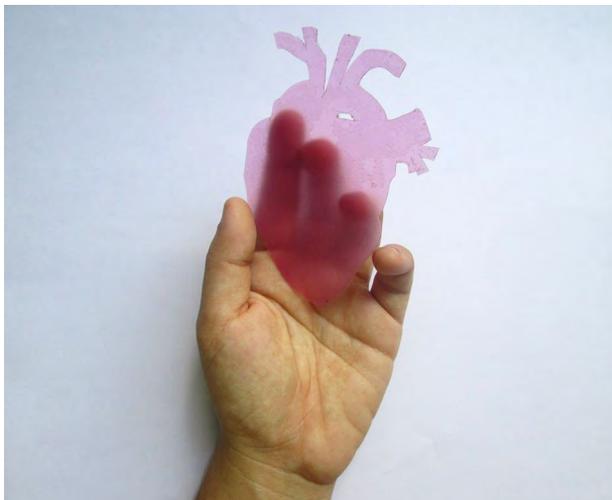
A questão é que acredito que algum orisá, provavelmente distraído de seus afazeres divinos, deixou cair sob meu peito certo artefato. O objeto caiu do céu e eu já sabia que me atingiria. Sabe quando a gente vê o que vem e apenas espera o supapo? Pois é. Antes, pensei ser uma simples bigorna ou pedra, mas cheguei à conclusão de que o objeto que se pôs sobre mim só pode ser algo mítico, tamanha é a paralisia em que me encontro. Estou aqui com isso me pressionando ao chão. Posso mover mãos, pés, posso ouvir (sem cessar) “Roda” na voz da Elis; daqui de baixo, posso ver o céu e tudo o que é dinâmico ao meu redor. A arte me salva, mas não tenho conseguido criar. Sei o que tenho que fazer, o que quero fazer, só não consigo. Então, fico diante do papel em branco, e a branquitude do papel me toma, em segundos, eu sou apenas o papel.

Vou deixando por aqui isto dito.

Abraço.

Ou aceno.

Ou outro gesto que fure o tempo.



Na Parede da Sala, 28 de um novembro.
Caro papel de rascunho,

Hoje faz oito dias que cheguei de viagem. Faz mais ou menos 672 horas que cheguei, e ainda não consegui desfazer as malas (fiz as contas na calculadora).

De vez em quando, vou lá e pego algo que preciso, e este algo acaba por ser devolvido ao seu local de origem, mas a ideia de desfazer por completo as malas chega a me embrulhar o estômago. Vi ontem, em mim, algo de “Grandes são os desertos”, do Fernando Pessoa. A cada dia elas (as malas) estão mais transi-tórias. Essas malas se tornaram uma metáfora no canto da sala.

121

Mar adentro

Mar adentro, vejo as tarrafas serem lançadas, sinto as ondas que dobraram no meu peito. Agora me dou conta, somos oceanos que se encontram, e o medo de estar diante da imensidão de si mesma se revela.

Aqui, nestas águas, somam-se os corpos de meus ancestrais, os que construíram os navios e os que fizeram deles ataúdes, para a liberdade de tantos. Aqui, nestas águas, as correntezas foram correntes de ferro, e os pés contados, cortando as ondas, tinham cor. Aqui, nestas águas vermelhas, eu posso ver o reflexo da minha pele clara e dos meus traços negros. Sou eu quem vim pelo mar, mas que também já estava nessa terra. Ou, na verdade, eu não sou nada disso, nascida neste tempo. Sou um privilégio que se revela.

O mar é muitas vezes uma canção de dor, um samba chorado. O mar é muitas vezes o choro engolido, o coco de roda dançado, um correio de aplausos para o sol que cai. O mar é

uma daquelas tantas coisas que eu não sei dizer. Temo-o, respeito-o, amo-o, quero-o longe, quero-o perto, sou dentro.

Tantas vezes sonho com outro mar de serpentes, e luto contra elas; no sonho, sou engolida por uma maior, vou até o seu estômago e planto minhas samambaias e hortelãs e o que mais queira; e lá faço terraços e janelas, rasgo um pedaço da pele e fundo meu quintal. Ouço Violeta Parra e danço, danço como o Carvalho plantado na rua da Aurora no Recife. Vou cosendo o dia e a história, imaginando como Rosana Paulino faria. Eu brado um poema de Elisa Lucinda e convido todas a estarem lá, a tomarem um chá e a fazerem plano do motim.

122

Sei bem. Mato esta e logo aparece uma maior e bem mais voraz. Sei bem. Depois da próxima, tantas outras chegaram. E tantas outras vezes reconstruirei meu jardim, e serei arte em seu estômago. Sim, é cansativo, é infundo o cansaço.

Braçadas neste mar em que não sei nadar.



Meu pai
nunca me disse voa
nunca me disse dança
nunca me disse transa
nunca me disse nada
Nada com os tubarões

Meu pai
nunca me disse filha
nunca me disse arte
nunca me disse arde
Arde teu corpo no sol

Meu pai
nunca me disse mulher
nunca me disse dona
nunca me disse sangra
nunca me disse sagrada
Sagrada como todos os seres

Meu pai
eu quem disse
Meu pai
Era um homem
comum.

Narrar, findar, narrar

Todas as ideias nascem com reticências...

Tenho esta impressão...

Um dia acordei com o sol na cara de sempre (de sempre, o sol e a cara), e decidi por uma cortina pra conseguir mais alguns minutos de sono pela manhã. Contudo, acordo cedo e fico olhando a luz que passa por entre os fios da cortina, tecidos manualmente por mãos artesãs. O tecido que suaviza a imponência do astro rei, e que deixa o quarto mais confortável a essas horas. Era pra dormir mais alguns minutos, mas viver a experiência do novo quarto me anima, me põe desperta ainda no horário antigo.

Agora me levanto com a nova missão de descortinar as janelas antes de abri-las, recortiná-las depois de abertas e ganhar o prazer de ver o vento fazer seu trabalho no tecido.

Um dia pensei em como contaria isso para alguém, em como eu poderia me expressar e me fazer entender sobre essa situação minúscula e transformadora. Qual a ordem das palavras? Que palavras usar? Como fazer chegar no outro este encontro que pode parecer tão supérfluo entre uma mulher que acorda e sua cortina recém-posta? Por qual motivo o contaria e quem, porventura (ou desventura), se ocuparia de ouvi-lo ou lê-lo? De que importam minhas manhãs? Minutos a mais ou a menos de sono? Se sonho com serpentes ou pássaros?... Você, por qual motivo o leria? Talvez já tenha pensado em pôr uma cortina de renda na janela do quarto. Se for esse o conselho que busca, então tome aqui minha experiência. É muito bom, sim, observe comigo. Foi, vá lá e a ponha, e viva você a sua experiência.

Quando estamos observando/vivendo esses “micromundos”, a coisa parece mesmo infinda. Um conto sobre o café na

xícara pela manhã pode revelar um balaio cheio dos grãos que secam e das mãos que colhem, geração após geração... Uma crônica sobre o espelho do banheiro, um verso sobre o pente na cabeceira, um poema sobre as malas de viagem que nunca são desfeitas, o medo do mar, o nascimento da vontade de lutar pelo direito liberdade de ser o que e quem se é. Cada pedacinho.

É. Talvez o quarto com ou sem cortinas importe mesmo só pra mim, e, por pura vaidade, eu precise externar a maravilhosa nova experiência que, por ora, pode ser maravilhosa tão somente pra mim, e que, exceto para alguém que tenha a dúvida “pôr ou não cortina de renda no quarto?”, isso interesse um pouco. Nem espelho, nem pente, nem malas, nem medos, nem liberdades, nem chuvas, nem receitas de pão, nem estalo de um beijo, nem saudades, nem confusão... Nada, talvez nada disso interesse ao ouvinte ou ao leitor. Um interlocutor que pode estar bem mais preocupado com outras coisas. Que coisas? Não sei, mas com coisas que julga mais importantes.

Mas, observe, deixe que eu defenda um pouco as minhas pequenices. Talvez, só talvez, se você tentar olhar bem de perto, por exemplo, aquele trevo que cresce, sempre teimoso, na falha do rejunte da parede, ou na brechinha do cimento do muro, não há mesmo uma poesia? E se... (calma, é só uma sugestão) E se você escrevesse essa poesia?! Ela já está lá! Tem toda a história do mundo pra contar na teimosia das raízes do que insiste em florescer.

E... Talvez por isso as ideias nascem com reticências... O que vem depois? É a pausa dramática, é o salto pro desconhecido... Do bradar das palavras de ordem na marcha ao suspiro no quarto com a luz calma da manhã transformada pela tal cortina, em que insisto.

Hoje à noite, volto a sonhar com o mar de serpentes, mas nesta manhã só quero alguns minutos a mais de descanso e dessas pequenices pra contar.

9

Prática e formação docente em Artes Visuais

Juliana Wanderley Silva

Gente é mais ou menos como rio:
Tem os que gostam de perigo e se lançam de grandes alturas
Tem os de muitos braços que atiram pra todos os lados
Tem os de muitos redemoinhos que comem bois e gente
Tem os que gostam demais de si e viram lago
Tem os que só sabem correr parados
Os empoçados os pantaneiros os alagados
Tem os que transam com a terra formando ilhas
O fundo de alguns é de pedra. Tem os de peixes coloridos
Outros tem água clarinha. E tem gente córrego seco
E tem gente riacho escuro. Alguns a terra engole vivos
E tem até rio que corre pra trás
O rio que eu sou nasceu em janeiro

Viviane Mosé (2000)



É possível tocar a memória? Juliana Wanderley Silva, 2019

Nascente

Nos álbuns empoeirados da minha família vejo a memória amarelar com o passar dos anos. Nas repetidas vezes em que meu avô paterno contou sua jornada da Paraíba ao Rio de Janeiro no mesmo pau de arara em que Jackson do Pandeiro estava, sinto a memória narrada tomar forma como um filme. A memória é forte, ela abocanha nossas gavetas e todos os espaços internos, quer queiramos ou não.

É possível então que a memória possa trazer à tona questões importantes da formação docente através de uma narrativa autobiográfica? A memória enquanto possibilidade de reflexão sobre a formação?

Este texto trata de um recorte afetivo do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido no ano de 2015, revisitado a partir de um panorama atual da formação de professores em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O Trabalho de Conclusão de Curso, misturado a um relato autobiográfico sobre minha formação enquanto docente de Artes Visuais, resgata das gavetas a memória já estabelecida, a fim de dialogar com a memória em construção constante. Tal trabalho aborda como a experiência do exercício da docência ainda na graduação foi crucial para a minha formação enquanto professora e pesquisadora em Artes Visuais.

Cursei meu Ensino Médio em uma escola pública do Recife que não tinha professores e nem aulas de artes. As aulas que mais se relacionavam às artes visuais, durante esse período, foram as de geografia e biologia. Meu professor de geografia dizia gostar de artes e tentava relacioná-la à sua disciplina, obrigando a turma a pintar mapas e a usar o lápis de cor sempre na horizontal. Se ele percebesse que, porventura, tínhamos pintado na vertical, reduzia então nossa pontuação. Já a

professora de biologia obrigava a turma a reproduzir desenhos de mitocôndrias, células vegetais e animais, e exigia que ele ficasse exatamente como nas imagens do livro, sob pena de perdermos pontos.

Aos dezessete anos, quando tentei o vestibular, inscrevi-me e passei no curso de Licenciatura em Artes Visuais, da UFPE. Sempre amei arte, apesar do fato de ter tido raras aulas durante o ensino básico. As experiências relacionadas às artes visuais estavam ligadas à família, amigos e minha vivência ativa durante a adolescência na cidade do Recife.

131

Dessa forma, é perceptível que, ao ingressar na universidade tão jovem, eu não tinha uma dimensão do real significado da palavra “licenciatura”, tampouco da complexidade por trás de uma formação docente. Um ano depois de entrar na universidade, desaguei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência do Curso de Artes Visuais (Pibid/Artes Visuais) da UFPE, e desaguei mesmo, pois as experiências que vieram em seguida me trouxeram um mar de possibilidades. Eu, que sempre fui admiradora das águas, das marés, que nasci em uma cidade cortada por rio e mar, fui dando braçadas para encontrar o fluxo.

O então Ministro da Educação e professor Fernando Haddad criou o Pibid em 2007, como uma iniciativa de valorização da prática docente, através de bolsas concedidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) a estudantes de licenciatura que desenvolviam projetos educacionais, com a supervisão de um professor da Educação Básica e a coordenação de área de um professor da Educação Superior. O programa traçava, assim, uma relação de parceria entre os dois níveis educacionais e possibilitando experiências de reflexão e de aprendizagem para todos os atores envolvidos, desde

os estudantes de licenciatura até os estudantes das escolas contempladas pelos projetos.

Cresci escutando, de familiares e amigos, que ser educador é para poucos, pois se trata uma tarefa árdua e mal remunerada. Esse é um exemplo claro de como a visão negativa da educação está arraigada em nossa sociedade, que cada vez mais desestimula o ingresso na carreira docente.



132

Me escuta. Juliana Wanderley Silva, 2019

Quando soube que passei no curso de Licenciatura em Artes Visuais, recebi diversos olhares de desaprovação. Chegaram a questionar por que eu estava “desperdiçando” minha inteligência estudando Arte, e, principalmente, numa formação docente.

O último Censo da Educação Superior, de 2018, feito pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep)

aponta a diferença no ingresso dos estudantes nos cursos de licenciatura em comparação com outras modalidades de ensino: “Nos últimos 10 anos, entretanto, o número de alunos em cursos de licenciatura cresceu apenas 49,7%, enquanto o número de alunos de cursos tecnológicos cresceu 141%. No mesmo período, os cursos de bacharelado cresceram 65,6%” (BRASIL, 2018). No que diz respeito à Licenciatura em Artes Visuais, esse número é ainda mais gritante: apenas 1,4% dessa parcela está regularmente matriculada no curso.

Diante disso, programas educacionais de fortalecimento e empoderamento dos estudantes de licenciatura são de extrema importância durante o período de formação. O Pibid foi um dos programas criados para valorizar a carreira docente e, através dele, um diálogo constante entre a Educação Básica e a Superior se estabelece de forma intensa, o que é positivo e enriquece a prática não só dos licenciandos, como também dos professores que já estão atuando na Educação Básica. O Pibid me deu subsídios concretos e me pôs em contato com problematizações reais, sobre a reflexão do ser professora de Artes Visuais e sobre os desafios da educação na contemporaneidade.

Sobre a importância da reflexão na docência, Freire (2007, p. 22) afirma que “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. Nesse sentido, é possível afirmar que, no Pibid, o fazer e o refletir são indissociáveis e, portanto, necessários à formação e ao exercício da docência.

O Pibid/Artes Visuais da UFPE foi aprovado em 2012. O subprojeto do curso do qual fiz parte se desenvolveu por dois anos, de 2012 a 2014, na Escola de Referência em Ensino Médio Diário de Pernambuco, situada no bairro do Engenho do Meio,

Zona Oeste do município do Recife. O projeto aprovado contava com bolsas para cinco graduandos, um coordenador de área e um supervisor na escola pública. O subprojeto tinha, entre seus objetivos, a inserção dos estudantes de Licenciatura em Artes Visuais no cotidiano escolar, na reflexão e na práxis da arte/educação.

Além desse grupo, outros onze estudantes foram contemplados com a bolsa, que teve sua atuação encerrada no curso de Artes Visuais da UFPE em 2018, por conta de cortes orçamentários que afetaram diretamente as áreas “não prioritárias” do programa. Somando um total de dezessete estudantes que atuaram em pesquisa e docência, de 2014 a 2018.

É importante frisar que o Pibid passou a vigor em um momento de mudança curricular no curso, que passava de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, para Licenciatura em Artes Visuais. Essa reestruturação curricular trouxe mudanças nos objetivos quanto à formação desses graduandos, e o curso passou a ficar mais focado na arte/educação, com maior incentivo aos estudantes e maior estímulo ao exercício da profissão docente em Artes Visuais.

Nesse sentido, a aprovação do subprojeto do Pibid/Artes Visuais UFPE vem para somar na formação dos graduandos do novo currículo, colocando-os ante experiências de fortalecimento, de amadurecimento profissional e acadêmico.

Suelen Aquino, uma das “pibidianas” do primeiro grupo, quando questionada por mim sobre a diferença que o Pibid fez na sua formação profissional e acadêmica, respondeu:

O Pibid foi a *experiência* mais relevante da minha formação. O tempo que passei no programa foi o momento, durante o curso, em que estive mais produtiva, pela possibilidade

de experimentar o que o Pibid oferece. Foi quando mais produzi academicamente, e eu acho que o conhecimento que a gente pode ter no Pibid é mais significativo porque ele vem da prática: é uma vivência real, as situações acontecem de fato e temos que pensar possibilidades de solucionar questões e ver se essas soluções funcionam de fato. É diferente de ficar apenas conjecturando teorias. É claro que temos sempre algo a aprender, e aprendemos o tempo todo, mas tenho a sensação de estar um passo à frente na minha formação, por ter participado do Pibid. Seria fantástico se todos os estudantes que têm interesse em educação pudessem participar do programa (Suelen de Aquino, 2015, grifo nosso).

Ane Beatriz, outra “pibidiana”, questionada sobre o mesmo assunto, respondeu reforçando o que Suelen apresentou:

Foi uma experiência muito mais enriquecedora que qualquer estágio durante o curso. As teorias discutidas em sala de aula foram *experimentadas* junto às turmas do Pibid, e tudo o que fazíamos, e que dava certo ou errado, era compartilhado com as bolsistas, a supervisora e a coordenadora. Essa troca de *experiências* foi muito importante para o aprendizado, para a avaliação pessoal e para a definição de novos rumos (Ane Beatriz Reis, 2015, grifo nosso).

A partir da análise das respostas, é possível observar a repetição da palavra *experiência* como o que de fato possibilitou essa relação da práxis em Artes Visuais para as graduandas. Bondía (2001) trata do tema experiência quando cita a importância das terminologias, que são mais do que escolhas e que refletem nosso pensamento:

Nomear o que fazemos, em educação ou em qualquer outro lugar, como técnica aplicada, como práxis reflexiva

ou como experiência dotada de sentido não é somente uma questão terminológica. As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras (BONDÍA, 2002, p. 21).

Etimologicamente, *experiência* vem do latim e significa: *ex* (fora) *peri* (perímetro) *entia* (conhecer, aprender). Buscar a etimologia das palavras é uma curiosidade que sempre tenho, e isso me faz refletir além das letras, das frases. Geralmente, dessa forma, consigo compreender como a cultura modifica as concepções, como nos apropriamos da palavra ou como a origem da palavra a exemplifica em suas ações no mundo. Nesse caso, trago *experiência* como uma das palavras-chaves deste trabalho. Uma palavra que se repetiu na fala das “pibidianas” durante a análise mitocrítica das entrevistas e que constantemente se repete na minha fala em relação ao Pibid. Portanto, palavra dotada de força e de sentido, nessa reflexão sobre o Pibid/Artes Visuais.

136

Breve relato sobre a instituição na qual a pesquisa foi desenvolvida

A escola Diário de Pernambuco contava apenas com uma professora formada em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas, mas que, no momento do projeto, estava afastada de sala de aula por motivos de saúde e havia assumido a supervisão da biblioteca da escola. Outras duas professoras dividiam a tarefa de ministrar a disciplina de Artes: uma, formada em Matemática, e outra, em Letras – assumindo, esta, a supervisão do Pibid/Artes Visuais na escola.

Dentro do currículo do governo de Pernambuco a disciplina de artes é polivalente, ou seja, a professora ministrava artes visuais, dança, música e teatro. No projeto desenvolvido, no entanto, o grupo de bolsistas se comprometeu com a linguagem artística correspondente à sua própria formação: Artes Visuais. Das cinco bolsistas, apenas uma já tinha experiência como professora antes de ingressar no projeto.

Inicialmente, passamos por um período de observação das aulas, conhecendo um pouco mais da escola, dos estudantes, da dinâmica do dia a dia em que estaríamos inseridas, e só depois disso, iniciamos o processo de planejamento. Através dos estudos de Marilda Oliveira de Oliveira (2014) sobre o exercício de alimentar diários na prática docente, que a autora chama de Diário da Prática Pedagógica (DPP), iniciamos uma rotina de criar diários para registrar o dia a dia na escola. A autora fala da importância da construção de diversas linguagens a fim de criar esse diário e da importância desse material para pensar e repensar práticas educacionais.

Por meio da escrita de diários aprendemos mais sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre o que pensamos que os outros pensam. “[...] *un registro de los conocimientos adquiridos, para discernir patrones del trabajo en curso, para volver a reflexionar sobre reflexiones anteriores*” (MANEN, 2003, p. 91). Ou seja, nos auxilia a manter em movimento nossa prática discursiva/educativa, rever posicionamentos, atitudes, nos ouvir a partir do que escrevemos (OLIVEIRA, 2011, p. 990).

Com base no material que ia sendo escrito, desenhado, fotografado, observado e registrado de diversas maneiras, as vivências individuais e coletivas eram compartilhadas semanalmente

em reuniões de grupo de estudo, com a coordenadora e supervisora de artes visuais e refletidas em conjunto.

A escola estadual Diário de Pernambuco é uma escola de referência em Ensino Médio, com atendimento semi-integral aos estudantes. O período de aula contabiliza 35 horas semanais, distribuídas em cinco manhãs e três tardes.

A escola tem uma grande sala de aula de Artes, com uma bancada enorme e duas pias. As salas ficam dispostas na escola como pequenos chalés, interligados por caminhos que vão se cruzando e, entre esses caminhos, algumas pequenas áreas verdes. O local é bastante agradável, apesar da hostilidade das inúmeras grades espalhadas e dos berros da coordenadora após o intervalo, pedindo que as crianças voltem para as salas. Os estudantes são bem amigáveis e atenciosos, parecem ter um sentimento de pertença ou pertencimento forte com a escola (Diário de bordo, arquivo pessoal, 2012).

Assim que chegamos à escola, notamos que o espaço do ateliê de artes era mal aproveitado, funcionava como uma espécie de depósito; todos os materiais que a escola precisava guardar e para os quais não havia espaço eram colocados lá. Tal atitude era muito simbólica, apesar do mérito de a escola resguardar um espaço próprio para a disciplina: o que, sim, continua sendo louvável e raro na Educação Básica estadual de Recife. Esse mesmo espaço era subutilizado e, principalmente, desrespeitado pela equipe educacional. Além disso, outro fato registrado nos diários, de maneira quase unânime entre as “pibidianas”, no período de observação, era o constante hábito de interrupção das aulas de artes por toda a equipe da escola, sem a menor cerimônia. Constantemente, ao chegar à escola, a sala de Artes estava ocupada com alguma outra atividade,

e sem aviso prévio à equipe do Pibid ou mesmo à professora regente da turma.

Para as aulas, havia uma carência em relação aos materiais e suportes artísticos. Alguns poucos gizes de cera e lápis de cor foram doados pela antiga professora de artes e não mais repostos pela escola. Também a professora regente, por ter uma formação em outra área, e não a específica em artes, dizia não possuir o repertório necessário e não sentia segurança para planejar experiências que fizessem uso de materiais alternativos, na tentativa de escapar das aulas meramente expositivas.

139

Em contrapartida, a escola dispunha de ótimos suportes para a projeção de imagens, sempre disponíveis para uso dos professores. Um miniauditório, espaços ao ar livre, que possibilitavam atividades externas atrativas, uma horta, um laboratório de matemática e ciências. No geral, apesar da falta de materiais para as aulas de Artes, a escola era muito bem preservada. Sempre limpa e organizada, os estudantes tinham com ela uma boa relação. Confesso que, *a priori*, toda essa organização me surpreendeu. Por residir em local próximo à escola e por se tratar de uma instituição de pelo menos três décadas, ela passou por momentos bem adversos. Recordo-me de ouvir histórias, quando era mais jovem, sobre a escola Diário de Pernambuco. Em uma delas, contava-se que, no turno da noite, era preciso uma viatura policial para que as aulas acontecessem de forma segura para a comunidade escolar.

A surpresa positiva de encontrar um ambiente agradável, limpo e bem cuidado foi maravilhosa. Isso me mostrou que, em algum momento da história dessa instituição, houve um diálogo, um empenho e um esforço de toda a comunidade escolar para que alguma mudança acontecesse. Mudanças no cotidiano de uma escola exigem interação entre os membros

de toda a equipe, a comunidade e os estudantes, para que, aos poucos, frutos positivos sejam colhidos.

Todo esse processo de conhecer a escola e a dinâmica em que estaríamos inseridas foi essencial no início dessa jornada. Observar o fluxo, a maneira como esse rio se comportava e os diversos porquês. Questionar, anotar, compartilhar... Ações que deram embasamento e, acima de tudo, autonomia no planejamento individual de cada “pibidiana”.

A experiência de dois anos na escola Diário de Pernambuco deu vazão às seguintes pesquisas: partindo do eixo Corpo e Identidade, publiquei, em 2013, no congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Recife, um resumo que tratava justamente das questões abordadas com os estudantes em sala; ainda no mesmo ano, no congresso do Encontro Nacional dos Estudantes de Licenciatura (Enalic), a continuidade dada a esse tema, dentro da minha experiência no Pibid/Artes Visuais, foi apresentada no município de Uberaba, Minas Gerais.

O processo de pesquisa e de seu compartilhamento em congressos e encontros foi de extrema importância no meu percurso. Foi uma das experiências mais relevantes da minha formação durante a graduação. Notei, por exemplo, que minhas notas foram mais altas no período vigente da bolsa e que meu desempenho acadêmico foi melhor como um todo. Durante o processo de pesquisa e de escrita deste trabalho, fiquei refletindo sobre o que, dentro do programa, fez com que isso acontecesse. Dedicar-me ao Pibid fez com quem eu estivesse mais presente na universidade, mais atuante, e com que eu me relacionasse com pessoas de outros períodos. Trouxe-me, ainda, uma carga maior de leitura e de comprometimento, minha criticidade se expandiu e pude relacionar as experiências

vivenciadas em sala de aula e coletivamente, enquanto grupo de pesquisa, a outras disciplinas e esferas acadêmicas. Creio que isso se deve à articulação e à constante orientação que um programa de fortalecimento docente e de imersão nas questões acadêmicas proporcionam.

Em *Artes visuais e processos colaborativos na iniciação à docência e pesquisa* (2013), uma série de artigos organizados por Ana Luiza Ruschel Nunes dá voz àqueles que fizeram parte do Pibid/Artes Visuais da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Entre os escritos, destaco, aqui, a relação entre a prática investigativa e a reflexiva, apontada por Nelson Silva Junior, tema de extrema importância e um grande marco na formação dos licenciandos em Artes Visuais no Brasil.

141

O Pibid é, hoje, um grande marco na formação inicial de um grupo de acadêmicos de Artes Visuais que, juntamente com professores da IES e professores da rede pública estadual de ensino, vislumbram uma formação inicial alicerçada em um ensino, ao mesmo tempo, investigativo e reflexivo que constrói, desconstrói e reconstrói a prática escolar cotidianamente, alimentada por saberes advindos não apenas do universo acadêmico mas também das ações colaborativas que passaram a existir entre a comunidade universitária e a comunidade escolar, formada pela escola e todo o seu entorno (NUNES, 2013, p. 27).

Construir, desconstruir e reconstruir demanda uma articulação coletiva e constantes reflexão e pesquisa. Alarcão (2011) fala da questão do “professor reflexivo” e das contribuições para o exercício e a formação docente de qualidade. A noção de “professor reflexivo” baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e de reflexão que caracteriza o ser humano como criativo, e não como mero reproduzidor de ideias práticas que

lhes são exteriores. Diria que da experiência do Pibid/Artes Visuais levo como maior aprendizado a experiência da reflexão, do coletivo e do compartilhar.

Foz

O curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco está voltado para a formação do professor/a; porém, as experiências vivenciadas no decorrer do curso, dentro dos estágios não obrigatórios, ocorrem, em sua maioria, nos espaços não formais, museus e galerias de arte. Isso se deve, não à escolha pessoal dos graduandos, mas à oferta de vagas, que se mostra muito maior nesse campo. Recife é uma cidade com uma diversidade de galerias e museus cada vez mais articulados e estruturados no que diz respeito aos educativos.

142

Grande parte desses espaços têm educativos formados apenas por estagiários. Na contramão dessa tendência, quase não há escolas que oferecem estágios remunerados para o exercício da docência desses estudantes, e muitos acabam levando como única experiência em instituições formais de ensino apenas o estágio curricular obrigatório.

A experiência no Pibid incrementa, de uma forma muito positiva, a formação acadêmica e profissional desses estudantes de Artes Visuais, assegurando a duração necessária a uma prática mais extensa, e oferecendo aos graduandos a possibilidade de uma maior experimentação e de uma aprendizagem contínua. Aspectos esses que, hoje, enquanto professora em atuação, vejo como fundamentais para a formação de um estudante.

O Pibid foi absolutamente importante para minha formação acadêmica. O tempo em que estive imersa no projeto, foi o momento mais proveitoso da minha graduação e, sem dúvidas, de maior reflexão. Estendo isso ao meu desempenho dentro

do curso como um todo, e não só no comprometimento com o projeto. As leituras e problematizações que partiam do Pibid se conectavam totalmente com as disciplinas e aprimoravam a minha formação de uma forma dinâmica e ampla, de maneira tal que seria impossível condensar uma experiência de dois anos em algumas páginas.

Foz é um local de derramamento, de águas que se fundem com outras, que escapam, que expandem, que perdem seus limites. Este trabalho, portanto, tem a palavra *Foz* em suas considerações finais. Assim como a práxis docente em Artes, que nunca se limita ou finda. A práxis é cíclica e incessante. Até mesmo o menor dos afluentes tem a capacidade de desembocar no mar e ganhar o mundo.

143

Diário de bordo: primeiras impressões

A escola tem uma grande sala de aula de Artes, com uma bancada enorme e duas pias. As salas ficam dispostas, na escola, como pequenos chalés, interligados por caminhos que vão se cruzando e, entre esses caminhos, algumas pequenas áreas surgem. O local é bastante agradável, apesar da hostilidade das inúmeras grades espalhadas e dos berros da coordenadora após o intervalo, pedindo que as crianças voltem para as salas. Os estudantes são bem amigáveis e atenciosos, parecem ter um sentimento de pertença, ou pertencimento, forte com a escola.

Apresentei-me à turma. A primeira aula que observei foi mais um reconhecimento, para que, a partir desse primeiro contato, eu desenvolva as demais atividades e planejamentos. Me senti um pouco nervosa, mas já esperava por isso. Minha primeira vez estando na outra “face” de uma sala de aula. Engraçado que passei longos anos da minha vida em um ambiente parecido, convivendo com escolas como estudante,

mas estar ali em outro papel dá uma sensação de que esse ambiente é totalmente novo. No mais, tentei conversar bastante com eles, perceber a rotina, os grupos, a maneira como se relacionam entre si e com o espaço. Sempre acho que observando esses momentos posso ter um mote para trabalhar com eles. Achei a equipe pedagógica pouco receptiva, meio dispersa. Senti um pouco de dificuldade inicial de me localizar nos espaços e se não fosse a professora regente da turma, eu ficaria totalmente perdida.

Constantemente os estudantes me questionam se vamos usar argila, tinta, se vão fotografar ou criar vídeos nas aulas. Alguns já chegaram a pedir que eu incluísse no planejamento essas técnicas. Acho ótimo que sintam essa liberdade de pedir, pois a aula será planejada para eles e os alunos têm todo o direito de se sentirem contemplados. Também penso que essa liberdade demonstra uma autonomia de sua parte, e uma conscientização de que a sala de aula é feita por eles e para eles. E claro: tudo isso é somado ao desejo de ter outras experiências sensoriais, estéticas e artísticas na sala de aula.

Outro ponto importante é a afinidade que os estudantes demonstraram ter com o Pibid, já conhecem o programa. Em outras disciplinas eles tem bolsistas, já compreendem bem a dinâmica e as possibilidades que o programa traz para a sala de aula.

15/08/2012

Na primeira aula, acompanhei a professora regente. Planejei uma dinâmica para tentar conhecê-los melhor. Fui bem recebida, mas fiquei meio assustada. A turma é grande e sinto que esperam bastante de nós. Eles acham a disciplina defasada atualmente, e a professora regente nunca escondeu deles que

não tem a formação específica em Artes, e que uma pessoa com tal formação é que tem a competência correta para ministrar a disciplina. Nunca tinha percebido que uma aula passa tão rápido. Quando eu era estudante, achava uma eternidade. Só agora vejo que 50 minutos não são nada.

20/08/2012

Minha segunda aula teve como assunto a introdução às questões da estética, já que existe uma liberdade de pensar as aulas respeitando também os temas previamente planejados pela professora regente e do currículo do governo. O tempo da aula é curto, e alguns alunos usam a atividade como fuga para passar o tempo. Fazem devagar, pedem mais tempo... Sempre fico na dúvida se estão realmente precisando daquele tempo, já que cada um tem o seu, ou se estão tentando “queimar” aula. Também percebi, desde o período de observação, que eles se sentem incapazes de desenhar. Com frequência se negam a fazer as atividades propostas por Ana Maria, usando o argumento de que não o sabem fazer.

145

27/08/2012

Nesta aula, tentei discutir um pouco com eles questões sobre a estética com relação ao desenho deles. A aula rendeu um bom debate entre os alunos. Algo que venho notando na organização da grade curricular da escola é que a aula de Artes é sempre a primeira do dia, ou a que vem depois do intervalo. Não faço ideia se isso é proposital, já que, nesses horários, principalmente após o intervalo, os estudantes demoram um pouco mais a se concentrarem em sala de aula, e existe a afirmação declarada de que outras disciplinas são mais importantes que a de artes.

Os alunos que me dão mais “trabalho”, os mais falantes, ou inquietos, são os que mais me surpreendem quando vão expor suas opiniões e na hora de produzir em sala. Creio que suas inquietudes vêm de um desejo enorme de se expressar, e não da indisciplina por pura rebeldia.

22/10/2012

Essa aula tinha como objetivo retomar as discussões a respeito da estética, dessa vez identificando elementos na sociedade que influenciam nossas escolhas culturais. A aula fluiu bem, e foi basicamente toda composta de debate. E muitos participaram, alguns que não gostam muito de falar e apenas prestaram atenção.

146

29/10/2012

Essa aula teve como objetivo principal retomar o assunto e produzir a atividade anteriormente proposta, explicando um pouco sobre a técnica da colagem na arte. Na segunda turma, que iniciou a colagem na aula anterior, alguns alunos refizeram seus trabalhos. Esse fato me chamou atenção. Depois de uma semana ter se passado, esse grupo afirmou que sua colagem estava sem nexos, meio perdida, e a refizeram. Os demais, que em sua maioria não a tinha nem iniciado, produziram, participaram. Alguns, no entanto, não compreenderam bem o intuito da atividade e apenas recortaram e colaram imagens.

05/11/2012

Essa aula deu início a conteúdos que dizem respeito aos profissionais que atuam no campo da arte, a fim de prepará-los para a montagem da exposição. Expliquei aos alunos o papel de um crítico de arte em que meios ele atua. Depois disso, pedi que eles produzissem um pequeno texto sobre a obra de Van Gogh, autorretrato como um pintor. Claro que não pedi que

eles falassem do estilo etc., já que eles ainda não estudaram a respeito. Era mais um exercício de escrita sobre a arte, falar sobre o gênero autorretrato, o qual nós já estudamos, e sobre que aspectos aquela pintura passava para eles.

12/11/2012

Dando continuidade às aulas preparatórias para a exposição, foi a vez de explicar aos alunos qual a função do curador. Levei para eles um pequeno texto sobre a profissão do curador, com uma entrevista ao curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Luis Camillo Osorio, em que ele, de forma descontraída, vai contando quais os requisitos para ser um curador de arte, e quais as formações necessárias para tal. No texto, ele explica sua rotina de trabalho também. Fiz uma leitura coletiva, ou seja, cada um lia um trecho do texto. Durante a leitura, parágrafo por parágrafo, eu ia tirando as dúvidas, explicando os termos desconhecidos e matando a curiosidade sobre o tema. Um aspecto curioso é que eles ficaram surpresos em relação à formação acadêmica do curador: graduação, mestrado, doutorado, especializações fora do Brasil. Alguns não imaginavam que pessoas da área artística estudassem tanto, e um deles me perguntou: “Por que estudar tanto pra trabalhar com arte?”.

147

Visita ao museu

Não era dia de aula, mas me propus a ir com a turma visitar o museu. A visita já estava programada fazia tempo pela escola. Os assuntos que venho trabalhando em sala de aula se conectam totalmente com uma visita a algum espaço expositivo. Apenas os acompanhei. Eles estavam animados em visitar o Museu do Homem do Nordeste, já que todos não conheciam o espaço. O grupo tinha trinta alunos misturados dos três

primeiros anos. O som em cada ambiente do museu chamou a atenção dos alunos, que ficaram curiosos para saber o porquê daquele som naquele lugar, e, a cada questão que surgia, o mediador sanava a dúvida atentamente. Me chamou bastante atenção como os alunos se incomodaram em ficar na sala que retrata a religião do candomblé. Essa sala precede um espaço que retrata o catolicismo. Nessa, eles ficaram à vontade, e escutaram atentamente o mediador. Já na do candomblé, não foi bem assim. Inclusive eles ficaram todos muito juntos, pareciam que estavam com medo, e mal fizeram perguntas, para sair logo do espaço. Além disso, a todo momento, faziam expressões faciais de recriminação ao que estava sendo dito. Depois da visita, tentei conversar um pouco com eles sobre o percurso, a exposição, a mediação... Foi um consenso de que a visita foi boa, que gostaram de conhecer o lugar e que voltariam a ele. Só acharam a mediação cansativa demais e reprimiram o espaço que retratava o candomblé. Sem dúvida já é um mote para as próximas aulas.

Exposição

A exposição está encerrando nosso ano letivo na escola. E, depois de todo o processo, que foi bastante laborioso, conseguimos um trabalho muito interessante, dentro das limitações existentes. Devo dizer que estou bem orgulhosa dos alunos: o mérito é todo deles. Desde a ideia até a concepção. Estamos encerrando as atividades de uma maneira muito bonita. Pela primeira vez a disciplina de Artes interage com a escola e organiza uma exposição em seu espaço. Isso é muito positivo. Mostra que, aos poucos, o Pibid/Artes Visuais vem ganhando o respeito da comunidade escolar como um todo, e que ela está compreendendo cada vez mais a importância do nosso trabalho e, acima de tudo, da arte dentro do currículo escolar.

Os diários de bordo foram escritos entre 2012 e 2014 em arquivos digitais e manuais. Uma parte desse material se perdeu, e apenas o que diz respeito à experiência inicial e à experiência desenvolvida com a turma do primeiro ano do Ensino Médio foi inserido no trabalho.

Referências

ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2011.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência, Revista Brasileira de Educação, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 dez. 2015.

BOTERO, Fernando. *Dores da Colômbia*. Instituto Ricardo Brennand, 2012. Catálogo de exposição.

BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência*, 2015. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 17 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Censo da Educação, 2018. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf. Acesso em: 12 dez. 2019.

FREIRE, Eleta Carvalho; RAMOS, Sérgio Ricardo Vieira; DIONÍSIO, Ângela Paiva. (Org.). *PIBID-UFPE: por uma nova cultura institucional na formação docente*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2014.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MOSÉ, Viviane. *Pensamento chão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

NUNES, Ana Luiza Ruschel. *Artes visuais e processos colaborativos na iniciação à docência e pesquisa*. Nova Ponta Grossa: Editora UEPG, 2013.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira. A perspectiva da cultura visual, o endereçamento e os diários de aula como elemento para pensar a formação inicial em artes. In: 20º ENCONTRO NACIONAL DA ANPAP, 2011, Rio de Janeiro. *Anais do 20º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. 2011. p. 988-1000. Disponível em: http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/marilda_oliveira_de_oliveira.pdf. Acesso em: 18 dez. 2015.

OLIVEIRA, Marilda de Oliveira. Diário de aula como instrumento metodológico da pesquisa, *Revista Lusófona de Educação*, n. 27, p. 111-126, 2014. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/viewFile/4833/3249>. 2014. Acesso em: 17 dez. 2015.

10

O som do fado

Lizandra Santos

fa.do

(latim *fatum*, -i, oráculo, previsão, profecia)

substantivo masculino

1. Força superior que crê controlar todos os acontecimentos. = DESTINO, ESTRELA, FADÁRIO
2. Aquilo que tem que acontecer, independentemente da vontade humana. = PROFECIA, VATICÍNIO
3. [Música] Canção popular portuguesa [...].
4. [...] Vida de prostituição.
5. [Portugal: Trás-os-Montes] Pândega, vadiagem.

(Dicionário Priberam da língua portuguesa, *on-line*)

Este retrato de família
está um tanto empoeirado
Já não se vê o rosto do pai
[...]
Nas mãos dos tios não se percebem
as viagens que fizeram.
A avó ficou lisa e amarela
[...]
Os meninos, como estão mudados.
[...]

(Carlos Drummond de Andrade, “Retrato de família”)

A minha alma amanheceu turva. A minha e a dos meus irmãos. Tudo, em cada canto, da cabeceira à beira de nossas camas, é saudade. E sabendo que saudade não é uma bala de goma que se chupa até ela se desfazer, a gente costuma ficar de resguardo quando a sente. É igual a gripe; deu um espirro: cama. Saudade é coisa pesada. A saudade mais angustiante que experimentei na vida foi a das músicas das aulas de tia Ivete – Pré-escolar, Turma I. Escola Municipal Ermelinda de Lucena Barbosa, 1993. Se a memória não me falha (vejam só), foi a primeira associação de som e imagem que fiz em sã consciência, e que me levou a algum estado emocional. Lembrei e passei mal. Também... Só lembrei uma vez. Essa categoria de saudade é uma pedrada que a gente só leva uma vez, quebra o cocão da cabeça e pronto. Na verdade, eu senti outra saudade dessa quando me lembrei do prato de feijão com farinha quebradinha que comi na casa da minha tia Santa Cazé. A gente escutava o som da farinha derramando da cuia e, ao mesmo tempo, uma música no “raidím” de pilha: “Uma chavinha em cima dela... Uma chavinha em cima dela, só uma chavinha bem fininha, ficou gripada a Gabriela...”. Eu detestava farinha. Minha tia não sabia, nem precisava. Tudo o que ela precisaria saber seria o quão tranquilizante era o cheiro de banha Zezé que saía do cabelo dela. Quatro cabelim bem lisos. Uma vez eu me pendurei nos cabelos de tia Santa pra me balançar, e ela ficou aborrecida. Disse que depois disso nunca mais teve saúde na cabeça. Era uma forma de tentar educar pela culpa, e conseguia. Sempre tinha uma reclamação, uma bronca, uma culpa diferente. Tinha também comida, coisa velha guardada e foto de gente que morreu. Muitas coisas. Muitas coisas que eu experimentava pela primeira vez. A minha tia era uma porta pro desconhecido.



155



Nessa época de tia Santa, eu já não era tão criança e a memória é uma inimiga muito desumana quando pode. Por isso às vezes eu gosto de lembrar, mas às vezes não aguento. E vou enrolando e me enrolando. Gosto de usar essas memórias como material de trabalho – o que não é fácil quando se trabalha de artista. Tem horas que penso que minha veia artística entupiu, mas aí dou uma safenada e ela volta a bombear sangue normalmente, aos poucos, juntando a safena com os vasinhos, um por um. É assim que vou construindo a teia das minhas lembranças: enrolando cada memória fio a fio. É uma pena ter

perdido a linha que me ligava a essa minha tia. Ela foi "simbora" antes de eu prender as imagens que gostaria de prender. Isso me ensina, a duras penas, sobre a independência da memória. É claro: são fios, mas fios sem amarras. A memória da minha família é como uma casa cheia de gente, onde as lembranças vão se formando enquanto a vida acontece, quando a gente vai respirando, lavando lençol, cortando carne, lavando prato dormido na pia, fervendo água, chamando menino a grito pra almoçar. Eu verifico, com essas constatações, que a memória é a coisa mais ínfima do mundo, mas que carrega, no seu âmago, lá no íntimo mesmo, um adubo de fermento, capaz de fazer crescer a menor partícula de lembrança. Eu aprendo outras virtudes da vida com essa conclusão, mas, aqui, não entro em detalhes, que isso comeria várias laudas. O que eu sei e posso falar é que minhas memórias ainda são tenras, têm o espírito da criança que, aos poucos, chega à puberdade. Mas sem pressa. Estou no meio do caminho. Não quero, contudo, me referir à infância como um caramelo quebra-queixo ou um canequinho de caldo de fava com açúcar. Longe disso. A infância tem um gosto adocicado, mas não nos deixemos levar por isso. Outros sabores nos aguardam no decorrer da vida, por mais inicial que seja.

156



No decorrer da minha, um desses sabores vieram pregados nas manhãs em Taperinha, no toyotinha vermelho do meu pai, no arroteo da minha tia Inácia, nas casinhas de boneca debaixo da mesa com Leidinha, no desfazer e refazer o penteado com pano na cabeça da minha amiga velhinha Margarida, nos olhos azuis da minha vó quando ainda enxergavam os horizontes, no peito da minha vó, no cheiro, nas pelancas, nos cabelos, no amor da minha vó, na minha vó, nas brigas com Lucieni, em odiar Lucieni, amar Lucieni, comer arroz com Rafa, invejar os dinheiros de embalagem de cigarro de Rafa, a barriga dele, maior que o corpo.

157



A infância é doce e é podre como o cheiro do medo da sandália do meu pai, dos planos de pular o muro do quintal e ganhar o mundo, na próxima ameaça de surra. Tudo é podre, mas também bonito como nossos nomes no material escolar com a letra da minha mãe.

Mas tudo em volta das nossas camas é saudade da inveja que a gente tinha dos meninos que tinham bicicleta, de quem viajava pra outro país (cidade), de quem usava Neutrox, de quem tinha piscina, de quem atravessava a rua sozinho, de quem jogava carimbada na rua com os amigos, de quem tinha amigos.

A infância é um doce de leite na casa de Aninha, doce e travosa como o doce que sobrava no tacho seco e sem cor que o pai dela deixava; é gostosa como o leite em pó que a gente ganhava na escola e que era terminantemente proibido com açúcar, em casa, guardado - cuidadosamente - na última prateleira do guarda comida.

A infância era doce e fria como um mar de medos que só eram vencidos no colo da minha mãe. Mas tudo em volta de nossa cama é saudade.

158





159



Tia Inácia não pendura mais as calcinhas de pano no varal da minha casa, nem arrota depois de cada copo de água, nem engole comprimido mais, a seco. Tia Inácia, agora, só dorme, e dormir o resto da vida não tem graça. Não tem mais graça nem toyotinha, não tem mais Lucieni, não tem mais lagos nos longes da minha vó. A vida agora é uma volta em torno do nosso terreno na Rafael Soares.



160

Tudo em volta de tudo dá uma volta completa no mundo de medo, um medo tão profundo que nem o colo da minha mãe, nem a letra dela na caixinha de lápis de cor faz com que a gente se sinta como nas mãos de Deus.

A minha alma amanheceu turva. A minha e a dos meus irmãos, e a memória é a sombra disso.



161



As figuras da memória se fundem como as ruas e as caras das pessoas dentro de uma pupila que acabou de fazer exame de vista. Uma a uma vão balizando na valsinha do esquecimento... Até que sobre, apenas, a figura imóvel de um corpo ou dois, no máximo, carregando um milhão de gerações passadas, distantes, dentro de si.

Estas memórias aqui presentes, neste som, nestes corpos, nada mais interpretam do que a si mesmas. E é assim que a vida passa, como um fado que acreditamos não ser:

162

.....
<https://m.youtube.com/watch?v=9LHA-fScv14&t=72s>

(Utilizar fones de ouvido.)
.....

[...]

A moldura deste retrato
em vão prende suas personagens.

Estão ali voluntariamente,
saberiam – se preciso – voar.

Poderiam sutilizar-se
no claro-escuro do salão,
ir morar no fundo dos móveis
ou no bolso de velhos coletes.

A casa tem muitas gavetas
e papéis, escadas compridas.
Quem sabe a malícia das coisas,
quando a matéria se aborrece?

O retrato não me responde.
ele me fita e se contempla
nos meus olhos empoeirados.
E no cristal se multiplicam

os parentes mortos e vivos.
Já não distingo os que se foram
dos que restaram. Percebo apenas
a estranha ideia de família

viajando através da carne.

(Carlos Drummond de Andrade, “Retrato de família”)

11

Hypomnemata

Marcos Haas

Um banco de memórias: assim encaro o caderno que está sempre na minha mochila. Anotações acadêmicas, *insights* banais, citações, esboços, endereços, números de telefone, xingamentos e desabafos. Revisitá-lo é visitar tempos e lugares outros, que não os que atravessam o meu corpo imediatamente; alimentá-lo é destituir do meu corpo um pouco da responsabilidade de estocar essas lembranças, informações, impressões, opiniões.

Um *hypomnemata*¹ é isso. Uma coleção de anotações. E é com essa postura de *coleccionador* que eu me posiciono perante muitas coisas, inclusive as memórias que se acumulam, as decisões que se tomam, as conclusões às quais se chega.

Confesso que sou negligente com meu caderno, assim como com minhas memórias; sou muito habituado ao esquecimento. Confortável, até. Às vezes passo dias sem coletar uma informação qualquer que caiba no meu caderno, assim como passo anos sem pensar numa situação ou hábito ou acontecimento que foi parte constituinte do meu ser. Acontece que

.....
1 Termo em grego que designava diversas coisas: livros de contabilidade, diários ou coleções de *hypomnemas* (anotações). Resgatado por Foucault no texto *Escrita de si*, a manutenção de uma *hypomnemata* é um exercício constitutivo de uma “[...] memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior” (FOUCAULT, 2009, p. 221).

muitas lembranças longínquas que eu suprimo ou negligencio oferecem *insights* interessantes sobre muitas das minhas questões atuais: travas, “noias”, visões de mundo. A minha formação cristã católica é, na minha história, esta categoria-chave, de cuja importância, há algum tempo, destituí, mas que certamente deixou uma marca indelével no meu processo de subjetivação.

Enquanto artista, nas minhas práticas com desenho, fotografia, vídeo ou texto, me vejo fugindo sempre de motes ou arquétipos católicos, menos por pressões externas de um “mercado de arte” (no qual não estou inserido) do que por desconfianças interiorizadas acerca das mensagens que minhas produções carregam. A Igreja Católica é, para mim, um território de desconfianças. Tendo estudado em uma instituição religiosa até os dezesseis anos, nunca estive confortável na posição que essa instituição (reguladora por natureza) destinava a mim ainda muito jovem, decorrente de opiniões incompatíveis sobre os mais diversos assuntos. Mas o principal deles, aquele que norteia o meu desejo criativo, sempre é a intersecção entre gênero e sexualidade; pauta que, no discurso da Igreja, passa inevitavelmente por uma matriz heteronormativa, cissexista, branca e masculina.

Minha relação com essa contradição por um tempo foi uma de culpa. Culpa por não me conformar aos padrões de desejo, de interesse e de masculinidade aos quais meu meio cobrava que eu me conformasse. O processo de esquecimento da religião foi um processo de esquecimento da culpa.

Aos poucos, entretanto, sem nunca diminuir o papel que a cristandade desempenha como instituição reguladora de saberes, poderes, desejos e devires no caminho último da ignorância, da riqueza e da dominação, consigo encontrar na tradição

cristã uma produção muito rica de signos, símbolos, arquétipos e mitos de extrema beleza. Nem toda narrativa cristã é uma narrativa de sofrimento, e nem toda narrativa de sofrimento é uma narrativa sem beleza. Aliás, o grande mote cristão é a glorificação do sofrimento, mais evidente no culto à imagem de Deus morto.

Nesse sentido, e enquanto sujeito homossexual, a imagem dos santos mártires me causa imediata atração. Venho traçando paralelos entre as flechas e as pedras e os tiros que mataram defensores e difusores da fé cristã com as flechas, pedras e tiros que ainda matam hoje o sujeito dissidente da norma heteronormativa. Desvio-me dessas pedras todos os dias, da melhor forma que eu consigo. Já a minha obra é completamente atravessada por elas. Decidi evidenciá-las ao invés de suprimi-las.

Dessa reflexão toda, surge, de novo, o meu fiel caderninho. Onde, nessa coleção de memórias, essas pedras estão evidentes? Desses esboços, anotações, esquemas e memórias, decido desenvolver e materializar as imagens que estavam só esperando ser materializadas. Daí surge o projeto “Hypomnemata”. Partindo da ideia de que a memória é uma força que está sempre a serviço de um interesse do presente, e que essa força sempre remete a um tempo e a um espaço outro, proponho um trajeto. Uma obra que force quem quiser acessá-la a se deslocar entre espaços e a procurar ativamente, e que proponha uma reflexão sobre a espacialidade, entre o estar/não estar, entre o material/terreno e o virtual/sublimado.

Dessa forma, proponho um trabalho de desenvolvimento contínuo, que transita por diversos meios: pintura, desenho, escultura, arte digital, fotografia e performance. A obra como um todo é um conjunto de três instâncias: um perfil no Instagram,

instalações tridimensionais e um *website* ou portfólio *on-line*. Cada uma das instâncias é dependente da que a precede, pois o acesso a uma parte da obra depende do acesso à “etapa” anterior.

Explico: o perfil do Instagram, intitulado “Hypomnemata”, é um disparador: em um tom secreto, as postagens nesse perfil não são explicativas. Elas propõem e instigam os usuários da rede social a participarem de uma “caçada ao tesouro”, disponibilizando marcações em um mapa, indicando a localização de pequenas obras escultóricas espalhadas em um trajeto sugerido, aqui referido como uma “peregrinação sináptica”.

168

Essas instalações, aqui chamados “santuários sinápticos”, são assemblagens tridimensionais de materiais diversos: plantas, galhos mortos, água, areia, pedras e outros materiais expressivos como gaze, correntes, vidro etc. A princípio, foram montados três santuários, e os três foram espalhados (ou escondidos) pelo Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Eles são acompanhados por uma vela e um adesivo contendo: 1) O nome da obra; 2) um QR Code; 3) o *link* para uma página *on-line*; 4) uma senha e 5) a *hashtag* #hypomnemata. Esses elementos são fundamentais para o acesso à terceira etapa da obra.

O *website*, também chamado “Hypomnemata” e hospedado no *tumblr*, serve como um portfólio artístico e um repositório de memórias. Esse *site* hospeda páginas que são acessadas exclusivamente pelo contato com os santuários sinápticos (através da leitura do QR Code ou do uso da senha encontrada junto a cada santuário). Essas páginas, uma correspondente a cada santuário, são criadas sempre que se monta um novo santuário, e serão alimentadas com textos, audio-diários, registros fotográficos, vídeos, desenhos etc. Os três já realizados levam a pequenos “ensaios visuais”.

Cada santuário realizado foi erguido para um santo católico, tomando total liberdade criativa para remeter à sua imagem com os materiais a mim disponíveis. São eles: São Sebastião, São Pedro e São Lázaro.

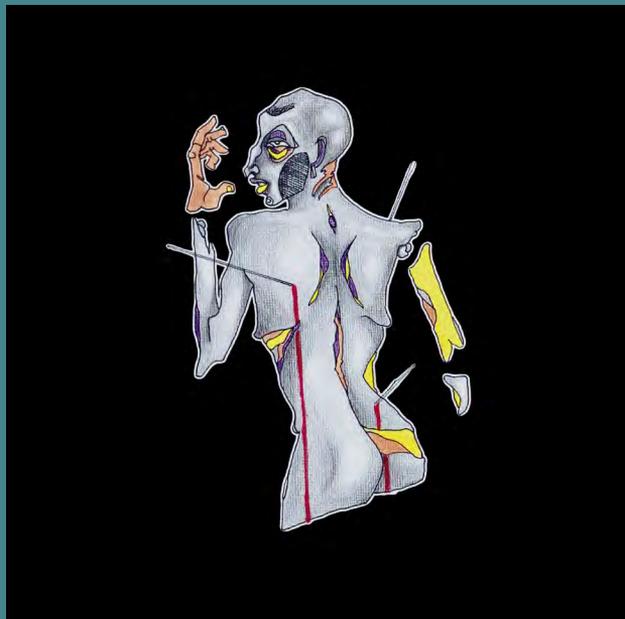
Santuário a São Sebastião



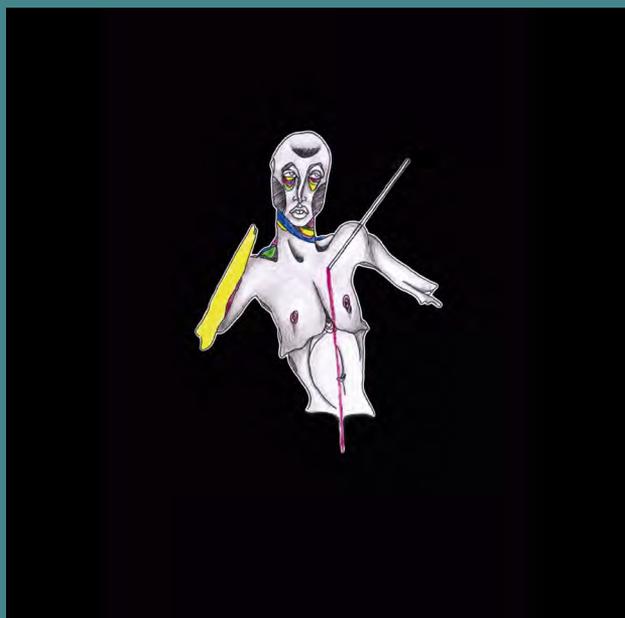
São Sebastião é a figura mais emblemática do *mártir* cristão. É também uma figura emblemática na minha formação, e consigo pensar em duas relações afetivas muito fortes com sua imagem. Primeiro veio *Sebastiane* (Derek Jarman, 1976), um filme experimental de teor homoerótico que “remonta” oniricamente passagens da vida do santo, um general de um destacamento romano. Para mim, aquela abordagem da vida de um santo católico era inédita. A nudez explícita e a erotização do corpo de São Sebastião cutucou alguma coisa no meu inconsciente. Além de ter aberto meus olhos para a obra do que hoje é um dos meus diretores de cinema favoritos, o filme cristalizou na minha mente a imagem de “São Sebastião, o santo *ícone gay*”. Há, de fato, uma tradição extensa de idealização da beleza de São Sebastião, e este teor homoerótico atribuído a ele não é incomum desde o século XIX. Há algo de fascinante no gozo do martírio. Seguidor desta tradição, a obra de Glauco Rodrigues, gravurista e pintor bageense, me apresentou algumas das representações mais belas do santo. O artista, por vir de uma cidade muito próxima da minha cidade natal, no interior do Rio Grande do Sul, vem me servindo de *espelho* e inspiração em suas trajetória e poética.

A minha tradução desse filme em um pequeno santuário se deu principalmente através do uso de correntes enroladas em um galho. O transeunte que encontrá-lo dando sopa por aí vai identificar, colado a ele, um código que, quando lido por um *smartphone*, redireciona o usuário a uma página que contém três desenhos da série *A Cura*, concluídos por mim no início de 2019.





172



Santuário a São Pedro



173



O segundo santuário é dedicado ao outro homem que andou sobre a água, mas que logo afundou por medo das ondas. É também o homem que guarda a chave do céu, que manda ou desmanda a chuva, na crença popular, e que foi crucificado de cabeça para baixo, pois se recusava a morrer da mesma forma que Jesus. Dessa última simbologia, a que eu considero mais forte, traço um paralelo com a figura do tarô de Marselha do *Enforcado*, aquele que nos convida a ver as coisas por outra perspectiva.

Seu santuário foi construído ao redor da água, aquela sobre a qual se anda ou na qual se afunda, aquela da chuva, ou aquela suja e estanque que oferece um reflexo turvo. Há nele um elemento de leveza e sublimação representado na inclusão da fibra da paina, que é tão leve que não afunda, mas que também bloqueia a visão do reflexo; a paina é um material que eu venho trabalhando para representar questões de *esquecimento*, *confusão mental*, *indistinção* e *repressão*, por ser esse elemento que se assemelha a nuvens eternamente cambiantes ou à fumaça que embaralha a visão.

O trabalho ao qual esse santuário serve como disparador é uma série de ilustrações de moda, tendo como protagonista minha personagem *drag queen*, chamada Karma Tangi, criada em meados de 2014. Karma surgiu na minha vida assim, na forma de desenho, mas ela se desenvolveu e tomou conta da narrativa em diversos campos da minha existência. Ao passo que, através dos anos, eu aperfeiçoava e definia um visual que brincava com os estereótipos de gênero nessa personagem, esses mesmos esforços se traduziam no meu *construir-a-mim-mesmo* diário.







Santuário a São Lázaro



178



São Lázaro de Betânia é uma reflexão sobre a mortalidade. O santo, ressuscitado por Jesus, é o culto à morte escancarado. Geralmente representado (erroneamente, segundo os historiadores) como leproso, acinzentado, apoiado em muletas, São

Lázaro é material de pesadelos. A “sombra” da morte está sempre sobre o devoto cristão, e julgo eu que as preocupações relacionadas à mortalidade própria do homem chegaram à minha vida de forma muito precoce. Na imagem de Jesus crucificado, no ato de comer seu corpo e beber seu sangue, ou na esperança da vida eterna, a imagem corpo morto e esvaziado de valor foi uma constante em minha formação. O santuário a São Lázaro tenta refletir isso, a mácula e a chaga. É uma pedra enrolada em gaze, manchada de urucum.

179

O trabalho que relatei a esse santuário faz parte de um ensaio fotográfico que traz o corpo decepado, rasgado, distorcido. Fotografias que foram geradas pensando na vergonha, na exposição de profundas feridas, na desconexão entre alma e corpo.





Espero ter sido bem-sucedido na proposta de uma obra de arte que se valeu do material e do virtual de maneira imbricada. Gosto da ideia do dispositivo disparador que transporte para outro lugar, pois a própria memória é esse deslocamento. Oferecendo um vislumbre de minhas memórias, tento oferecer para mim mesmo a redenção martírica de quem defende seus ideais e acaba levando pedrada. Esse é um trabalho diário. E a construção dos santuários é um trabalho que ainda não terminou, pois sempre haverá memórias a serem revisitadas, e estou disposto a oferecê-las.

Referência

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Nova Veja, 2009, p. 134-137.

12

Me·mó·ri·a

Marianna dos Santos Melo

me•mó•ri•a

(latim *memoria*, -ae)

substantivo feminino

1. Faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos.
2. Lembrança.

(Dicionário Informal)

Sou quem sou porque não me lembro de quem fui

“Sou quem sou porque me lembro quem sou”

(Ivan Izquierdo, *Memória*)

Logo no início desta escrita, pensei em testar o poder da minha memória. Há menos de seus meses, produzi uma narrativa autobiográfica sobre a minha formação para a disciplina de Estágio Curricular em Ensino das Artes Visuais 2. Nela, foquei o meu processo de desenvolvimento profissional. Assim que soube da necessidade de escrever novamente uma narrativa de formação, agora para disciplina Memória e Narrativa, pensei: “Vou me desafiar. Vou contar a mesma história outra vez, e quero ver se sou capaz de contá-la sem mudar nada”, mas logo desisti. Achei bobagem. É claro que o texto sairia diferente. É claro que lembraria coisas que não escrevi ou que esqueceria coisas que já lembrei. Faz parte da memória esquecer e lembrar.

Ainda preciso escrever sobre meu processo de formação. Faz parte da avaliação da disciplina. Penso em escrever sobre a minha formação pessoal, mas acredito que não daria conta; passaria dias lembrando e relembando fatos e não terminaria a tarefa a tempo. Posso também escrever sobre tudo o que lembro, pois acredito que tudo o que lembro que vivi, e também o que não lembro, contribuiu para formar quem sou hoje.

Estava procurando a definição de “memória” no dicionário, e uma das definições que apareceu foi a seguinte: “Faculdade pela qual o espírito conserva. Ideias ou imagens, ou as re-adquire sem grande esforço”. Me flagrei um certo tempo pensando sobre esse final, “sem grande esforço”. Não concordo com ele. Sei que temos recordações que não precisam de nenhum esforço nosso para nos virem à cabeça, mas existem outras que, com determinado esforço e com a utilização de alguns dispositivos, conseguimos lembrá-las. Farei esse exercício.

Resolvido! Irei falar de coisas que não lembro, ou que lembro pouco, ou que não lembrarei de jeito nenhum. Esses fatos, obviamente, fazem parte da minha formação, e não os contarei

de forma cronológica; apenas irei contá-los como pensamentos soltos, coincidências que percebi abrindo a caixa de fotos guardada dentro do maleiro do quarto da minha mãe. Sei que, de certa forma, esses fatos dizem algo sobre mim. Não sei o que dizem especificamente, mas até o final deste texto espero saber.

Ao abrir a caixa de fotos, encontro, entre as fotos soltas, algumas fotos que tinham alguns rostos riscados, rostos de pessoas próximas a mim: minha tia, meu tio, minha avó. Sempre soube que esses riscos tinham sido feitos por mim, mas não por lembrar que um dia fiz isso, e sim por me falarem que o fiz. Tudo bem, mas nunca pensei sobre o que tinha me feito riscar, nas fotografias, os rostos dessas pessoas. Passei o dia olhando pra elas, tentando lembrar qual fato ocorrido me levou a fazer isso. Não lembrei.

Achei outra foto, essa não estava riscada, mas estava rasgada. Essa era da minha mãe quando bebê. Posso me lembrar do momento em que rasguei essa fotografia. Não sei quantos anos tinha, mas posso afirmar que era mais velha do que quando riscava os rostos das pessoas nas outras fotos. Foi em um excesso de raiva que fiz isso, disse eu tenho certeza. Apesar de não lembrar do fato específico que me levou a ter raiva dela, consigo lembrar do sentimento de raiva que tive no momento. Lembro-me também do arrependimento que tive logo depois de fazê-lo.

Encontro a última foto que vou relatar aqui. Essa estava no álbum que fiz quando adolescente. É um álbum de fotografias especificamente minhas e dos meus amigos. Aqui em casa nunca se teve tanto cuidado com as fotografias, pois já se perderam vários álbuns e eu sempre tive medo de que perdessem minhas fotos. Sobre essa última foto me lembro de pouca coisa, ou de quase nada. Lembro que foi tirada na escola em que

estudava, deveria ser na 2ª ou na 3ª série. Lembro-me da menina que está ao meu lado, Rayane. Éramos amigas nessa época, mas hoje não faço ideia de quem é ela. No fundo, posso ver Bruno, também éramos amigos. A mãe dele era amiga da minha mãe, por isso viramos amigos. Nessa fotografia, eu recortei alguém, não sei quem foi, não sei o porquê disso e, mesmo fazendo um grande esforço, não consigo lembrar.



185

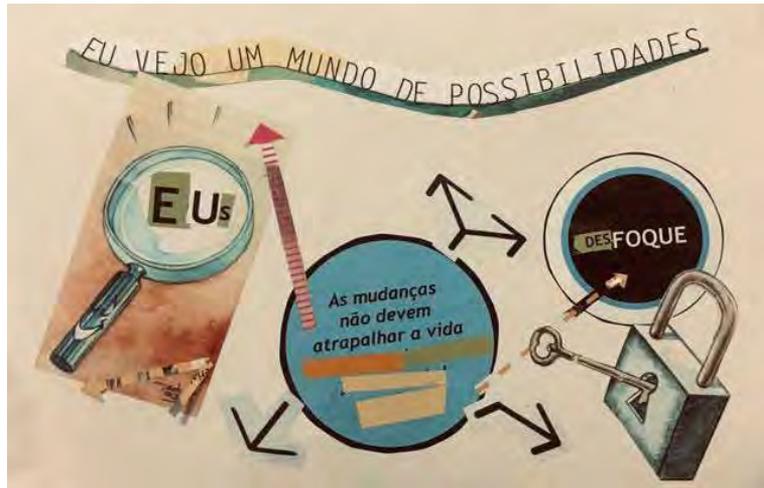




Hoje faz uma semana que não escrevo nesse texto. Isso não quer dizer que não pensasse sobre ele. Passei dias pensando o porquê de relatar esses fatos e o que isso tinha a ver com a minha formação. Talvez eu não consiga dizer exatamente como uma coisa está ligada a outra, mas, de qualquer forma, acredito que o fato de estar escrevendo e repensando sobre algo que me passou seja também um processo de formação. Pensei em como pra uma criança às vezes é difícil entender sentimentos e expressá-los, e que talvez tenha feito essas coisas por não conseguir expressar em palavras o que estava sentindo. Provavelmente, deveria estar sentindo raiva, tristeza, frustração ou qualquer sentimento parecido com esses em cada um desses momentos. Andei conversando com uns amigos sobre “essas coisas de criança”, e uma amiga me contou que a filha dela fez algo parecido: tinha ficado triste por algo que a mãe tinha feito e jogou uma foto das duas no lixo. Achei

interessante como sempre arrumamos maneiras de dizer coisas, às vezes inconscientemente, às vezes conscientemente.

Penso também sobre o que ainda tem em mim daquela Mariana que rasgava e riscava fotos. Penso sobre a dificuldade de me expressar. Penso na minha timidez. Penso agora em como, entendendo o que sinto, ainda tenho resistência de falar pro outro. Não sei. Talvez aquelas coisas nem tenham sido só “coisas de crianças”, como pensei.



13

**3ª série
manhã**

Mitsy Queiroz



3ª série¹ é uma narrativa visual das equivalências no salto de tempo entre duas gerações de aprendizes e pedagogas, a partir de memórias coletivas criadas e mantidas ao longo de dezoito anos e da reflexão sobre que tipos de imagens e vocabulários são recorrentes no processo de ensino-aprendizagem formal. Dessa problemática, um arquivo pessoal de fotografias

1 3ª série manhã. Mitsy Queiroz, 2019. Fotografias analógicas e documentos editados digitalmente.

analógicas foi resgatado, de maneira que algumas perguntas surgiram, para que, através desse recorte, se pudesse indagar: que postura de corpo se apresenta nessas imagens? Como esse corpo é modelado no cenário? Que objetos figuram o imaginário resgatado pelas fotos? Que tipo de conduta são aprovadas ou reprovadas na comunidade escolar? Que símbolos são mantidos ao longo da história entre pedagogias tradicionais e progressistas? De que maneira esses corpos são disciplinados por esses modelos? Como se dá o silenciamento dessas subjetividades? Que escoriações tem o corpo discente em sua trajetória de formação escolar?

190

Assim, a pesquisa procurou responder a essas inquietações com a abertura do álbum reduzido da minha família; no qual cada possibilidade de foto é entendida como uma cerimônia, e a formação escolar, como uma consagração. Nesse contexto, o retrato fotográfico funciona como um tipo de manutenção atemporal do existir, autenticando fatos e contribuindo para a construção de uma memória e de sua subjetivação. Isso porque a fotografia mantém vívida essa memória, que se atualiza e recria os fatos sempre que o álbum de fotos é aberto; sempre que novas percepções nos ajudam a entender os acontecimentos do passado, a nos movermos em cena e ampliarmos as possibilidades de foco daquilo que parecia turvo.



191

Essas imagens que escolhi são as únicas que testemunham a infância da minha mãe. Para mim, são como mapas para esta investigação que perpassa a minha própria identidade, entre os distanciamentos e as aproximações que atravessam as gerações: marcando os contornos imprecisos nas redondezas onde as linhas do rosto sofrem com as contrações e as consequentes estriações, e saltando da pele toda sorte de experiências internalizadas, corporificadas. Ultimamente tenho me questionado sobre como o que nos afeta toma conta do corpo, sobre como descobrir-se consciente das percepções e restaurar novos parâmetros para os limites de nossas ações neste mundo.

Aqui, com fotografias e um boletim de notas, tentei entender e expandir os limites que essas imagens me impuseram, descobrindo, a cada visita, novas possibilidades de movimentação dentro desses três cenários, curiosamente, escolares, que conferem crédito à educação formal em regime militar e ao dever para com a pátria de defender seus símbolos – a saber, entre a bandeira e uma enciclopédia, o pequeno transgressor Pinóquio a caminho da escola.

Processo criativo do projeto 3ª série manhã



Retratos de Regina

EDUCANDÁRIO MÁRCIA CRISTINA
Av. Encanto Mepp n.º 126 - Pina
Fone: 465-1930

Recife PE
Cidade Estado

Não se pode educar eficientemente, se os pais e professores se desconhecem; se a educação escolar estiver isolada da educação familiar.

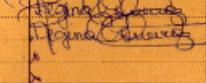
(DINING)

Editora SOCOLEGIOS Ltda.
Empresa s/p. 151 P. O. Box 110 - Curitiba
Rua Uruba Caixa. 26/40 - Recife
Fone: 224-4931 - 224-4840
Fax: 224-8682

Ficha de Avaliação
1º GRAU MENOR

ALUNO Mitsy Tamara
Série 3ª Turma U Turno manhã

192

	Português		Estudos Sociais		Ciências		CONDUTA	FALTAS	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL
	Paralelo	Prova Anual	Prova Anual	Prova Anual	Prova Anual	Prova Anual			
1º Período	87	100	80	9,5	10	8,5	A	 	
2º Período	100	100	9,5	9,5	7,5	9,0	A		
3º Período	90	9,8	90	9,5	10	9,5	A		
4º Período	93	10	85	8,5	9,5	8,5	A		
Médias Anuais	92	93	88	9,2	9,2	9,0			
Prova Final									
Média Após Prova Final								RESULTADO FINAL	
Nota de Recuperação								O Aluno foi aprovado	
Média Após Recuperação								 Diretora	

Obs.: A matrícula em 1948 só poderá ser renovada com a apresentação deste boletim.

Sua frequência poderá ser fator decisivo para a sua aprovação.

MARACANA

Meu boletim de notas da 3ª série

Reunia os aspectos essenciais dessa grade amarela. Li nos olhos a conduta que sugeria a bandeira e meu boletim de notas.

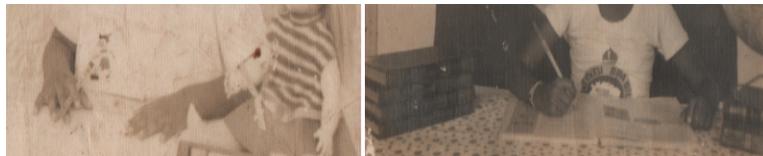


193

	Português		Estudo Social		Ciências		CONDUTA	FALTAS	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL
	Prova	Trabalho	Prova	Trabalho	Prova	Trabalho			
1º Período	8,7	10,0	8,0	9,5	10	8,5	A		ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL [Handwritten Signature] [Handwritten Signature]
2º Período	10,0	10,0	9,5	9,5	1,5	9,0	A		
3º Período	9,0	9,8	9,0	9,6	1,0	9,5	A		
4º Período	9,3	10	8,5	9,5	9,5	9,5	A		
Média Anual	9,2	9,9	8,8	9,4	9,4	9,0			RESULTADO FINAL O Aluno [Handwritten Name]
Prova Final									
Média Anual									
Média Anual									

Obs.: A matrícula em 1948 só poderá ser cancelada e a apuração do boletim.

Sua frequência poderá ser feita decisivo para a sua aprovação. 1948

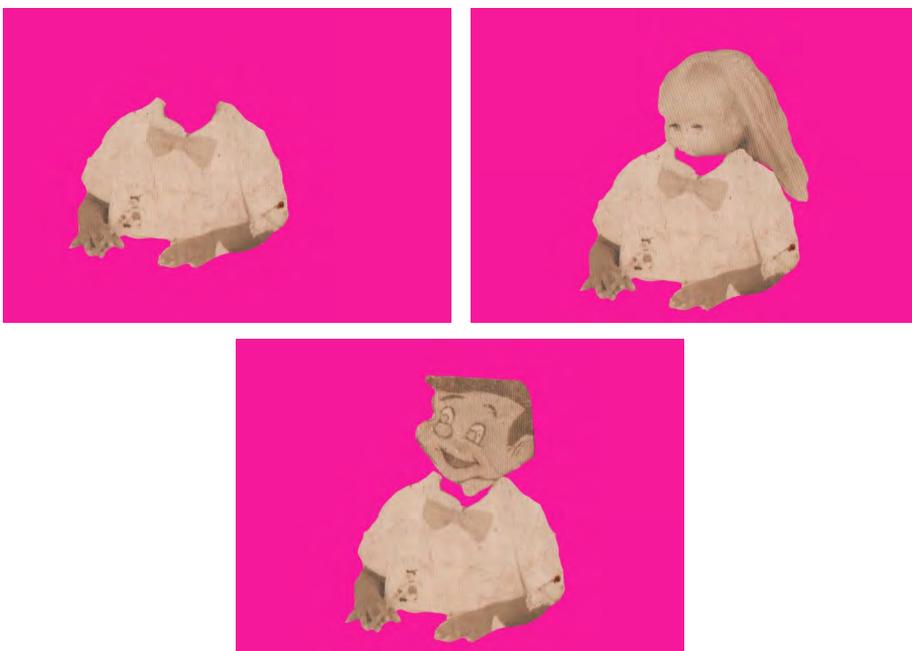


A escrita



Modulações comuns da aparência, do ego, da fantasia e do Eu no mundo.

194



A reinvenção do corpo berrante



195

Entre a ressurreição de um regime e os silêncios que ele governa

14

Retrovisor

Myllena Matos

Há uma porta que tu fechaste para sempre
e algum espelho te esperará em vão;

[...]

Há uma, entre todas as tuas memórias,
que agora está perdida além da evocação.

(Jorge Luis Borges, “Limites”)

Retrovisor é uma viagem de volta, um curta realizado para disciplina Memória e Narrativa, que tem como mote a materialização imagética da memória e um estudo sobre como o inconsciente e os afetos a atravessam. O projeto reúne imagens de arquivo das cidades de Recife (PE), Aracaju (SE) e Poço Verde (SE), partindo de uma investigação pessoal sobre como o tempo e as experiências interferem na memória e na percepção de um espaço. A disposição e o tratamento das imagens servem ao processo de fluxo dos sentidos, no que pode ser compreendido como uma recusa das narrativas clássicas para adentrar um espaço desconhecido, mas que não precisa ser descoberto por inteiro. O curta-metragem propõe mais uma *afetação* que uma

compreensão clara das imagens, sugerindo mesmo que a narrativa parte de uma sensação; logo, é permeada pela subjetividade. As texturas, o som, as cores e a sobreposição foram pensadas para servir aos processos de atravessamento, quando a memória e os fatos se confundem, fundando um espaço único, composto pela realidade, mas que não existe nela. O filme dispõe de pouco mais de dois minutos, com som não diegético, dividido em duas partes: a percepção e a memória, ou a consciência e os sentidos. A construção do som foi pensada em conjunto com a imagem que fica no retrovisor. O ruído da cidade parte de um tempo presente, enquanto, na volta ao lugar de origem, Poço Verde, os sons vão se sobrepondo assim como as imagens, a cidade e o interior vão se fundindo ao mesmo tempo que se friccionam. Desse atrito surgiu este filme. A escolha das imagens das três cidades se deve a uma trajetória pessoal de mudanças. As viagens de volta são muito atravessadas por essa memória errante, e o curta surge como um meio de investigar e materializar esse sentimento.

198

Referência

BORGES, Jorge Luís. *Limites*. Disponível em: <https://canaldepoesia.blogspot.com/2014/11/jorge-luis-borges-limites.html>. Acesso em: 1 jul. 2019.

15

Elegia

Nicolò Vitorino

Tua será também a certeza de que o Tempo se esquece de seus passados e de que nada é irreparável, ou a contrária certeza de que os dias nada podem apagar, e de que *não há um ato, ou um sonho, que não projete uma sombra infinita*. [...] Talvez estejas folheando neste momento os diversos livros que não escrevestes, mas que prefixavas e descartavas e que para nós te justificam e de alguma maneira são. [...] estavam em ti quando me disseste sorrindo: *Je suis très fatigué. J'ai quatre mille ans*. Isto ocorreu na Terra; vão é conjecturar a idade que terás no céu. [...]

(Jorge Luis Borges, “Elegia”)

A escolha de partir de Borges se dá em dois eixos fundamentais: 1) a projeção da sombra infinita; e 2) as ideias que não concebemos, mas que, por uma série de aspectos, nos constituem e estão em nós. A memória é uma sombra infinita, que transpassa as dimensões do passado, do presente e do futuro como uma presença, o que faz com que seja possível que tenhamos a percepção do tempo no espaço e entre suas relações. Uma presença inegável e inevitável, que marca dois sentidos de uma mesma percepção: o que está de forma que rompe com um paradigma anterior, e o que está enquanto base desse paradigma. Um rio que flui fatalmente, “[...] como se fosse [...] outro e mais antigo [...]” (BORGES, 1985, p. 18).

Já disseram vez ou outra algo sobre memória ser um conceito espiritual (TARKOVSKI, 1990), apreendido pela experiência dos sentidos juntamente com a razão; concepção que contesta em essência a cultura hegemônica, que alega a existência dessa separação. Nesse sentido, opera a arte, em sua dimensão de afeto, de discurso, de sensação, de política. São criadas representações que são impressões de um tempo, inevitavelmente do próprio tempo de quem cria (mesmo que se trate de outras épocas), e que se fazem entender de forma “concreta ao espírito”, considerando também que a razão já foi dominada. A linguagem da arte é uma comunicação distinta quanto à relação estabelecida com a realidade; é como uma imagem do mundo sensivelmente percebida, que surge como revelação (TARKOVSKI, 1990) e como narrativa. E, nesse sentido, a História é um processo que contém em si a sua narrativa, é objeto da humanidade e mecanismo de atribuição de sentido (ou de esforço de atribuição) à experiência humana do tempo e do espaço, que é intangível em certa dimensão. É construída não só, mas também, por uma memória coletiva, que se estabelece através de

discursos coletivos, e corresponde a sentidos e concepções de mundo; uma tensão irresolúvel que não é individual nem subjetiva completamente. É também uma experiência coletiva.

Este trabalho intenta construir uma narrativa a partir de fragmentos, de resquícios de imagens, de impressões de tempo; manifestando-se, aqui, o segundo eixo citado inicialmente. Imagens que são significadas a partir de seu contexto, e alteradas, e recriadas, deixando de lado a vaidade da autoria e o preciosismo que permeia o conceber da imagem na modernidade ocidental. A colagem é uma expressão antropofágica em essência, que revela sentidos de forma subjetiva, mas induz de forma concreta o pensamento a uma linha de raciocínio; e busca uma compreensão além dos limites da palavra. A ideia era também produzir uma narrativa histórica, entendendo-me como sujeito de meu próprio tempo, e constituída de sentidos coletivos e percepções da época que não são estritamente individuais. Entendo que compartilhamos concepções e ideias, além disso, e experiências do mundo dos sentidos, e expressões. Como sensação:

“[...] como se, sem aviso, o tempo era capaz de me alcançar e correr por debaixo de minha pele, como minúsculos choques elétricos; que eu não conseguia evitar, por mais que tentasse. E quando eles finalmente cessavam, e tudo serenava, eu já era uma pessoa diferente daquela que tinha sido; e, às vezes, isso me desesperava” (NO INTENSO..., 2017)¹.

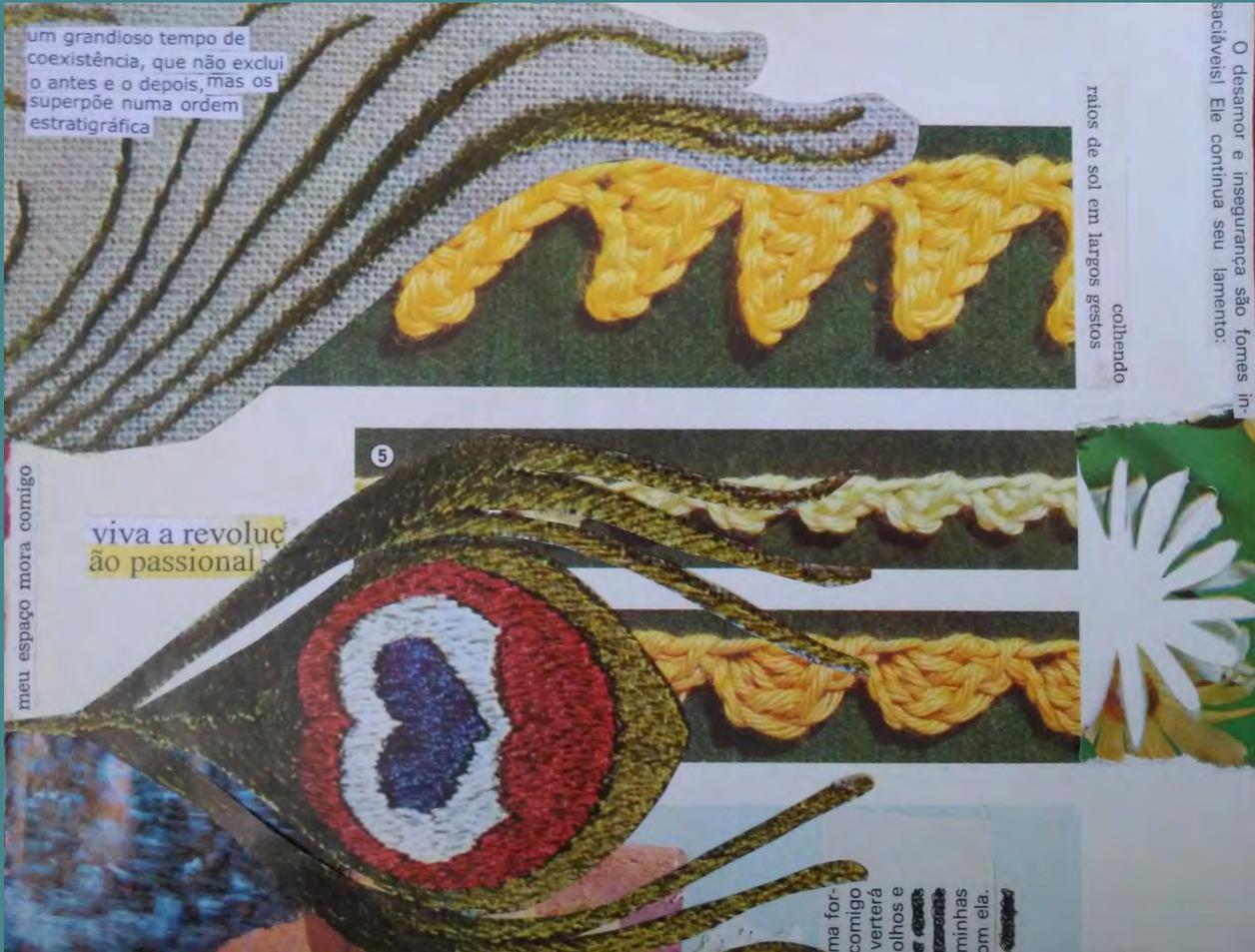
.....
1 João Moreira Salles, *No intenso agora*.



seja como os pontos cardeais
de uma camada ou de uma folha
que não deixam de visitar-nos,
como estrelas mortas cuja luz
é mais viva do que nunca.

É a minha verdade e ninguém, nen
ca. jamais poderá destruí-la. Ela viver





um grandioso tempo de
coexistência, que não exclui
o antes e o depois, mas os
superpõe numa ordem
estratigráfica

colhendo
raios de sol em largos gestos

O desamor e insegurança são fomes in-
saciáveis! Ele continua seu lamento:

meu espaço mora comigo

viva a revolução
passional

5

ma for-
comigo
verterá
olhos e
minhas
om ela.

Referências

BORGES, Jorge Luis. *Os conjurados*. Tradução de Pepe Escobar. São Paulo: Editora Três, 1985.

NO INTENSO Agora. Diretor: João Moreira Salles. Rio de Janeiro: VídeoFilmes, 2017. 1 filme. (127 min), son., color.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

16

**Narrativa memorial a partir
do *soulcollage*®: um processo
intuitivo e experiencial**

Oneida Karoline Falcão Silva

Eu escolhi o *SoulCollage*®, um processo intuitivo experiencial, uma vez que já tenho afinidade com esse tipo de recurso expressivo e por ser capaz de, utilizando-me da colagem de imagens, contar a minha história, mostrar as minhas diversidades, profundidade e sabedoria interior. Outro motivo pelo qual escolhi esse processo é o de que ele me permite um tipo de “acesso” a uma parte mais íntima da alma, de forma criativa.

Seena Frost (2013), teóloga e Mestra em Psicologia, ao dar origem ao *SoulCollage*®, como produto de seu Trabalho de Conclusão de Curso, de uma Especialização, desenvolveu um processo específico, que passa pela escolha das imagens, pela montagem, pela colagem e, por fim, pelo diálogo com a imagem do cartão, a partir da pergunta “Eu sou alguém que...?”. É através dessa comunicação com o cartão que se pode situar o Naípe – marcadores da particularidade de cada um dos quatro existentes – pelo qual é representada a imagem final.

Para essa finalidade, cabe apenas situar o leitor sobre dois dos quatro Naípes que compõem o diagrama do *SoulCollage*®. O primeiro é o Naípe Psicológico: Comitê Pessoal, que pode ser representado por nossas vozes interiores, isto é, pode apontar diferentes perspectivas de nós mesmos, aspectos da nossa personalidade. O segundo é o Naípe das Relações Afetivas:

Comunidade Afetiva, cuja produção é dirigida a pessoas, lugares, animais e objetos significativos.

Feita essa brevíssima introdução, posso dar início à minha jornada pelo mundo das imagens que, favoravelmente, me guiou neste e em tantos outros processos na minha vida profissional e, sobretudo, pessoal. No entanto, no que diz respeito a esta narrativa, vou me ater apenas a algumas imagens produzidas fotograficamente por mim e por algumas amigas-irmãs que fiz na vida, bem como às imagens de fotógrafos e artistas diversos que, de alguma forma, também provocaram, instigaram, alcançaram o meu olhar.

210

Quando decidi que iria utilizar o *SoulCollage*® para fazer uma narrativa das minhas memórias formativas, pensei logo nas minhas fotografias pessoais – como imagem principal para a produção dos cartões, intuitivamente. Todas elas foram retiradas do meu acervo de registros seguidos de uma narrativa escrita, do período em que elas foram capturadas. As demais imagens eu busquei, igualmente, em outro acervo destinado à caixa de imagens (retiradas de revistas, em sua maioria).

A produção de um cartão normalmente surge de uma provocação afetiva, qualquer que seja ela. No entanto, apesar de essa narrativa se encaixar nesse parâmetro, eu nunca tinha feito uma série de cartões com essa finalidade. Parecia uma proposta ousada, uma vez que seu produto final nunca pode ser antecipado, ainda que haja uma intenção, uma inclinação. A voz do cartão nos leva a patamares muitas vezes desconhecidos, inexplorados por nós mesmos, e eu não sabia o caminho a que eles me levariam.

A partir desse *insight*, já com alguns cartões produzidos, pude perceber como nossa intuição está ancorada em nossas experiências, das ancestrais às mais recentes. Essa mensagem

foi se consolidando a cada cartão somado à série, especialmente quando percebi que havia uma sequência temporal e lógica que ligava o primeiro cartão ao último. Delineava-se, então, um discurso a que eu pude atribuir sentido *a posteriori*, como bem lembram Martins e Tourinho (2009), ao descrever algumas características da linguagem, que o mundo visual une diferentes discursos, como a imagem e a palavra, e se constrói a partir de articulações que os indivíduos percebem, produzem, criticam, transformam e de que participam ao viverem suas experiências.

Finalizada a produção imagética dos cartões, sequenciei-os de acordo com a ordem de criação e debruçei-me sobre cada um deles, individualmente, a fim de ouvi-lo ou, em outras palavras, de construir suas próprias narrativas escritas, como consta abaixo de cada imagem. Nesse momento, casualmente, já tinha me dado conta de que a sequência de criação foi análoga à sequência dos eventos, mais ou menos lineares, aos quais eu gostaria de atentar. E, ainda que eu sempre tenha acreditado na potência do *SoulCollage*®, via-me maravilhada com toda a sincronicidade daqueles eventos.

Cartão 1: Diferenciação

O primeiro cartão foi originado de uma das fotografias que fiz no Mosteiro da Escuta do Senhor, localizado no município de Chã Grande, Zona da Mata de Pernambuco, em uma experiência vivencial com a turma da disciplina Processos Criativos, sob a condução da professora do Departamento de Artes Visuais, Ana Lisboa, em 2017. Esse registro me remeteu à diligência com a qual os monges se dedicam ao espaço; à entrega contemplativa ao silêncio noturno; à apreciação da natureza à luz do olhar inocente, crédulo; e ele tinha como narrativa escrita original “É preciso amor *pra* poder seguir!”.

A colagem de uma imagem a outra, nesse cartão, bem como em todos os demais, não foi nem deve ser feita conscientemente: a “escolha” é intuitiva. Costuma-se dizer que é a imagem que nos escolhe. Dessa forma, o cartão finalizado me remeteu à vocação que nos é guia ao abrimo-nos a este mundo, diferenciando-nos uns dos outros. Quando fecundados, necessitamos de nutrição, de adaptação e de orientação para atingirmos nossos objetivos, para nascermos para o mundo.

Nesse sentido, vieram à tona algumas memórias de narrativa oral da minha mãe biológica, transmitidas durante a minha adolescência, aproximadamente: “Eu não te amamentei porque não tinha leite, mas mesmo assim você não deixou de mamar, porque você teve uma mãe de leite...”; “Eu não pude ficar com você porque não tinha condições, mas seu avô (o materno) cuidou muito bem de você...”; “Se você tivesse ficado comigo, sua vida seria totalmente diferente, e mesmo sentindo sua falta, sei que fiz o melhor...”. Esses relatos corroboram o poder do processo de “re-conhecimento e elucidação” contido nos depoimentos biográficos de que fala Bosi (2003, p. 33). Nessa direção, reconheço a trajetória da minha mãe dentro de suas experiências e encontro-me com ela nos caminhos abertos por essas evocações.

Cartão 2: Familiarização

Foram duas fotografias, de autoria de membros da família, que deram origem a esse cartão. A primeira composta, pela minha mãe biológica segurando minha prima-irmã e seu irmão, meu primo, comigo nos seus braços, na casa de seus pais, meus tios e padrinhos de batismo, que foram responsáveis por parte da minha educação, bem como dispuseram de seus recursos financeiros e afetivos durante grande parte da

minha formação, ainda criança. A segunda fotografia, respectivamente, é composta por minha prima-irmã, a mesma da foto anterior, meu primo, filho de outro tio meu, e eu. Foi registrada em uma festa de Páscoa na Escola Despertar, um período antes da Alfabetização.

Ambas as fotografias eu não tenho lembrança de como ocorreram e nem tenho relatos significativos sobre elas. Lembro-me que tive acesso a elas depois que minha família construiu um álbum afetivo como lembrança de um retiro espiritual que fiz na Igreja Católica, mas mesmo assim não se sabia exatamente de onde tinha vindo o registro. Guardei-as. Sempre que era possível, revisitava aquelas imagens – das pouquíssimas que me restaram da infância –, imaginando diálogos imbuídos de afeto. Mais tarde, em 2012, registrei manualmente “tempo bom que não volta!”.

Não me lembro do que me ocorreu para eu ter me referido ao passado, ainda criança, dessa forma, pois a maioria das lembranças que tenho dessa fase não é positiva. Ao menos, a síntese de todas elas é traumática. Traumática porque desde muito tempo reconheço que há um sentimento de não pertença pelos lugares que caminhei. Minha casa não era minha porque eu não me sentia daquele lugar; minha mãe adotiva ou “vodrasta”, com quem tinha se casado meu avô depois que minha avó faleceu – antes mesmo de eu nascer –, não se nomeava minha mãe, ainda que tenha me criado desde que nasci, sempre assim se referindo a mim: “Ela é neta do meu marido que eu crio”. Apesar de nunca ter compreendido, de forma empática, a complexidade e a ambiguidade do afeto que ela me deu/dá, localizo-me e entendo-me da forma que me é possível dentro de sua narrativa, de suas memórias e de sua história de vida.

Pelo fato de este cartão fazer parte do Naípe Comunidade Afetiva, gostaria de ter utilizado uma fotografia do meu avô, mas a única disponível foi a mesma usada na confecção do seu santinho para a missa de sétimo dia. Imagino que a energia que ela me transmitiu não deve ter sido suficiente para que eu a escolhesse. Utilizei, então, uma imagem “qualquer” de um velho que dispunha da energia de que eu precisava.

O cartão representou o lar que eu pleiteava, sem ter muita consciência, e mostrou-me vias alternativas às tradicionais que, até então, eu utilizava para dizer de onde vim, quem sou, quais as minhas raízes, o que me sustenta. É nesse sentido que Bosi (2003, p. 16) ratifica a experiência quando diz que “[...] do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade.”, atribuindo ao enraizamento um fator importante para a rememoração e, por consequência, para a formação da identidade, que se dá no tempo e no espaço, de forma contínua.

Esse cartão faz lembrar a história do meu nome (Oneida Karoline), que foi também o nome da minha avó materna, por quem meu avô nutria muito respeito e falava sempre: “O nome dela é Oneida... Um nome tão bonito, tão forte!”, em resposta às pessoas que me chamavam de Karol, inclusive da própria família. Acredito que isso ocorria por ser mais fácil, e por “combinar” mais com uma criança. Por isso eu dizia não gostar do meu nome, que o “achava feio”, ignorando, de certa forma, o que ele carregava.

Cartão 3: Em busca de um ninho

A fotografia que deu origem ao cartão foi feita por mim, na casa da praia do meu namorado. Cores, cheiros e detalhes comumente triviais sempre me fisgaram, sempre paralisavam meu olhar, ou melhor, mobilizavam minha atenção. O registro foi

do final de 2017, em pleno verão, período em que eu me “preparava” para fazer um intercâmbio social na Argentina. Ele já havia sido adiado por questões financeiras e pela morte do meu avô, mas eu estava certa de que viajaria, mesmo com poucos recursos, já que a proposta inicial não fora a de uma viagem com finalidade turística, mas de experienciar e provocar um deslocamento do qual despontaria a demarcação do início de uma possível saída da minha casa, no sentido de ir morar sozinha.

A fotografia marcava um registro poético: “Sobre encontrar abrigo na solidão e no aconchego de um abraço quente; descobrir que se pode ter tudo na infinitude das possibilidades, à espera do voo que marca o início da jornada, reconhecendo o tempo do ficar e do deixar-se ir ”. Tanto a imagem quanto a narrativa foram muito significativas porque lembro que, nesse dia, eu não estava muito bem, com muitos pensamentos negativos e depreciativos com relação a mim, e a imagem que a fotografia capturava me servia de alento, em uma espécie de potência criativa. Uma metamorfose de elementos me ocorria com tantos estímulos para dar conta, e de uma só vez. A imagem me acompanhou por muito tempo: viva!

Devido a tal significância e ao tempo recente do registro, o cartão se configurou como uma amplificação simbólica, cuja ideia foi desenvolvida por Jung (1875-1961), como método interpretativo, a fim de ampliar a cadeia significativa de um símbolo, *a priori*, onírico; posteriormente, contudo, o método passou a ser utilizado a partir de um material consciente, ou seja, não somente as imagens psíquicas inconscientes, construídas nos sonhos, serviam de material para a amplificação simbólica (FONSECA, 2003).

Dito isso, o cartão é como um lembrete de que há sempre um ninho nos lugares menos esperados. Ele fala da minha

capacidade de adaptação a lugares inóspitos, bem como da minha resiliência e da minha força para buscar abrigos acolhedores em dias não tão receptivos. Ele aponta, igualmente, para a existência de uma família que eu pude escolher e adotar dentro e fora da minha zona de conforto; meus amigos-irmãos conquistados, graças, primeiramente, à minha extroversão e, posteriormente, à minha abertura, incondicional, ao outro.

Cartão 4: Trans-Mutação

A fotografia que compõe esse cartão foi produzida no último encontro de um grupo arteterapêutico composto só por mulheres, no final do primeiro semestre de 2018, facilitado por duas arteterapeutas: uma que era minha professora, também psicóloga, pela qual nutro muito amor, e uma dançarina, com experiência em vários campos do saber, que tive o prazer de conhecer nesse grupo. Foi um dia longo, cheio de afeto e de dores em processo de cura – não no sentido biológico/utópico, mas no do autoconhecimento, no de uma reinvenção criativa do Ser.

O dia foi marcado por vários momentos significativos, mas houve um que demandou muita energia da nossa parte: o momento de ser parida de novo! Simulamos um útero a partir dos nossos corpos, dispostos em duas “filas indianas”, como dois muros; formando um corredor, no entanto, nos dispusemos abraçadas lateralmente, uma fila olhando para outra. No corredor apertado, isto é, no “útero”, uma mulher por vez passava por ele como uma criança que está prestes a sair do útero de sua mãe. Parimos muitas mulheres, e igualmente fomos paridas por tantas outras delas. Nascemos de uma força coletiva, que metaforicamente nos aponta para a cura de um feminino que precisa ser transformado, compatível com o desejo singular de cada uma de nós.

Por fim, revisitamos as nossas produções feitas durante todos os encontros semanais, em um total de quase doze meses. Foi difícil olhar algumas produções novamente, pois apresentavam um conteúdo que ainda estava à nossa sombra; materiais mais inconscientes, de difícil acesso. Mas, naquele dia, era o momento de levar conosco só o que deveria permanecer, deixando morrer o peso das nossas dores, aquilo que nos impedia de seguir adiante.

Da morte veio a vida, do fogo, a esperança, que eu vejo também no registro escrito da fotografia “(Trans)mutação! O fogo sinalizou o nascimento. O novo fluxo das mudanças. Trouxe à luz cada sombra nossa. Está vivo dentro de cada uma, pulsando e fazendo seguir o caminho que cada uma escolher. De longe e de perto, estarei pedindo à Terra e ao Céu proteção Divina *pras* nossas escolhas. Amo vocês, mulheres FODAS ♡”.

O cartão final, também como amplificação simbólica, me aponta para existência de todas aquelas mulheres em mim; da influência que cada uma, a seu modo, teve na minha formação, de forma ampla; da admiração que alimento; da saudade que carrego por não vê-las e nem saber delas com a mesma frequência de antes. Mas o nosso nascimento coletivo não só aprofundou nossas raízes, como também fortaleceu nossos corpos, tornando-os firmes e resistentes ao tempo, como um baobá.

Cartão 5: Janela da alma

Neste cartão, usei uma fotografia mais antiga, com menos qualidade, porque foi cortada da original – não lembro mais como ela era, nem tenho o registro escrito dela. Mas foi uma viagem rápida com duas amigas a uma das cachoeiras do município de Bonito, em Pernambuco, em um final de período letivo, do início para o meio da graduação. Quando revisei essa fotografia,

percebi que, por ter chovido muito nesse dia, minha “caixinha” de recordações registrou esse evento no inverno, mas uma publicação no Facebook indicou que era verão, início das férias de janeiro. Estava longe de ser um dia ensolarado e nós estávamos com muito frio, mas o desejo de conhecer aquele lugar e de aproveitá-lo ao máximo foi tanto que entramos na água a todo custo.

Foi uma das poucas, talvez a primeira, viagem que fiz apenas com amigas mulheres. Parece pouco, mas foi uma conquista importante para mim. Nasci e cresci no Cabo de Santo Agostinho, Região Metropolitana do Recife, com poucas oportunidades de lazer e com uma família extremamente conservadora e religiosa. Minha família não costumava viajar, por isso nunca tinha experiências para compartilhar sobre viagens a lugares incríveis – e não me refiro, aqui, a viagens internacionais, mas àquelas viagens curtas, de menos de 100 km de distância.

Para a colagem, utilizei outra imagem que me escolheu em uma das aulas da disciplina Memória e Narrativa. Era a fotografia de um olho, com os detalhes de uma íris azul explícitos, que ocupava uma folha inteira de revista. Aquele olho parecia me engolir. Era como se a pupila se contraísse cada vez mais e eu fosse entrando ali como uma onda de luz incisiva. Quando o cartão se fez, percebi que eu precisava estar ali, mas inteira, forte. Era essa minha fotografia, em contato com a natureza, que também me fortalecia, me alimentava. E, então, eu reconheci que o olho era eu e eu era o olho. Ele me permitia mergulhar em mim mesma.

Cartão 6: Sagrado feminino

Uma das fotografias usadas para a colagem foi um dos registros do grupo arteterapêutico, mencionado no cartão “TRANS-

-MUTAÇÃO”. Ela foi feita por uma de nós, quando estávamos no chão, abraçadas em um tipo de ninho, ou teia, emaranhado de corpos que precisavam ser acolhidos. O que me ocorre – não sei se é uma memória que compartilhamos naquele dia ou um *insight* pós-cartão – é que nós estávamos sendo gestadas, nutridas, durante todos os nossos encontros, para então nascermos para o mundo, novamente, naquele dia do fechamento dos ciclos. Na segunda fotografia usada, em que estou na praia, sentada na areia, recortei apenas meu rosto. Gosto desse sorriso exagerado. Gosto ainda mais quando é compartilhado, provocado pelo outro. Nesse caso, foram elas a causa do sorriso – que revela tanto: forças opostas, mas complementares.

219

Depois de finalizar o processo de colagem, percebi que tinha usado uma imagem de uma igreja e que a voz do cartão me confortava. Dizia de um sagrado que habitava em mim, que estava nelas. Ele me fez lembrar o meu afastamento da igreja, a qual frequentava e da qual participava ativamente, desde criança. O motivo foi se dando gradativa e concomitantemente ao meu processo de empoderamento pessoal. Há quem não se sinta feliz e discorde dos meus motivos, bem como das memórias que evoco tanto sobre o período em que eu estava empenhada nos projetos da igreja quanto sobre o meu afastamento. No entanto, para mim, aquele espaço, físico e afetivo, coadunava-se com uma identidade na qual eu não me reconhecia mais.

Quando eu entendi o significado de transgressão e desobediência, sem o peso de uma interpretação moralista, percebi o quanto pude fazer revoluções internas e externas, provocar deslocamentos psíquicos, e até geográficos, importantes, como uma estratégia de autocuidado. Isso soava estranho para as pessoas com quem eu me relacionava na igreja. O discurso tinha outro viés, o da obediência incondicional, sem

questionamentos. E eu sabia o que acontecia com quem não seguia “Os Mandamentos”. Eu já sentia o peso deles desde muito antes. Até que isso começou a me afetar de uma forma não muito saudável, e fui me afastando aos poucos, experimentalmente.

Hoje, o combustível do qual me alimento tem outras fontes, mais sustentáveis. Criei raízes em outros terrenos, férteis. Aprendi a voar com a imaginação, criatividade. Descobri que meu lugar é onde eu quero que seja. Tecer minha própria rede e, a partir dela, posso caminhar segura, sabendo quem eu sou, ou melhor, quem eu quero ser. Esses caminhos que trilhamos no coletivo apontam para a afirmação de Candau (2012, p. 50) de que “[...] a memória coletiva, como a identidade da qual ela é o combustível, não existe se não diferencialmente, em uma relação sempre mutável mantida com o outro”.

220

Cartão 7: Aprendiz

Essa fotografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) eu fiz no meu primeiro dia de aula, lá no segundo semestre de 2013. Olhar para ela me fez me lembrar de um período anterior, de quando ainda saía o resultado do vestibular, e eu, atônita, ficando ligando e recebendo ligações de pessoas queridas. Tudo parecia um sonho: a UFPE se tornara acessível para mim. Eu que, às vezes, duvidava da minha capacidade. Eu fazia muitas especulações acerca do prédio porque sempre ouvia comentários do tipo “É lá onde o povo se joga”; “Só tem maconheiro”; “Tu vai endoidar”; “Cuidado!”. Apesar da minha ingenuidade naquela época, eu não sentia medo, e cada comentário só me deixava mais estimulada a conhecer tudo a partir do meu olhar.

Até que chegou o grande dia. Eu não conhecia muito bem a universidade. Tinha ido poucas vezes a ela e circulava pouco pelos arredores. Até mesmo a parada de ônibus eu tinha medo de errar, e no início sempre pedia ajuda ao cobrador, com medo de me perder. Mas, no primeiro dia, eu fui com uma amiga que tinha feito recentemente, e que morava muito perto de mim, no Cabo. Tínhamos nos aproximado na Unifg, a antiga Faculdade dos Guararapes (FG), quando iniciamos, no primeiro semestre desse mesmo ano, o curso de Psicologia, caso não passássemos na UFPE. Felizmente, a aprovadas, estávamos nós duas na Cidade Universitária.

221

A produção e a leitura desse cartão me fizeram entrar em contato com a mensagem, que fiz, de agradecimento pela "conclusão" do curso, em que reflito sobre as afetações e deslocamentos que o tempo provocou em mim durante a graduação, bem como as reverberações do passado e as que continuam agindo desde então. A imagem do cartão representa a criança madura e eterna aprendiz que me tornei. No parágrafo abaixo, segue o registro escrito dessa mensagem.

“As palavras, por vezes insuficientes para dar nome e sentido às coisas do universo, neste momento não se mostram diferentes. Não há teoria, por mim conhecida, que dê conta de explicar toda a experiência pela qual passei nesses últimos anos de formação acadêmica. É nesse sentido que o trabalho pessoal e analítico tem me ajudado a compreender minha responsabilidade no caminhar do presente-passado e a aliviar as angústias do agora-futuro, diante das adversidades; e é quando entendo o que Pessanha diz (“aquilo que desaloja é o mais hospitaleiro”). Por tudo, sou grata a Deus; ao amor incondicional do meu avô, Jayme (*in memorian*), por ele ter me incentivado a buscar meus ideais e a acreditar na potência do desejo; à

paciência e ao afeto das minhas mães, Isabel e Cláudia, por respeitarem o meu tempo, a seus modos; ao apoio dos "familiares" que transcenderam o sentido usual do termo; aos lares-aconchego que me acolheram em dias difíceis; às amigadas que me foram guia dentro e fora da universidade; à sabedoria dos professores, com os quais aprendi a arte de desaprender e a buscar a minha verdade (científica ou não); ao Espaço Rizoma, que segue sendo terreno fértil de conhecimento e de (re)criação; e a tantos outros que me fizeram ampliar horizontes. Neste momento de reconhecimento de todo o chão caminhado e compartilhado com pessoas tão queridas que tive o prazer de conhecer, sou só gratidão!"

222

Cartões 8, 9 e 10: Fragmentada I, II e III

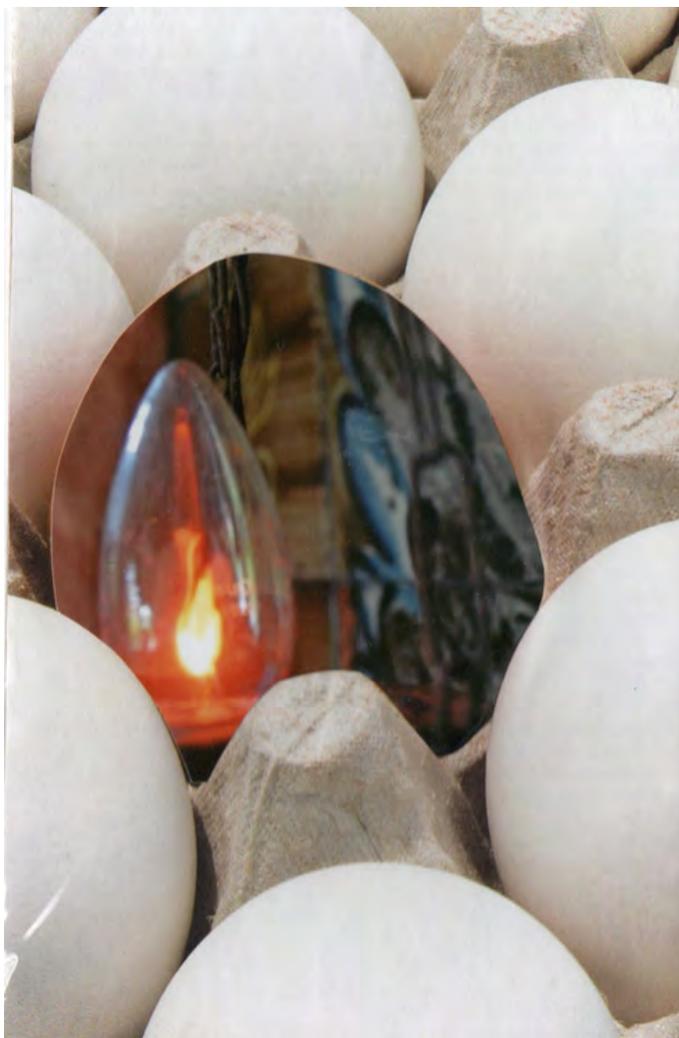
As três fotografias que eu fragmentei foram feitas por uma amiga-irmã, que eu tive a sorte de conhecer na UFPE, depois de alguns períodos de Psicologia. Segue o registro escrito que eu fiz e que sintetiza bem o significado desse processo para mim: "Divulgação de um trabalho-processo sensível (em-poder-a-dor e trans-forma-dor), por @mazvdv. Não só dela, de todas nós que buscamos nossa dimensão mais inteira, ainda que frágil; que sentimos medo, ainda que fortes; que rimos, ainda que tristes; que nos abraçamos, ainda que queiramos fugir; que calamos, ainda que queiramos gritar. É sobre a força e a beleza dos eventos, das pessoas. De pessoas como tu, que eu guardo dentro do peito; ou melhor, que rego dentro de mim, pra que sempre floresças e flor sejas onde passares ♡". E apesar de já sermos amigas, nosso vínculo se fortaleceu ainda mais, devido à participação dela no grupo arteterapêutico de mulheres.

Não foi intencional fazer esses três cartões com a mesma temática. Eu as "escolhi" para fazer um único cartão, mas

algumas outras imagens estão me chamando, e resolvi usar separadamente cada fotografia para cada cartão; seguida, respectivamente, de uma imagem de uma parte do corpo de uma mulher, em que está escrito “NÃO É MINHA CULPA”; de uma paisagem com cores de um pôr do sol maravilhoso; e de um macaco com olhar triste, quase humano, melancólico. E ambos os cartões, finalizados, representam essa fragmentação do meu Ser. Diria: de fragmentos que me reorganizam no tempo e no espaço. Que me permitem mudar sem que eu deixe de Ser. A imagem que me vem agora é a de um quebra-cabeça que tem as mesmas peças, mas que possibilita formar uma imagem diferente a cada vez que se tenta montá-lo.

Eu sinto que esses três últimos cartões dialogam com todos os outros e ainda exprime a minha inteireza, ainda que fragmentada. É impossível viver sem que o mundo não nos peça licença para entrar ou que invada a nossa vida privada. Foram muitos processos de empoderamento pelos quais passei. Nenhum deles foi fácil, porque existe uma força do coletivo que parece devorar a instância individual, ratificada por Bosi (2003), quando afirma que há uma força da memória coletiva sobre a individual, trabalhada pela ideologia. E aqui se encaixam as memórias que são deslegitimadas pela sociedade, através de um discurso dominante, hegemônico ou, até mesmo, de que o próprio indivíduo passa a duvidar.

Abaixo, há uma sequência mais ou menos temporal, tanto no sentido da produção quanto no da narrativa contida na voz dos cartões. Foi a partir dessa voz interior que a Narrativa Memorial se desenvolveu, como uma espécie de guia para as questões centrais da minha formação enquanto ser em constante processo de individuação, transformação.

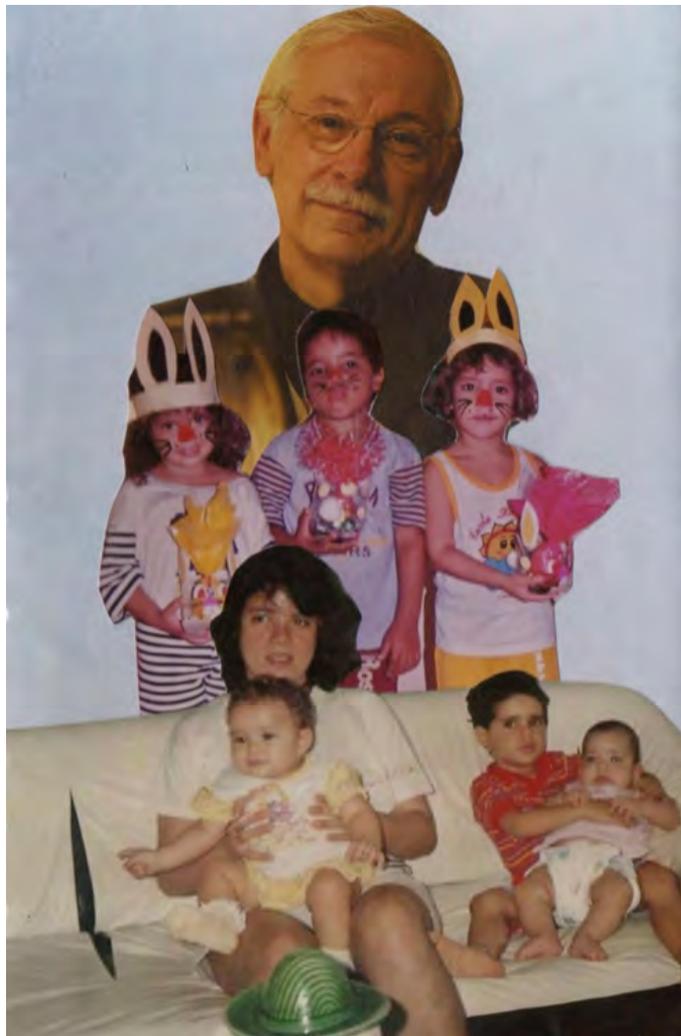


224

Diferenciação

Naipe: Comitê Pessoal

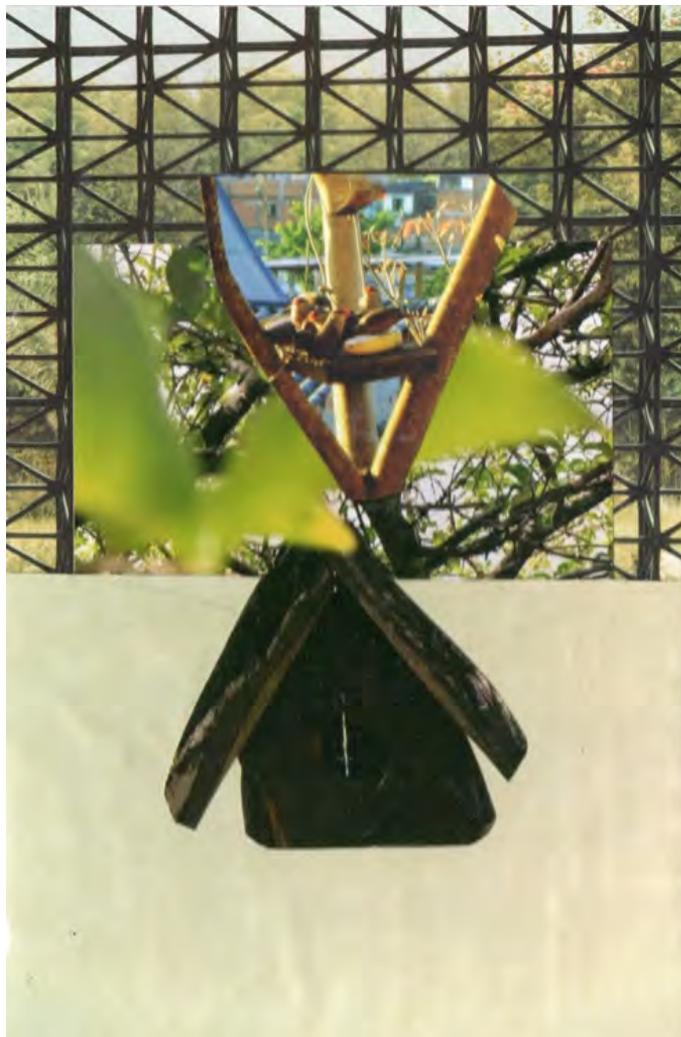
Eu sou alguém que irradia luz
Ainda que seja uma entre milhões



Familiarização

Naipe: Comunidade Afetiva

Eu sou alguém que deu o nome
E ainda vive em cada um de vocês

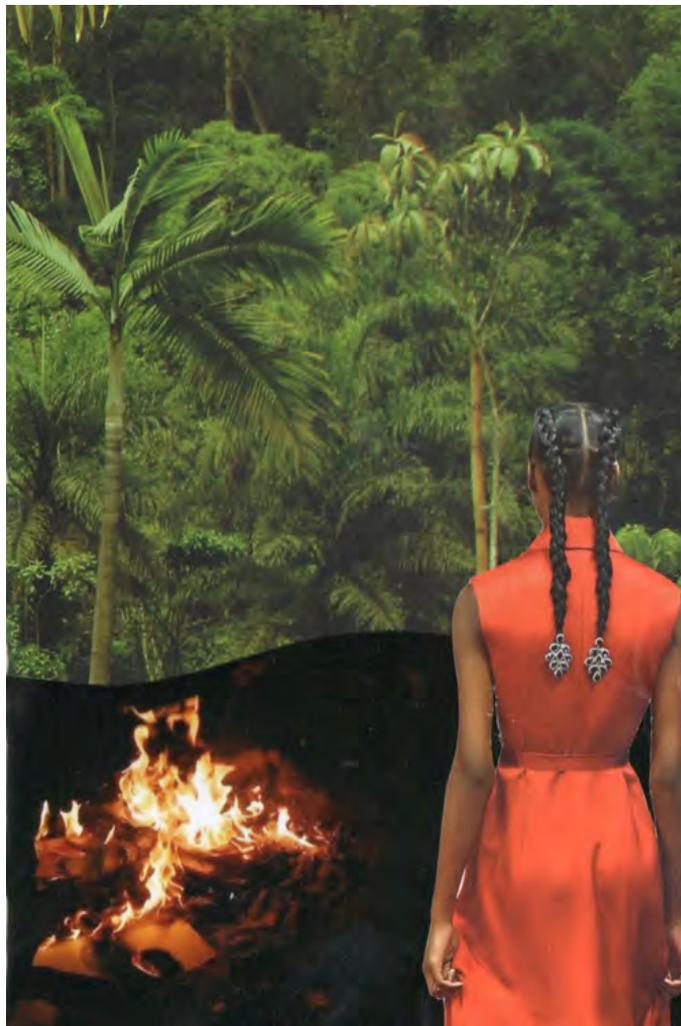


226

Em Busca de Um Ninho

Naipe: Comitê Pessoal

Eu sou alguém que fugiu do ninho quando nem sabia voar
Alguém que fez irmãos no caminho e abrigo para morar



Trans-Mutação

Naipe: Comunidade Afetiva

Eu sou alguém que viu o fogo consumir o passado
E das cinzas fez matéria-prima para o presente: nasci de novo



Janela da Alma

Naipe: Comitê Pessoal

Eu sou alguém que se contrai e expande em contato
com a natureza

Alguém sensível a exposições excessivas



229

Sagrado Feminino

Naipe: Comunidade Afetiva

Eu sou alguém que transmite força; sou uma, sou todas;
Sou alguém que te protege do caos



230

Aprendiz

Naipe: Comunidade Afetiva

Eu sou alguém que te ajudou a crescer
Que te viu criança aprendendo a escrever a própria história



231

Fragmentada (I)

Naipe: Comitê Pessoal

Eu sou alguém que tenta não se culpar
Pelos pedaços que deixou cair na estrada



232

Fragmentada (II)

Naipe: Comitê Pessoal

Eu sou alguém que tenta não se culpar
Pelos pedaços que deixou cair na estrada



233

Fragmentada (III)

Naipe: Comitê Pessoal

Eu sou alguém que teme o futuro
Mas não desiste de se manter firme e seguir adiante

Referências

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, Ana. *O simbolismo alquímico na obra de C. G. Jung*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

FROST, Seena. *SoulCollage*. Recife, PE, 2013. Disponível em: <http://www.soulcollagebrasil.com/p/soulcollage.html>. Acesso em: 25 maio 2018.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Educação da cultura visual narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009.

17

Narrativa: uma breve memória da infância

Pamela Silveira de Moura

O entendimento

Existe uma provocação que faz com que a gente pare e pense a respeito da conexão entre o passado e o presente da memória. Sendo assim, tudo o que deveria permanecer no passado vem até nós no contato com a memória, por meio de todos os acontecimentos ocorridos. Conforme a memória se fixa a um passado que já se tornou inexistente, todos os relatos passam a compor um entendimento sobre essa memória, no presente.

Lembranças e recordações podem passar por certa reestruturação, fazendo com que apareçam algumas manifestações, comprovando a sua importância, que mantém viva toda a história presente. É de se imaginar que a memória surge em um tempo e em um espaço que “resumem” tudo o que já foi vivido; e isso, para muitos, se encontram no armazenamento de suas lembranças dentro de si. Para outros, a necessidade de recordação acaba se manifestando por meios mais físicos, como anotações em diários, sentimentos inesquecíveis, registros de cartas, fotografias em papel etc.; ou seja, meios que levam o ser humano a preservar tudo que um dia ele pode ser capaz de se recordar.

Uma breve memória da infância



237

Eu, nascida e crescida em Recife, fui uma criança que, mesmo enfrentando tantos desafios em relação à saúde desde os três anos, também fui muito de encarar os momentos bons que eu podia. Com o passar do tempo, as rotinas foram mudando, assim como as das outras meninas e dos outros meninos daquela época, quando pulávamos corda, juntávamos todos os brinquedos, formando uma pilha; brincávamos de pega se esconder, cuscuz, dono da rua, corrida de bicicleta, balanço de corda, entre outros jogos. Naquele tempo, realmente existiam crianças com jeito e pensamentos de criança; singelas e inocentes.

A escola fazia parte do nosso crescimento: todas as manhãs, nos encontrávamos à metade do caminho, e passávamos por um campo de futebol até a linha do trem, que também fazia parte do percurso, mas que por onde apenas esporadicamente passavam alguns vagões. Esse caminho era uma das partes

mais divertidas da ida à escola. Apostávamos corrida até certo ponto, e quem ganhasse “era o vencedor”.

Na chegada, aquela festa toda que fazíamos até lá sempre acabava, até porque seria necessária uma postura mais organizada para que pudéssemos entrar em sala de aula, quero dizer que: exigiam de nós que fizéssemos filas, que cantássemos o hino nacional (mesmo que não fosse bem cantado), e que rezássemos o Pai Nosso, e só então podíamos seguir para mais um dia de aprendizado.

Na volta para casa, aquela festa voltava com mais força, e tudo se repetia. Porém, foi em uma dessas voltas que encontrei uma caixinha de madeira muito bonita, e que prendeu toda minha atenção. Se a memória não me falha, talvez tenha sido por volta dos dez anos. A “famosa” caixinha de coração que, ao olhá-la, me fazia pensar como poderia ressignificá-la, transformando-a em algo ainda mais bonito e reutilizável.

238



Por um tempo, as passagens pelos mesmos lugares, durante anos, não eram mais como antes, pois tudo passou a ter significado. Não falo apenas de todas as brincadeiras e de como era fantástico fazer todo aquele percurso todos os dias, de segunda a sexta, mas também da importância de ter dado cada passo naquela caminhada. Percebi que, na maior parte de tudo que fiz e vivi, mesmo que fosse sobre pequenos acontecimentos, foram exatamente eles que fizeram uma grande diferença em quem venho me tornando hoje: uma pessoa em constantes mudança e crescimento pessoal.

18

**Cartas
para lembrar
quem sou**

Rayellen Alves

Igarassu, algum dia de junho.

241

O ano é 1995, no mês em que muitos dizem ter desgosto, eu nasci. Era uma tarde do dia 30. Prova que, para algumas pessoas, agosto é sinônimo de felicidade, também. O primeiro



Queria que a vida fosse essas águas misturadas.

Rayellen Alves. Técnica mista (colagem e papel bordado).

contato que tive com mainha, minha base de formação sobre quase tudo que sei na vida. *Cartas para lembrar quem sou* se tornou um exercício de memórias que contempla cinco escritos, onde revisito o que aprendi em fases diferentes da minha trajetória, reinventando a maneira de pensar essas narrativas.

1ª Carta: Memórias líquidas

Não existe terra, existem mares que estão vazios.
Dentro de mim, vão nascendo palavras líquidas,
Num idioma que desconheço e me vai inundando
 Todo inteiro.
(Mia Couto, *O fio das missangas*)

242

Das lembranças mais profundas, como os rios e mares, as da infância na praia de Mangue Seco, na cidade de Igarassu, são muito recorrentes. Praticamente todos os domingos íamos. Mainha, tia Tonha (irmã de mainha), Ryellen (minha irmã), meu primo Deymisson e eu. Foi lá que aprendi sobre a maré ficar cheia e esvaziar, sobre pescar siri e marisco. Numa fase de perrengue, só painho trabalhava, então minha mãe ia pescar marisco logo de manhã cedo e siri à noite. Ry e eu passamos um bom tempo indo pra casa de tia Jane, para que mainha fosse trabalhar. Em alguns casos, ela nos levava logo pela manhã para a praia também. Divertíamos-nos passando o dia selecionando os mariscos maiores dos miúdos (esses que devem permanecer na maré até ficarem “adultos”). Tinha pausa para os lanches e para o almoço, que, se bem me recorde, tinha feijão de coco com charque/peixe e arroz. Também amava usar iscas para fegar os siris. Foi nessa fase que aprendi que o silêncio é um bom aliado para conseguir o que se almeja;

mas os pés, esses, de vez em quando, precisam se mexer para que o crustáceo não os confunda com a refeição. Já em Nova Cruz 1, onde a maioria da minha família por parte de pai mora, aprendi a não ter medo de atravessar o rio Timbó nos barquinhos, que parecem frágeis quando as ondas ficam agitadas. Lá que Ry e eu brincávamos com os chiés. Esperávamos painho na jangadinha do trabalho aparecer para passear com a gente, fingindo que o volante era controlado por nós. O engraçado de falar dessas memórias das águas é que nunca aprendi a nadar. Por ora, nasci para ser do mar uma visitante.

243

2ª Carta: Retalhos

Ao pensar nas primeiras memórias da infância, a cadeira de balanço de madeira de vó Isaura, que era minha bisavó, está bem nítida nas imagens que formulo. Eu era e ainda sou muito chorona. Qualquer picada de mosquito, ou sujeira nos pés, e lá estava eu pedindo pra vó ou qualquer outra pessoa da minha família passar álcool. Brincavam tanto comigo. Diziam que de herança vó me deixaria uma garrafa de álcool, e assim ela o fez. O interessante é que percebo agora que minhas melhores memórias estão lá em Nova Cruz 1, onde passei a infância, mesmo morando no 2. O motivo era que minha avó vivia doente, passou um bom tempo fazendo algumas cirurgias, então sempre estava na casa de algum parente, seja na de tia Lena (minha segunda mãe, esposa do meu falecido tio Pedro, que era irmão de painho), seja na de vó Ivete (minha vó paterna) ou na de tia Tonha. Este escrito vai ficar uma colcha de retalhos com pequenos recortes, mas sinto a necessidade de colocar tudo o que pensei aqui. Conversando com minha mãe sobre detalhes do meu aprendizado ainda bebê, descobri que nasci com

quase cinco quilos e que, antes mesmo de andar, com oito meses, eu já falava sem gaguejar, já reconhecia as pessoas da rua e já as chamava pelos seus nomes. Aos nove meses, já dava meus primeiros passos. Para alguns, eu era uma criança precoce. Chegaram a dizer que, por falar muito, eu também não iria viver tanto. Que crueldade pensar isso, principalmente de uma criança. No fundo, eu já amava as palavras, falar até não aguentar mais, e sonhava em ser escritora, em me comunicar com as pessoas.

244

3ª Carta: Cura

Olhar atenta aos álbuns de família, recordar o passado. Quando minha irmã mais nova Ryellen e eu estávamos com febre, tomávamos banho com água morna e folhas de colônia. Quando nos feríamos, tinha sempre em casa uma garrafa com barbatimão, aroeira e cascas de cajueiro roxo nos esperando. Como ardia! Mas também cicatrizava rapidamente. Minha mãe Maria Rosa, essa com nome de flor, plantava em nosso quintal mastruz e hortelã, graúda e miúda, que nos salvavam nos momentos de tosse ou de uma gripe que permanecesse por vários dias. “Lambedor”, faz um tempo danado que não ouço essa palavra, chega bate uma vontade de chorar relembando essas coisas. A sabedoria popular é cura. Coisas que aprendi, mas das quais, com o tempo acelerado e com uma sociedade que se tornou refém da indústria farmacêutica, talvez só restem esses fragmentos. Espero que resistam. Receita do lambedor que pedi a mainha: colocar a hortelã miúda para cozinhar com um pouco de água; quando obtiver fervura, colocar açúcar até ficar com um aspecto grosso, feito mel.

4ª Carta: Dos sabores

Chegar o mês de junho é recordar as férias do Ensino Fundamental em Pirajuí, na casa de tia Tonha. Era e é um São João farto. Afinal, é um sítio onde quase tudo se plantava. É como se estivesse sentindo o gosto do milho doce quebrado na hora, dos jambos, das mangas, das pitombas, das azeitonas roxas e das pitangas. Lembro a castanha de caju sendo assada, para que a gente pudesse quebrar em meio às cinzas, e comer, poder ir ao manguezal da Serralharia tomar banho, pegar caranguejo com ratoeira (isso, tio Lelo, marido de tia Tonha, quem fazia). Caminhar um bom tempo de manhã e ir à padaria de Amauri logo cedo, para ele vender pão e queijo. Ry, Deymisson e eu eramos um grude só. Hoje mesmo estava ouvindo uns forrós das antigas que não faltavam no sítio. Saudades de me sentar para os tradicionais almoços debaixo do pé da mangueira, ouvindo histórias dos mais velhos, jogando dominó. Quando se vai crescendo, um pouco dessa magia desaparece. Nossos amigos crescem e nós também. Formamos famílias, uns com filhos, trabalhos, e tudo se resume a lembranças. Seu João redondo, essa é para o senhor, que Deus o tenha em um bom lugar.

5ª Carta: Escrevendo para o futuro

Algumas pessoas fazem cápsulas do tempo, colocando cartas, imagens, objetos com valor sentimental, para que seu “eu” do futuro possa reavaliar ações passadas. Tomando isso como ponto de partida, escreverei para a Rayellen de alguns anos, e espero que ela releia de forma saudosa esses momentos.

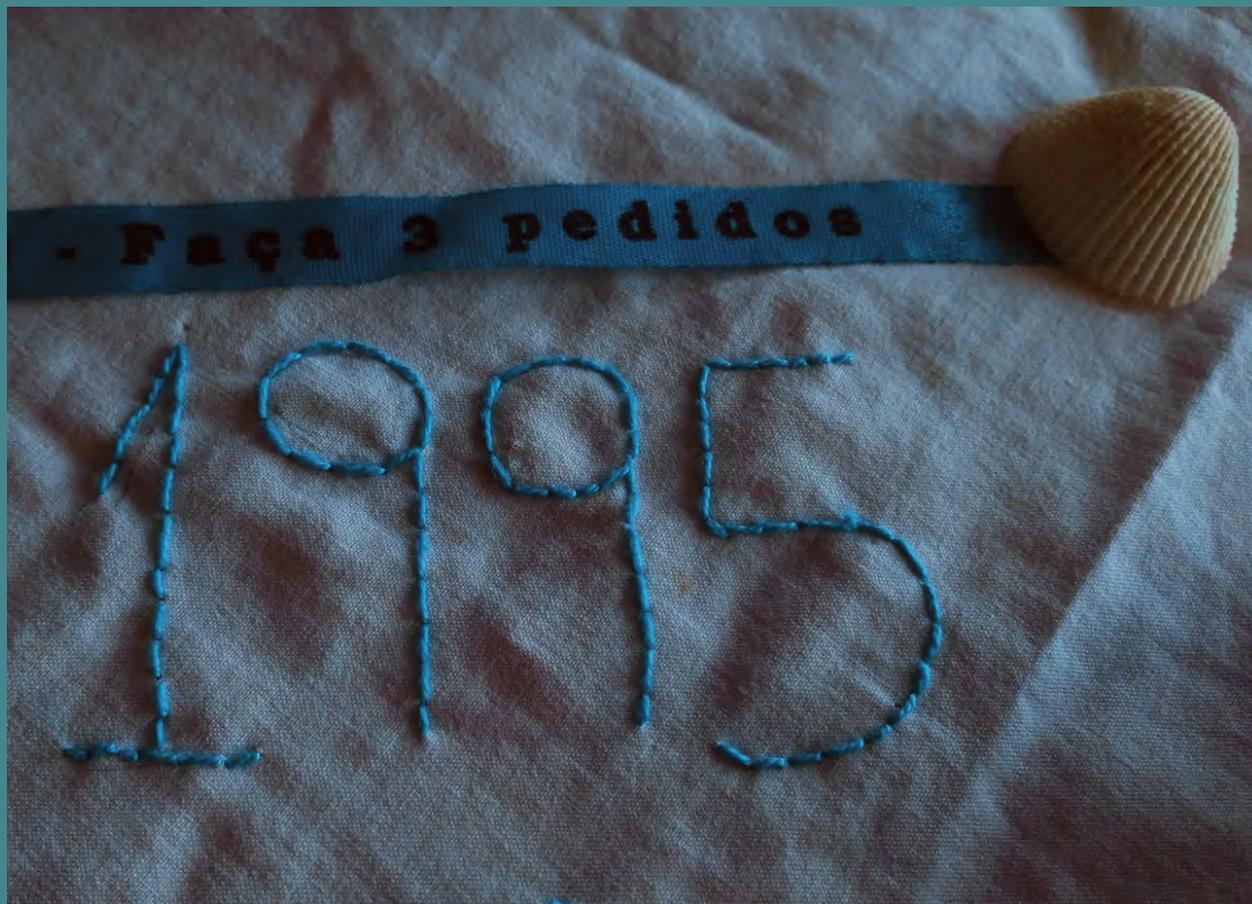
Ray, sei que ultimamente a universidade tem lhe consumido tempo, que você, aos 23 anos, ainda não conseguiu alcançar metade de suas metas profissionais, mas olhe para o

passado e veja o quanto de força e de resistência você adquiriu. Lembre-se daquela decisão angustiante que foi retirar a química dos seus cabelos e de como você se sentiu livre com aquele “cabelo de homem” que as pessoas falavam na rua. Foi tão bom se reconhecer no espelho depois de uns 12 anos sem nem saber como era sua raiz capilar. Perceba que passou por fases difíceis, como nas idas a Peixinhos, voltando para casa e refazendo o trajeto para a faculdade, muitas vezes com a passagem acabando no meio do percurso. E todos os dias que saiu na kombi às 5 da manhã para poder estagiar no cinema São Luiz, indo ao curso de Rádio e tv à tarde e dando um tempo no 13 de Maio até chegar a hora da faculdade de Gestão em Marketing. Não sei como conseguimos, mas vencemos cada uma dessas barreiras. Era muita força de vontade. Quando tudo parecer não fazer sentido, releia essas palavras como um mantra! Você foi a primeira da sua família a ingressar em uma universidade federal, a ter duas graduações. Sabemos as lutas que foram. Os dias bons também estavam presentes. A cada lugar que passou ganhou grandes amigos. Uma pena não ter mais contato com alguns, não rever com tanta frequência outros. Não perca nunca a sua sensibilidade de ver a vida. Viva tudo intensamente.

246

Sua amiga, a mulher do fim do mundo.





248





250





252

19

Querido diário

Rhayssa Figueiredo

Querido diário,

Faz um bom tempo que não escrevo, sim, eu sei. Mas pretendo atualizar e corrigir esse erro.

Poderia começar escrevendo sobre todas as coisas que me aconteceram, mas decidi dar continuidade ao meu último escrito. Afinal, toda história precisa de um final, não é?

Meu último escrito foi feito um dia antes de eu começar as aulas na faculdade. Minha primeira faculdade, meu primeiro curso, uma licenciatura e milhões de dúvidas a serem respondidas. Como toda aluna recém-saída da escola, passei pelas incertezas do momento da escolha do curso. Por que Artes? Bem... Essa pergunta é fácil. Sempre gostei de desenhar, sempre desenhei, detestava exatas. Já falei que gostava de desenhar? A pergunta difícil era: “Licenciatura? Você quer ensinar?”. Para essa difícil pergunta, a resposta vinha fácil: “Não!”, e todos se contentavam com isso. Ninguém perguntou “Por que não?”, nem eu mesma me fiz essa pergunta, e também não saberia a resposta naquela época.

O curso teve seus momentos bons e ruins, teve professores maravilhosos e outros difíceis. No 4º período, começaram os estágios obrigatórios. Lembro que estava muito ansiosa

quando entrei na escola para falar com o diretor e pedir um estágio. Meu primeiro dia eu nunca vou esquecer.

Acompanhei por três semanas uma professora de Português que ministrava as aulas de Artes. Era uma quarta-feira, primeiro horário pós-recreio no turno da tarde, e precisei me apresentar a uma turma de 6º ano. Parecia um cenário de guerra. As crianças estavam de pé, gritando e correndo pela sala, fazia um calor e um abafado que só o clima de Recife poderia proporcionar. A sala não possuía ventiladores, havia mais mesas e cadeiras na sala do que alunos, e mesmo assim eles corriam pela sala. Não me apresentei falando meu nome para alguém em especial, pois ninguém me ouviu, nem eu mesma.

Depois desse primeiro encontro, levemente traumático, passei boa parte do restante do estágio na sala dos professores fazendo entrevistas. Foi um lugar de grande aprendizado. A maioria me olhava com cara de pena. Quando a professora que eu estava acompanhando me apresentava como estagiária, muitos disseram “Você ainda é jovem, dá para mudar de curso”. Ouvi diversos relatos dos professores durante os períodos que passei na coordenação, e um dos mais marcantes até hoje foi o de um professor que disse: “O aluno veio me perguntar se, além de dar aula, eu trabalhava”. Essa situação revela o quanto a profissão é desvalorizada. Isso me fez pensar sobre como é a formação do professor. E em como a universidade forma um profissional para ensinar em uma sala de aula utópica. As aulas das disciplinas de didática mostram como é incrível o poder da educação e como ela pode mudar vidas, mas quando vamos para a sala de aula não existe regra ou metodologia inovadora que sustente a realidade.

Tive mais alguns estágios na mesma escola, onde consegui acompanhar um professor de História, que ministrava as aulas

de Artes. Ele estava produzindo uma peça de teatro e consegui dar alguma contribuição aos alunos, pois tive disciplina de Roteiro na graduação. Foi a primeira vez que usei o que aprendi na graduação de forma consciente. Não pude assistir à apresentação dos alunos e isso me deixou muito triste. Foi quando meu coração começou a amolecer para a profissão.

Meu penúltimo estágio foi em educação não-formal, em que ministrei uma oficina de história em quadrinhos para uma turma de um projeto social com crianças de 7 a 12 anos de idade. Perdi a voz em uma tarde de oficina, mas saí de lá com um sorriso no rosto e muito satisfeita.

Meu último estágio foi o mais marcante. Foi um estágio de regência em Ensino Médio. Mais uma vez me vi apavorada na entrada da escola, pedindo para falar com a diretora. Como sempre, acompanhei uma professora que não era de Artes, mas de Literatura. Estávamos na Semana da Consciência Negra e ela me deixou inteiramente livre e só para lidar com uma turma de 1º ano. Não sabia o que fazer, mas, milagrosamente, tudo fluiu. Há alguns dias antes dessa aula, minha turma da graduação teve aula de uma disciplina chamada Arte e Diversidade, e o professor trabalhou em sala um texto do escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana, chamado “Às mãos dos pretos”, era um texto muito interessante. Narra as memórias do autor quando criança, em uma busca para entender o motivo das palmas de suas mãos terem uma cor diferente. Achei o texto interessante e decidi utilizá-lo junto à turma. Todos leram e, após uma breve conversa sobre o tema, pedi para eles produzirem algo que tivesse relação com o texto e com a Semana da Consciência Negra. Para minha surpresa, 15 minutos depois um grupo de meninos “do fundão” tinha uma pequena peça de teatro sobre a relação da polícia com os meninos da comunidade

em que eles moravam. Além disso, o restante da turma produziu desenhos, pinturas e colagens. Foi simplesmente fantástico! Foi uma das melhores sensações da minha vida, e foi aí que me apaixonei pela educação.

No dia seguinte, tentei repetir o mesmo processo com outra turma do 1º ano. Entreguei o texto e falei que, após a leitura, teríamos um momento para debater e em seguida produzir algo sobre nosso tema. No meio da leitura, um aluno que deveria ter o dobro da minha altura levantou e disse: “Você é branca. Não pode falar sobre os negros, não vou fazer a sua atividade”. Depois disso, não consegui fazer mais nada em sala e encerrei o assunto. Não sabia o que fazer ou como responder. Aprendi algumas coisas bem importantes com essas duas experiências de “céu e inferno”; que o trabalho na área da educação está sempre em mudança, nunca é igual, e se modifica o tempo todo; e que o professor é apenas uma ferramenta, e não o salvador do mundo, como a universidade me fez acreditar.

Terminar a faculdade para mim foi um marco, para o bem e para o mal, pois foi quando precisei confrontar a decisão que tomei durante a graduação. Essas decisões foram: 1) ser professora; e 2) dar aula de Artes em um país onde nem a educação nem a arte são valorizadas. Não consegui atuar na minha área, e me vi como os professores que acompanhei no estágio, dando aula de disciplinas que não eram a minha área. Esse período foi bem difícil. As coisas começaram a melhorar depois que terminei a especialização, e consegui um trabalho em uma universidade particular. Dar aula para pessoas que vão se formar no mesmo curso em que você se formou é dar aula para o espelho, pois eu entendia perfeitamente os problemas e os conflitos internos que cada um sentia e vivia.

Hoje estou no Mestrado em Artes, e, por mais que muitas dúvidas tenham sido respondidas, novas surgem, mas acredito que toda essa vivência acadêmica tenha me ajudado a lidar melhor com as dúvidas. Dúvidas essas que, talvez, nem sempre precisem de respostas. Afinal, a resposta é o fim da busca, e a minha história como professora ainda não chegou ao fim.

Querido diário, prometo não demorar tanto tempo para voltar a escrever. Mesmo com a correria do dia a dia, pretendo contar um pouco sobre como tenho vivido, para poder revisitar essas memórias daqui a muitos anos.

258

Com carinho,
Rhayssa Figueiredo

20

(A) Parente existência

Sandro Drumond Barbosa de Moraes



Treze Horas. Dois bairros. Afogados e Coqueiral. Suas águas estavam despertas. Existindo com a força de rio. Atuantes: Cedros e Nunes, filhos de dois protagonistas. Cedros foi estrutura forte, dura. Passava por tudo que era caminho. Nasceu do Capibaribe, rio das Capivaras, e desabava seu torrencial na Cidade. Nunes, advindo de Tejipió, rio de Tejus, ao contrário de Cedros, fora nomeado por propriedade. Nunes, sobrenome de origem portuguesa, pertenceu a alguém. A quem? Quem foi Nunes? Alguém que foi transado pelo rio? Alguém que foi *in fetado*, retornou ao útero? Por alguns submersos, fazemos de rios lugares de memória. Ela, que não é sinônimo de lembrança, é conjugada no estar.

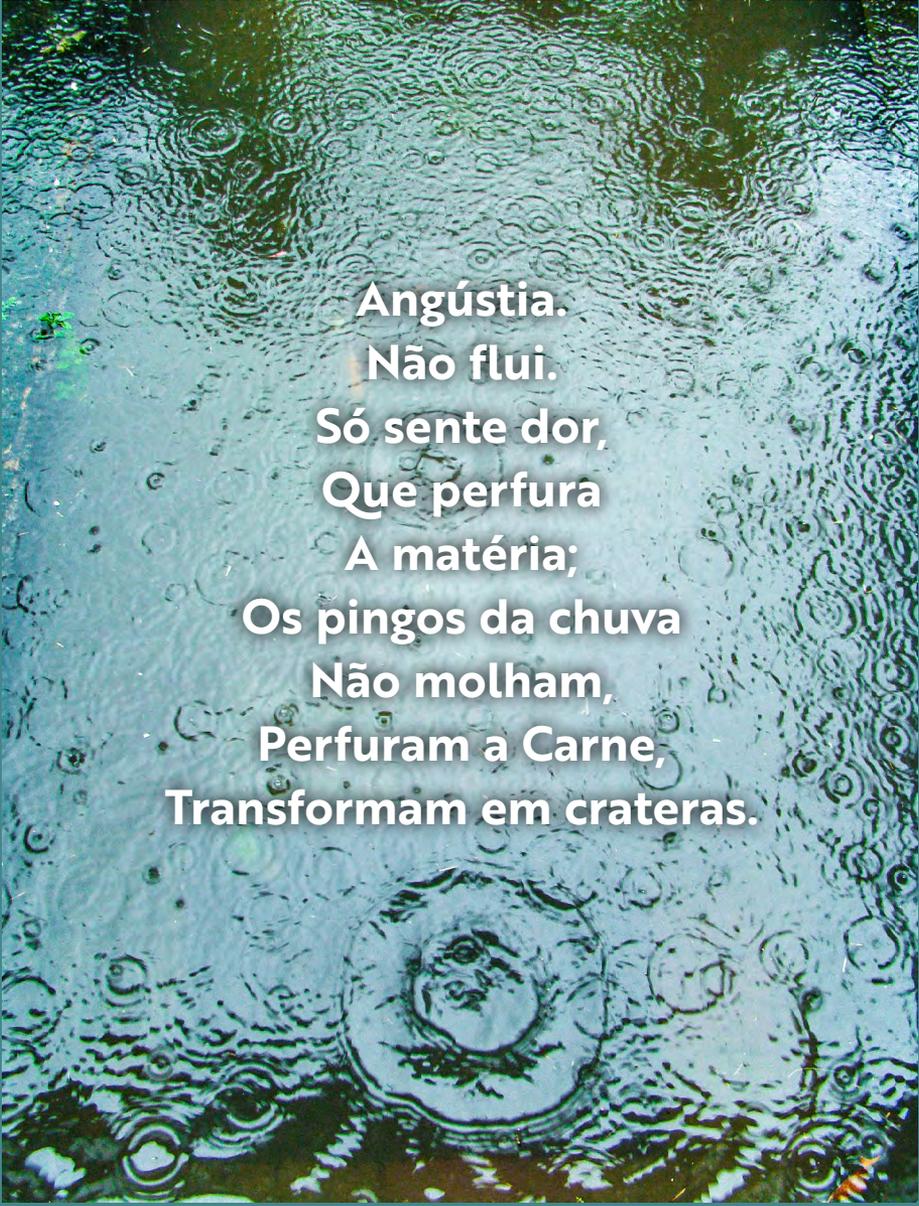
In memoriam, Cedros, verbo no Passado. Tu não sacrificas mais. Foste alimentado de muitos negros escravizados, que eram jogados como desova. Absorvestes nadadores que te atravessavam. Afogastes sete; quatorze; vinte e um; em uma crescente que lhe deu fama de *Fluvius Afogadorum*: Rio dos Afogados. Depois, Aterro dos Afogados. Hoje, Bairro de Afogados. Ainda que sua matéria não mais exista, sua força ainda é presente. Na memória, a chuva é o seu dispositivo. Na inconsciência, ela te apresenta a nós e nos torna consciente de ti. Materializamos,

por fios sociais, tua natureza, quando sentimos as ruas se tornarem braços d'águas. Piso em tua profundidade. Nasci mergulhado na fantasmagoria de tuas águas mortas.

Águas profundas. Águas dormentes. Águas pesadas. Águas Mortas.

Se nasço dentro delas, outros morrem.

Treze Horas. Nunes dominava. Não eram águas primaveris. Não eram águas amorosas. Eram águas correntes, mas não cristalinas. Sem as casas, a mata e o lixo, no horizonte, o céu e ele eram uma coisa só. Tudo cinza. Da escala que sai do mais luminoso para o mais escuro. A água era um conjunto de sombras de uma espécie. Rastros descartáveis, embora flutuantes, de vários seres. Nunes já não é algo que se bebe, mas tornou algo que bebe. E em uma só golada: inverteu fluxos; distribuiu elixires de vida eterna; assemelhou-se ao Cedros; e me fez perceber que memória é elaborar com o verbo no Presente. Dessa forma, aberto ao processo e aos refluxos, além de imerso no mergulho, eu não poderia deixar de te levar junto, negro Arruda, a ter que modificar e te por nessa narrativa. Pois, do mesmo jeito que a água de um rio não passa duas vezes no mesmo lugar, a mesma folha não cai mais de uma vez na mesma área. Hoje, materializo, do meu modo, teu abraço ao Nunes, porque, por alguns submersos, fazemos de rios lugares de memória. E este trabalho é de memória. *In memoriam.*



**Angústia.
Não flui.
Só sente dor,
Que perfura
A matéria;
Os pingos da chuva
Não molham,
Perfuram a Carne,
Transformam em crateras.**

263

1. Sobre Salubridade

Cheguei, inúmeras vezes, a me perguntar se eu não era bom o suficiente. Se não os considerava uma ameaça. Se não seriam, eles, os meus concorrentes. Quem estaria torcendo por mim? Alguém desejaria de bom grado meu sucesso? Quais os meus aliados? Muitos “zum, zum, zum”. O que era subentendido que existia nas frases, por mim, ouvidas? Turbulência. Inadaptabilidade ao sistema. No substrato, a culpa. Culpa demais. Não dei conta dos meus desejos. Eles me sufocaram ou eu os sufoquei? Consequência. FRACASSO. Meu olhar não ficou o mesmo. Descortinado para esse jogo, conheci as regras do tabuleiro. Se não me mantiver na cena, parcerias vão se romper. Eles não passarão a te procurar. TEMPO. Seu tempo. Realmente, seu tempo é respeitado? COMPROMISSO. Formei-me, e muita lama começou a aparecer. As águas desenterram a salubridade. Nem doce, nem salgado. Ferido. Arpão tinha sido jogado.

Com muito louvor, me afastei do jogo. Para mim, ele não faz bem. Pelo menos, as atuais regras não fazem. Busquei novos cursos. Descobri coisas novas. Uma delas é que prestidigitado. Coloco os elementos na mesa. Transformo-os em alquimia. Estou sendo aprendiz de mim mesmo. Nas trevas, aliado a Cedros, estou numa labuta entrópica da alma. Eu já sabia disso na teoria. Contraditória. A salubridade é ambiente de águas mortas. Entretanto, férteis.

Perfurada, a terra não resistiu. Abriu-se para violentas águas. O substrato não aguentou, a Culpa pesada afundou a terra.

Revoltado, me perguntei: "Por que meus colegas não chegam para me perguntar se estou bem? Todos chegam dizendo: "Estas trabalhando? Não?! Pois estou". Uma vez. Duas vezes. Quatro vezes. Muitas vezes. Muitas jogadas dissimuladas. Seres

sensíveis, mas cristalizados. Necessitam se sentir superiores ou eu que o necessito? Quanto mais turmas de sala de aula, mais casas são percorridas. Se tiver um grau, vira Dama. Se o grau for superior ao outro, a Torre cresce. Só ARTECULAM seus interesses. Não *Caritas*. Nunca *Caritas*.

Em Memória e Narrativa, a Doutora perguntou: “Respondam: quem são vocês?”. E eles responderam: “Eu trabalho dando aula para essa, aquela e acolá”. E eu disse: “Ninguém respondeu. Quem são vocês?”. Acredito que passeio entre crisálidas. Espero que elas, em algum momento, quebrem e liberem suas borboletas.

265

Voa, voa. Psiquê. Borboleta. Epahey. Alma. Morte.

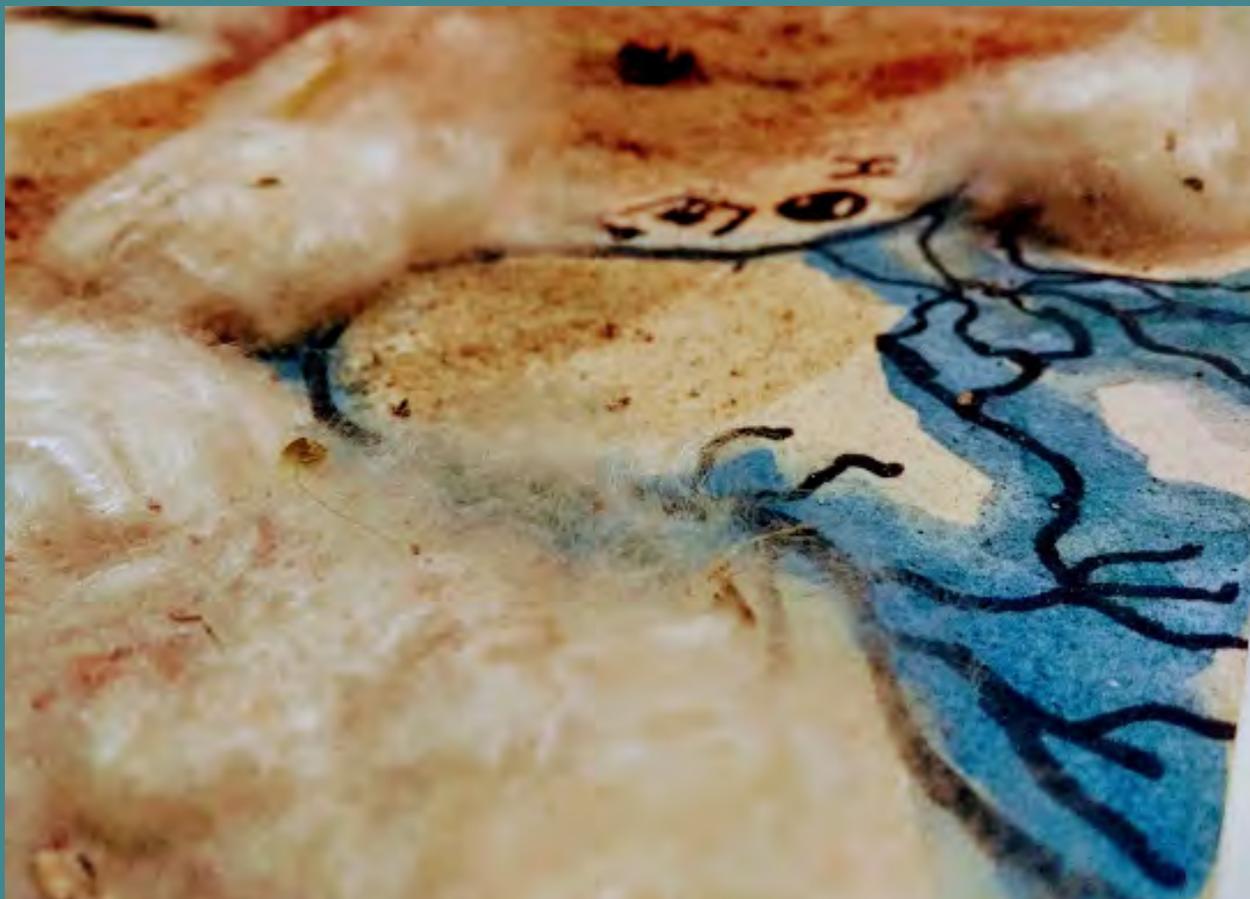
Dezessete. Dois mil e dezessete. Lagarta ferida, coral perfurado. Da abertura, líquidos internos encontram os externos. Ocorre MÚTUA AÇÃO. MutaçãO. Resulta em salubridade. Água doce mais água salgada. Salobro é ambiente de águas pesadas, paradas e mortas.

Tânatos? Presente. Ikú? Presente. Cedros? Presente. Sintozinho, aberto à dor. Melancólico, tive muitos momentos de solidão. Em Dois mil e dezessete conheci a Depressão. Fantasmas me diziam: FRACASSO. CULPA. FALSIDADE. INVEJA. USARAM-TE POR INTERESSE. INFERIOR. Fertilizei o fundo rio com lágrimas. Fui à pesca e à caça, mas não encontrei nada. Quanto mais matas fechadas havia, mais eu me recolhia. FRACASSO. Daí, a crisálida se formou. (Eu quero voar, mas para isso é preciso me encasular.) Tive que olhar mais a fundo e me perguntar: “Quem sou? Sou ou estou? Sou o que faço? Ou sou o que não faço?”. Doente, resolvi soltar as cordas para que a correnteza fluísse.



- Memória coletiva.

2. Terra, ar, água



267





Eu narro o mito sobre a união de três forças. Espaços invadidos, já que cada uma, numa relação dialógica, foi construtora de matéria e demos suporte umas às outras. A primeira era silêncio. Incertezas de memórias. Certezas de não-memórias. Era nuvem e se fez de montanhas de algodão. Difusa, trouxe águas evaporadas e deixou livre o sonhar e o intervir. **A outra, perplexa no devaneio infantil, sedimentou suas brincadeiras, mantendo seu olhar nas ancestrais de que fazia parte. Amarelada. Avermelhada.** Soube ser o médium para as irmãs. A terceira, forças das águas, elaborou bacias hidrográficas escuras, já que a sua seiva era profunda. Entretanto, junto com o grupo, ela começou a escoar. Ficou mais clara. Líquida. Vem se tornando, novamente, azul. As águas já estão percebendo: chegou o momento de realizar. Na egrégora semanal, todos os seres jogam em condições semelhantes de poder. Todos estavam unidos em uma única vibração. Trazer, para a superfície, aparentes existências em memórias.

Assim, nessa instância, sou privilegiado. Visto que, com o mesmo objetivo, todos os seres daquele espaço e tempo, desenvolveram memórias coletivas, respeitando, ao se costurarem, as individuais.

Nós, pontos e laços, ocorreremos sempre. É como um encontro de rios. Ou do rio com o mar. Força estuarina. Pode ser em foz ou em delta. Salubridade é o resultado. Daí nasce o mangue. A lama. A margem. Anfíbia. Ambos os meios. Eles podem se unir revoltos ou mais brandos. Porém, desenterrando, sempre se sedimentam. Logo, ora a memória coletiva aterra fortalecimentos, ora aterra adoecimentos. Ora te evidencia, ora te invisibiliza. Basta saber qual é a engrenagem motriz. Todas as baixas autoestimas são introspecção de partículas narradas e

atuantes que, unidas, se transformam em oficialidade. Oficial. Social. Coletivo. Inverto. Empodero. Privilégio.

É nesse recorte que penso que o empoderamento da pessoal narrativa é a ressignificação da memória de quem as narra. Abençoado, eu sou anfíbia. Ambas as vidas. Sendo profundo, líquido exalado, estou observando a vida e o grupo. Salubre, eu guincho: "Serei eu, então, aquele que está a olhar a podridão dos outros, e, a partir daí, ser fértil outra vez?"

3. Erê(mitaR)

271

Silêncio é necessário. O "Não dito" diz. Das consequências das minhas falhas, a um passo. Das frustrações de envolvimento com o sistema, um passo. Das invisibilidades e dissimulações dos colegas, a um passo. Dos ruídos mentais que clamam a morte, a um passo. Para dentro. Para frente. O remédio? Necessito alimentar a vida, pois, assim, trato minha constante morte. Mover é se sentir vivo. E, para entender as razões, apenas uma receita: qual o sentido de minha existência? Sobre as areias, um esforço. Sustento a lamparina e parto em busca das memórias existenciais que me fazem ser quem sou hoje. Só assim saberei o que vem me movendo. Só assim abandonarei de vez o jogo, ou reconstruirei suas regras. Para além disso, dominarei as rédeas de minhas jogadas. Eremita. Erê - criança. In. Mitar - de mito. Fância.





273



MEMÓRIAS & NARRATIVAS EM ARTES VISUAIS

Recife (PE)

13 de junho de 2019

Treze horas. Afogados.

Para o coletivo, a cheia.

Para o individual, olho
d'água.

Cedros não para.

274

Chão do quarto. Teto do quarto. A água fundiu. Da agonia à cria (ação). Se quiser olhar para a memória, é preciso virar Narciso em reflexo d'água.



275

4. Concha-útero

Só piedade é o que define amor de mãe? PIEDADE, Praia de. Ali eu tive os abraços mais sinceros. Ali me fiz peixe, caranguejo, bivalve, tartaruga-oliva, cavalo-marinho. Se permanecer três horas no ambiente, das 9h às 12h, eu só conjugava (a)braços. Nas mãos de minha mãe. Nas mãos do mar. Inconsciente, esses encontros são libações mentais e emocionais. Se saí do útero, eu não sei.



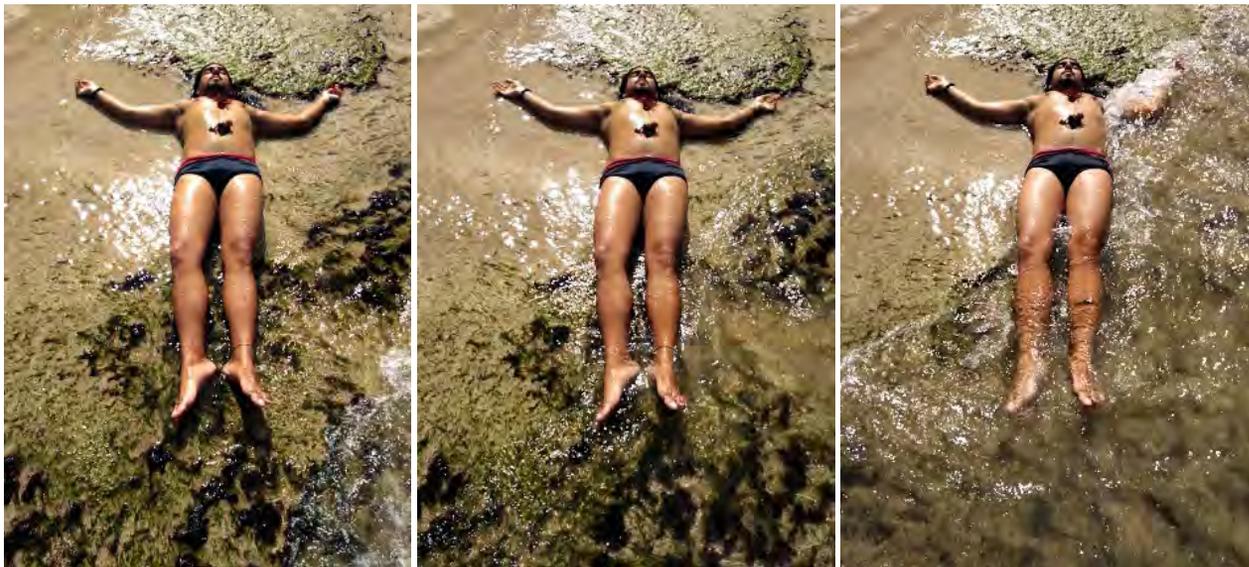
Felizmente, permaneço nele. Não tem como ser esse não ser, filho de Logun Edé, dentro da casa de Oxum. Após, no enredo, Oyá das águas do Rio Níger. Águas soberanas por onde passam. É feito Cedros. Bebem (e) revoltas. Também é quente demais como o mar de Iemanjá. Mãe cujos filhos são peixes. Mãe de Mainha. Mãe de Kátia. Mãe que abraça na areia. Abraços que talvez sufoquem. Se saí do útero, eu não sei.



Infelizmente, permaneço nele. Acomodei-me sendo amado demais. Muitos anos de existência empoeirando objetos e habilidades. Pedidos sobre o que posso desenvolver. TEMPO. Deitar e acordar. Correr e parar. É paradoxal, mas todo ser, quando entra na concha, prepara uma saída. Erram quando dizem que, na concha, o ser emudece. Na concha só existe força de saída, engrenagem de produção e nascimento.



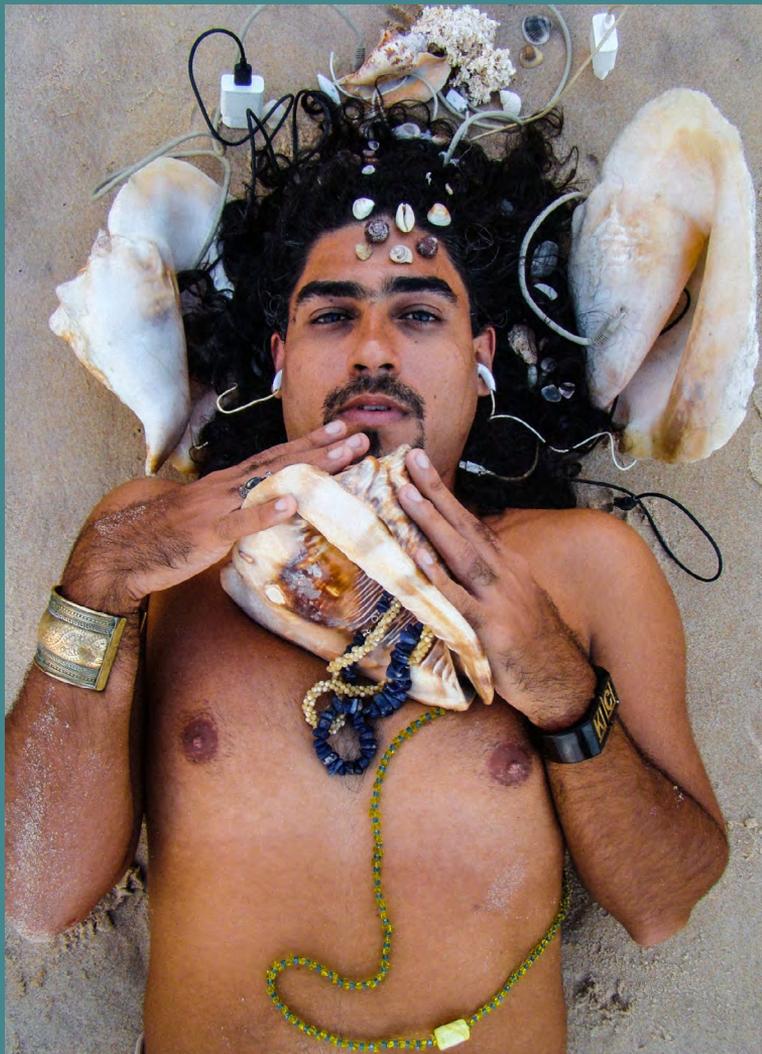
Eu não saí do útero.



5. (A)Parente memória

Daqui não espere descrição, já que elas não servirão para te informar. Estão aí. Cruas e veladas. Não no mesmo tempo, mas no mesmo lugar. Estão na superfície e no mergulho. São da vida adulta melada de infância. Não são palavras, são retratos. Imagens de uma individualidade costurada por várias outras. Pai e Mãe. E seus ancestrais. Os meus ancestrais.

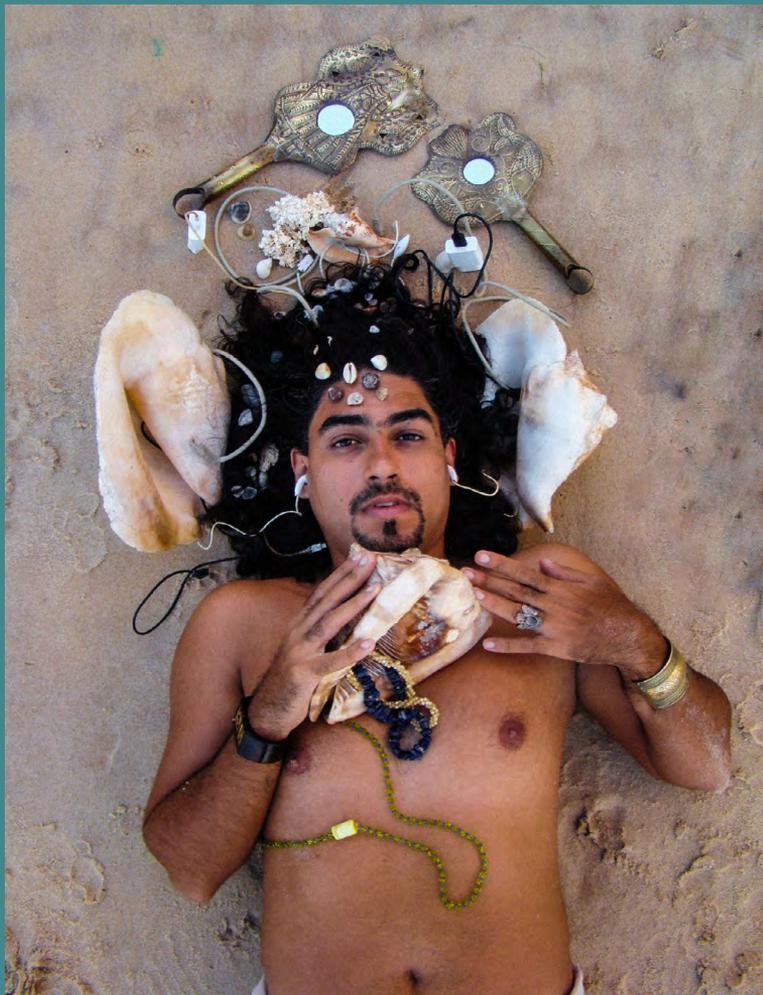
- Da mãe.



281

- Da mãe.

- Da mãe.



282

- Da mãe.

- Da mãe.



283

- Da mãe.

- Da mãe.



284

- Da mãe.

- Da mãe.



285

- Da mãe.

- Da mãe.



286

- Da mãe.

Sobre o dia em que o caranguejo me beijou

Nascida submersa, depois daquele dia ensolarado, aquela concha solitária nunca foi a mesma. Para o restante de sua vida, seria outra coisa, além do que as demais conchas daquele lugar são. Elas, que de dia permanecem fechadas, nunca souberam o que é estar voltada para o sol toda molhada e aberta, por ter sido beijada por um caranguejo azul.



- Soma.

- Sacro.

288

- Arte.

- Natura.



- Do pai.



289

- Do pai.

- Do pai.



290

- Do pai.

- Do pai.



291

- Do pai.

- Do pai.



292

- Do pai.

- Do pai.



293

- Do pai.

- Do pai.



294

- Do pai.

Sobre as autoras e os autores

295

Maria Betânia e Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com estágio na École Normale Supérieure, de Paris. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Graduada em Artes Plásticas pela UFPE. Graduanda em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB). Pesquisa sobre memórias, formação e práticas pedagógicas. Gosta de sentir o vento e a água no rosto. Ver o céu grande e o mar lhe provoca a sensação de infinito. Acordar com o canto dos pássaros e sentir o cheiro das plantas é maravilhoso. Gosta de bolo de milho quentinho e fofinho e de uma boa caneca de café com leite. Sonha em voar, conhecer o mundo, o espaço e, também, com a justiça social, econômica e cultural.

Bruna de Sousa Pedrosa Paes

Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB), produtora, curadora, artista, gestora, mãe-solo, doula, *superhost* na empresa Airbnb,

consultora em assuntos diversos e mentora da “Secretaria Resolve Tudo”. Gosta de maternar, de dançar, de performar, de escrever, de criar, de fazer qualquer tipo de trabalho manual e de fazer contas. Sonha em trabalhar com educação e com crianças, em empreender seu próprio espaço educativo, em auxiliar no bem nascer de crianças e mães, em voltar a ter independência financeira, em se (re)educar através da educação do seu filho e em ver seu país superar esse golpe, reinventando-se e refazendo-se, assim como nós fazemos cotidianamente.

296

Camila de Lima Cantil

Artista visual, arte-educadora, ilustradora e pesquisadora na área de fotografia. Graduada em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Participou das seguintes exposições: Até a Próxima Estação, mostra individual de fotografia, para o Festival de Inverno de Garanhuns (2019), e exposição coletiva no IX Salão Universitário de Arte Contemporânea do Serviço Social do Comércio (Sesc) Casa Amarela (2017), com itinerância no Sesc Petrolina (2018).

Camilla Fernanda da Fonseca

Mestra em Artes Visuais pelas Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB). Artista, pesquisadora e professora voluntária do Pré-vestibular da Gruta. Adoro conversar sobre alegria, amor e momentos felizes. Além de pintar, ler, dançar, ouvir música e de fazer algo para que o mundo seja melhor. Sonho em fazer um coreto no meu quintal, cheio de luzes, e que eu possa me sentar com alguém que eu amo para ver as horas passarem bem devagar.

Ediel Barbalho de A. Moura

Mestre em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba. Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua como arte/educador em espaços não formais da cidade do Recife. Possui experiência na área de Artes com ênfase em Educação Artística e Gestão de Projetos Culturais. O que mais gosta de fazer é ler e desenhar com giz pastel. Isso lhe faz bem. Seu sonho é ser um profissional realizado, atuando no campo da arte/educação, em uma instituição séria de ensino.

297

Glaucyellen Lopes da Silveira

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui experiência em mediação e arte/educação pelo Instituto de Arte Contemporânea (IAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), onde atuou de 2018 a 2020. Experiência em mediação e arte/educação na exposição *Para Si: em processo de ser* (2019) e na exposição *O estrangeiro daqui* (2019-2020) no Serviço Social do Comércio (Sesc) Casa Amarela. Atualmente, está estagiando na área de Artes dessa mesma instituição. cursou o Ensino Médio no Colégio Liceu Nóbrega de Artes e Ofícios (2014). As coisas que mais gosta de fazer são todas as que a faz sair da realidade e entrar em outro universo. Apaixona-se pelo mundo em livros, viaja através de filmes, séries e animes. Gosta de desenhar, pintar, inventar e imaginar. Seu maior sonho é poder viver uma vida boa, feliz e simples.

Heitor Souza Lima

Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Jaci Borba

Artista visual, graduada da Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Debruçada sobre os estudos em arte têxtil, performance, processos criativos em estudos de gênero, arte e cosmopolítica. O que mais gosta de fazer? Experimentações em artes visuais, cozinhar e praticar processos de fermentação natural, ver as tardes lindas, flertar com a lua, plantar... Quais seus maiores sonhos? Sair sozinha por aí, despreocupada, sem ter medo da violência por ser mulher. Que as próximas gerações sejam cada vez menos machistas. Que o/a profissional da arte seja valorizado/a. E que o meu trabalho se torne cada vez mais consistente e maduro. Manter sempre a lista de sonhos renovada.

298

Juliana Wanderley Silva

Mestra no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB), com pesquisa em ensino das Artes Visuais no Brasil, autobiografia e narrativas de vida. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em 2015. Possui experiência na educação básica como professora de Artes Visuais e em museus e galerias de arte fazendo parte do setor educativo. Atualmente, é professora tutora à distância no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), intermediando processos de ensino-aprendizagem e ministrando aulas presenciais no sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Tem foco nas

investigações do campo educacional e de formação docente. Em sua produção artística, flerta com as técnicas de gravura e aquarela traçando experimentações livres com temas que aludem ao corpo, à memória e à autobiografia.

Lizandra Santos

Graduanda da Licenciatura em Artes visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Artista visual, arte-educadora. Interessada em pesquisas sobre memória, narrativas e cultura visual.

299

Marcos Haas

Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB). Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), em 2015, e atualmente cursa licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com início em 2017. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema e Artes Visuais, com interesse principalmente nos seguintes temas: cinema experimental, arte contemporânea, identidade, gênero e sexualidade.

Marianna dos Santos Melo

Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui Ensino Médio pela Secretaria de Educação do Estado de Pernambuco (2013).

Mitsy Queiroz

Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba. É artista visual e pesquisador no

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB), investigando os tensionamentos entre fotografia, corpo e tempo. Integra o coletivo OCUPIRA que explora as visualidades do pós-pornô e sua performatividade política. Atua ainda como arte/educadore em projetos de formação em arte contemporânea e fotografia, além de ministrar aulas na Licenciatura EAD em Artes Visuais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Participa de Mostras de Arte desde 2012 na cidade em que reside, Recife (PE), assim como em Pelotas (RS), Curitiba (PR), Juiz de Fora (MG), Niterói (RJ), Santos (SP) e São Paulo (SP). Destacam-se o VIII Salão Universitário de Arte Contemporânea do Serviço Social do Comércio (Sesc) com itinerância do Sesc Casa Amarela, em Recife (PE), ao Sesc Petrolina (PE); coletiva da Galeria Eixo 2018 na fábrica Bhering, em Santo Cristo, (RJ); a exposição Tramações: cultura visual, gênero e sexualidades (2ª edição) na Galeria Capibaribe, em Recife (PE), e a mais recente participação no projeto residências artísticas Sesc Confluências, em sua primeira edição no estado de Pernambuco. Atualmente é representada pela Smith Galeria (Nova Zelândia).

Myllena Matos

Graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco. Possui Ensino Médio pelo Colégio Pierre Freitas (2014). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Visual.

Nicolý Vitorino

Graduanda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Oneida Karoline Falcão Silva

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Experiência de estágio em Saúde Mental, com ênfase na clínica de base analítica junguiana. Experiência em extensão universitária com dispositivos grupais, do Grupo Comum, antigo Grupo Muda, do Departamento de Psicologia, utilizando metodologias participativas. Atualmente tenho investido mais tempo com o preparatório para a residência de perfil hospitalar, em Saúde Mental, buscando alguns recursos para iniciar a prática clínica. Gosto da facilitação de trabalhos com grupos, usando recursos arteterapêuticos. Penso em futuramente fazer a formação em Arteterapia e uma pós-graduação em Psicologia Analítica Junguiana. Gostaria muito de fazer a formação em Artes Visuais. Imagino que seja possível num futuro mais distante, quando a vida financeira estiver menos instável. Também penso em realizar atividades sociais em comunidades da periferia, tanto por iniciativa própria quanto através de uma ONG que já realize algum trabalho do gênero.

Pamela Silveira de Moura

Graduanda da Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Participação em projeto de extensão – Grupo de Apoio Acadêmico (GAP), em 2017. Tenho como objetivo futuro criar e desenvolver uma marca, fazendo a junção entre arte e moda.

Rayellen Alves

Graduada do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui Ensino Médio completo em Escola de Referência em Ensino Médio Eurico Pfisterer (2012). Formação técnica em Rádio e Televisão

(2014) pela Faculdade Maurício de Nassau. Graduada a nível tecnólogo em Gestão e Marketing pelo Instituto Pernambucano de Ensino Superior (2014).

Renata Wilner

Possui Graduação em Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestrado e Doutorado em Artes Visuais pela UFRJ. Atuou como professora de Artes Plásticas em escolas das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro e como pesquisadora de Arte na Empresa Municipal de Mídia (Multirio). Atualmente é Professora da Universidade Federal de Pernambuco e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais das Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB). Foi coordenadora do Instituto de Arte Contemporânea da UFPE. Diretora institucional da Federação dos Arte/Educadores do Brasil. Coordenadora do Programa Licenciaturas Internacionais na UFPE para Artes Visuais e Teatro. É chefe do Departamento de Artes da UFPE. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arte/Educação atuando nos seguintes temas: ensino de Artes Visuais, diversidade cultural, arte contemporânea, mediação cultural.

Rhayssa Figueiredo

Mestranda na área de Artes Visuais pelas Universidades Federais de Pernambuco e da Paraíba (UFPE/UFPB). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais, com ênfase em digital, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), em 2015. Atualmente é professora do Colégio Horizonte e tutora presencial da Universidade Norte do Paraná (Uenp). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Artes, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, arte-educação e tecnologia.

Sandro Drumond Barbosa de Moraes

Graduado em Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no ano de 2016. Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), com previsão de término em 2022. Participou do Grupo de Pesquisa "A Abordagem das Temáticas de Cultura Indígena, Afro-Brasileira e Popular no Ensino de Artes Visuais", entre os anos 2012 e 2013. Foi bolsista do Programa Jovens Talentos para Ciência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), em 2012. Realizou atividades de monitorias em Pintura, em 2013; Consciência Corporal e Expressão Artística, em 2014; e Arte e Antropologia, entre 2014 e 2015. Por último, foi estagiário na área de Desenvolvimento Artístico e Cultural no Serviço Social do Comércio de Pernambuco (Sesc/PE) nos anos de 2015 e 2016. Possui interesses na área de Artes Visuais; Diversidade Étnica-Cultural; Cultura Visual; Antropologia e Religião; Ensino de Ciências.

303

Título Memórias e narrativas em artes visuais
Organização Maria Betânia e Silva
Formato *E-book* (PDF)
Tipografia Expo Serif Pro (texto) e Brother 1816 (títulos)
Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE
CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397
editora@ufpe.br | editora.ufpe.br



PROEXC
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO E CULTURA